REVISTA DA SEMANA

N. 33 15-8-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

O SWEEPSTAKE DE 1953

•

MARGARET DESAFIA GLAMIS

•

O IMPERADOR GALANTE

UMA NOVA PRA-9

Ouçam a nova Rádio Mayrink Veiga — a Sua PRA-9... para conhecer o que de novo o rádio possui! Novo transmissor de 50 kilowatts... Novos auditórios e estúdios com perfeito tratamento acústico...! Novo elenco... Novos programas... e nova orientação... fazem da RÁDIO MAYRINK VEIGA uma nova grande emissora!

A Rádio Mayrink Veiga trabalha intensamente para a recuperação total do seu prestígio. Artistas... produtores... músicos... técnicos e operários, confundem-se numa sinfonia de martelos, melodias e máquinas de escrever, no preparo de iniciativas palpitantes e oportunas que levarão de volta à onda dos 1.220 quilociclos a sua imensa legião de ouvintes. Surge um novo auditório... estúdios... e instalações de bom gôsto, providos dos melhores recursos da técnica de engenharia acústica! Novos artistas... novos cartazes... e a Rádio Mayrink Veiga envereda por uma fase de realizações magníficas, feitas nos moldes populares e de elite, num empreendimento de absorção de ouvintes de todos os gostos. É uma renovação no rádio carioca. É um trabalho de utilidade pública. Porque a **nova PRA-9** vem ao encontro das preferências diversas, oferecendo aos ouvintes programas de bom humor, iniciativas culturais, rádio-teatro de qualidade, sadias atrações de auditório, boas músicas e informações objetivas de interêsse geral, refletindo os anseios e reclamos do povo!

RÁDIO MAYRINK VEIGA -- PRA - 9

Rua Mayrink Veiga, 15 - Telefone: 235991



O GRANDE "MEETING" DO TURFE

Plumas e abas largas sobressaíram — Casacos de peles em profusão — Acidentes — Muita animação e elegância — Gualicho vence a grande carreira pela segunda vez consecutiva

Texto de SAMUEL AVERBACH

Fotos de JOSÉ SANTOS

QUIPROQUÓ

AWAY

GUALICHO

A sensacional chegada do [illegible] mio Brasil de 1953: Gualicho [illegible] espelho, galopando com [illegible] enquanto Away, por fora, [illegible] a carga final do cavalo [illegible]



Away e Obolenski, que correram em parelha, conduzidos por F. Irigoyen e Domingos Ferreira.





Na primeira passagem pelo espelho, Gualicho acompanha fàcilmente o galope do vanguardeiro Away, e Quiproquó é amansado por seu

PELA vigésima primeira vez disputou-se, no Hipódromo da Gávea, o Grande Prêmio Brasil, festa magna do turfe carioca e brasileiro. Como soe acontecer todos os anos, foi enorme a afluência ao prado de corridas e o elemento feminino, mais uma vez, deu a nota de elegância na bela tarde do primeiro domingo de agôsto. Embora o sol viesse conspirar contra os abrigos de peles, muitas das elegantes cariocas e paulistas, que compareceram, apresentavam-se magnìficamente trajadas com êsses custosos adornos, a par dos costumes e «toilettes» de inverno. No entanto, o que mais chamou a atenção dos apreciadores do belo sexo foram os chapéus de abas largas que, desta vez, deixaram longe os de plumas, tão bem apresentados nos anos anteriores.

O movimento no hipódromo começou muito cedo: às dez horas, as diversas tribunas já abrigavam dezenas de milhares de pessoas e, por ocasião da disputa do primeiro páreo, encontravam-se completamente lotadas.

Tiveram, então, início os dois espetáculos: um, o mais atraente sem dúvida, ali na «pelouse», com o vai e vem das jovens, dos «brotinhos» e das senhoras mais idosas, dando insano trabalho aos fotógrafos e aos olhos dos apreciadores da moda e da beleza; e o outro, mais emocionante e cheio de surprêsas, dentro da pista, com os esforços conjugados dos

Os animais contornam a curva do relógio, logo após a primeira passagem pela meta final. Away e Gualicho destacam-se dos demais.



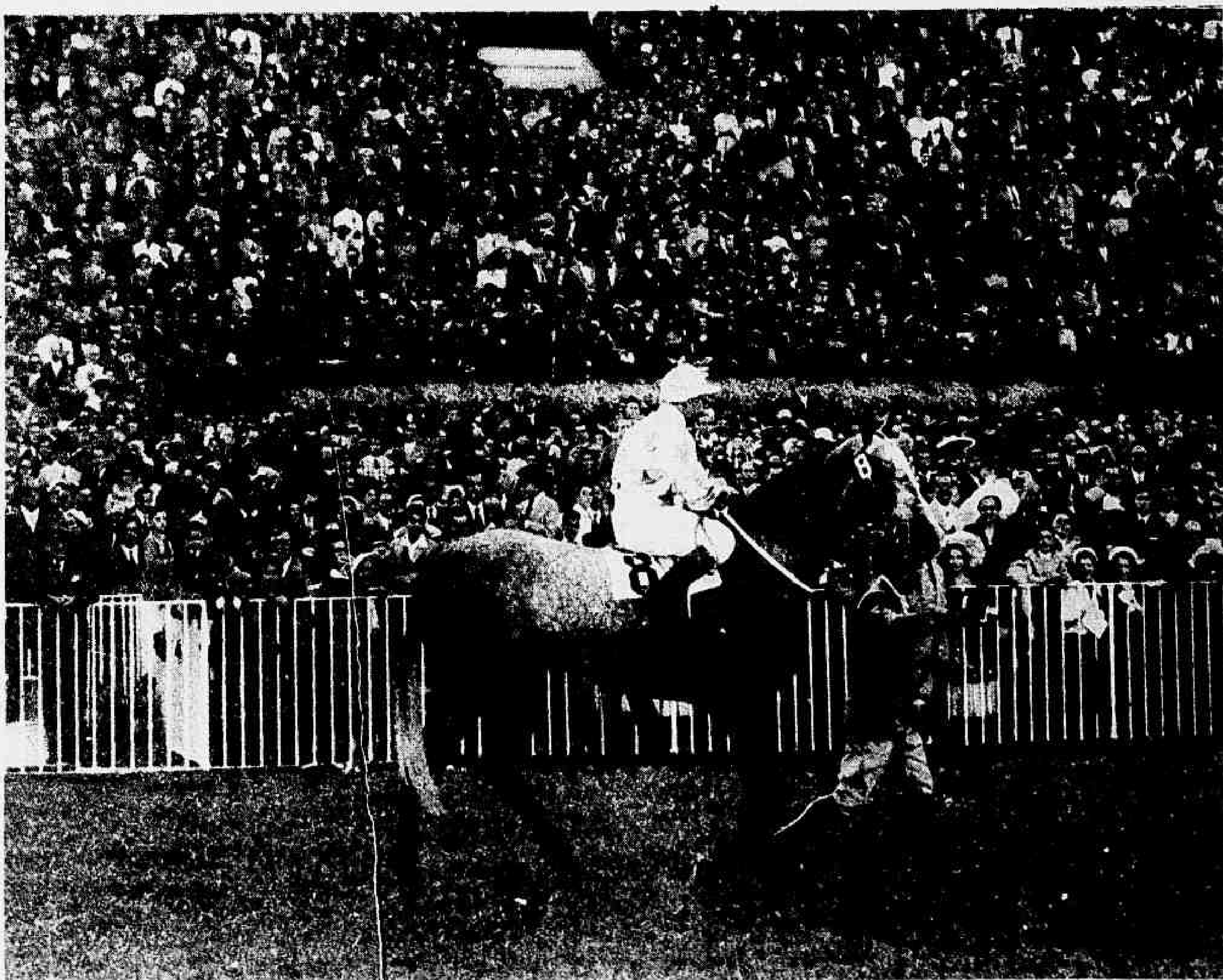
jóquei, a fim de evitar um imprudente desgaste de energias. Solano, que mancou durante a carreira, acompanha fàcilmente o «train».

jóqueis e de suas montadas em busca da vitória nos páreos de polpudas dotações.

E, assim, a tarde foi passando, em meio às manitestações peculiares à festa do primeiro domingo de agôsto. Aqui e ali registravam-se discussões acaloradas, algumas delas terminando em briga. A maior parte dessas rusgas surgiu por causa da guarda de lugares. Enquanto uns iam fazer apostas, outros tomavam conta do banco. Aparecia um turfista cansado de permanecer de pé e sentava, apesar dos protestos dos outros. Daí para os bofetões era um pulo. Mas, no fim, tudo serenava, e as atenções voltavam-se novamente para a pista.

A ocorrência mais dolorosa de tôda a corrida teve lugar durante a disputa da sexta carreira. «Rodaram» três animais, cuspindo, ao solo, os seus ginetes. Um dêstes fraturou o nariz e outro machucou-se sèriamente, sendo transportado para o Hospital dos Acidentados com fratura cominutiva do crânio, em estado de coma. E, dos equinos, um teve de ser sacrificado em plena pista.

Mas não durou muito a consternação geral pelo faustoso acontecimento, pois, minutos após, entravam na raia os concorrentes ao Grande Prêmio Brasil, trazidos por seus jóqueis e pelos cavalariços. Todos apresentavam-se em forma soberba, segundo demonstraram no galope de apresentação, e a assistência acolheu com palmas os seus favoritos. Os mais ova-



Quiproquó, o valente tordilho nacional, prepara-se para o galope de apresentação, sob as vistas curiosas do enorme público presente.

O GRANDE "MEETING" DO TURFE



Olavo Rosa, o afortunado condutor de Gualicho, não esconde o seu contentamento por mais esta vitória do grande craque argentino.

cionados foram o favorito Gualicho, o vistoso Away e o tordilho nacional Quiproquó.

Terminado o «canter», decorreram mais alguns minutos e, num ambiente de grande expectativa, os concorrentes dirigiram-se para o «starting gate» dos 3.000 metros. Ouviu-se, então, um grito unissono da multidão: «Largaram!». Desde o início da sensacional corrida, Away, Gualicho e Quiproquó ocuparam as três primeiras colocações e assim vieram até a reta final, onde Gualicho assomou a vanguarda, destacando-se dos seus oponentes e vencendo a prova, com facilidade, secundado por Away e Quiproquó. O magnífico puro-sangue argentino levantava, assim, pela segunda vez consecutiva, o Grande Prêmio Brasil.

Após a carreira, foram enormes as manifestações de júbilo tributadas ao animal e seu jóquei e, também, ao treinador e aos proprietários do craque. Na sala da repesagem, Olavo Rosa e Manuel Branco não chegavam para os abraços, enquanto, lá fora, algumas centenas de curiosos e fãs de Gualicho olhavam-no, enlevados, enquanto o soberbo animal passeava calmamente, aguardando o momento de voltar à cocheira.

Começou então o defluxo. Milhares de pessoas deixavam o hipódromo, tôdas de fisionomia cansada, pelas horas de sacrifício em que se comprimiram por tôdas as dependências do prado da Lagoa Rodrigo de Freitas. Nos que vinham sorridentes identificava-se, de pronto, os mais felizes, que haviam ganho nas apostas. Os demais vinham abatidos, pensando nas economias que haviam depositado nas patas dos animais.

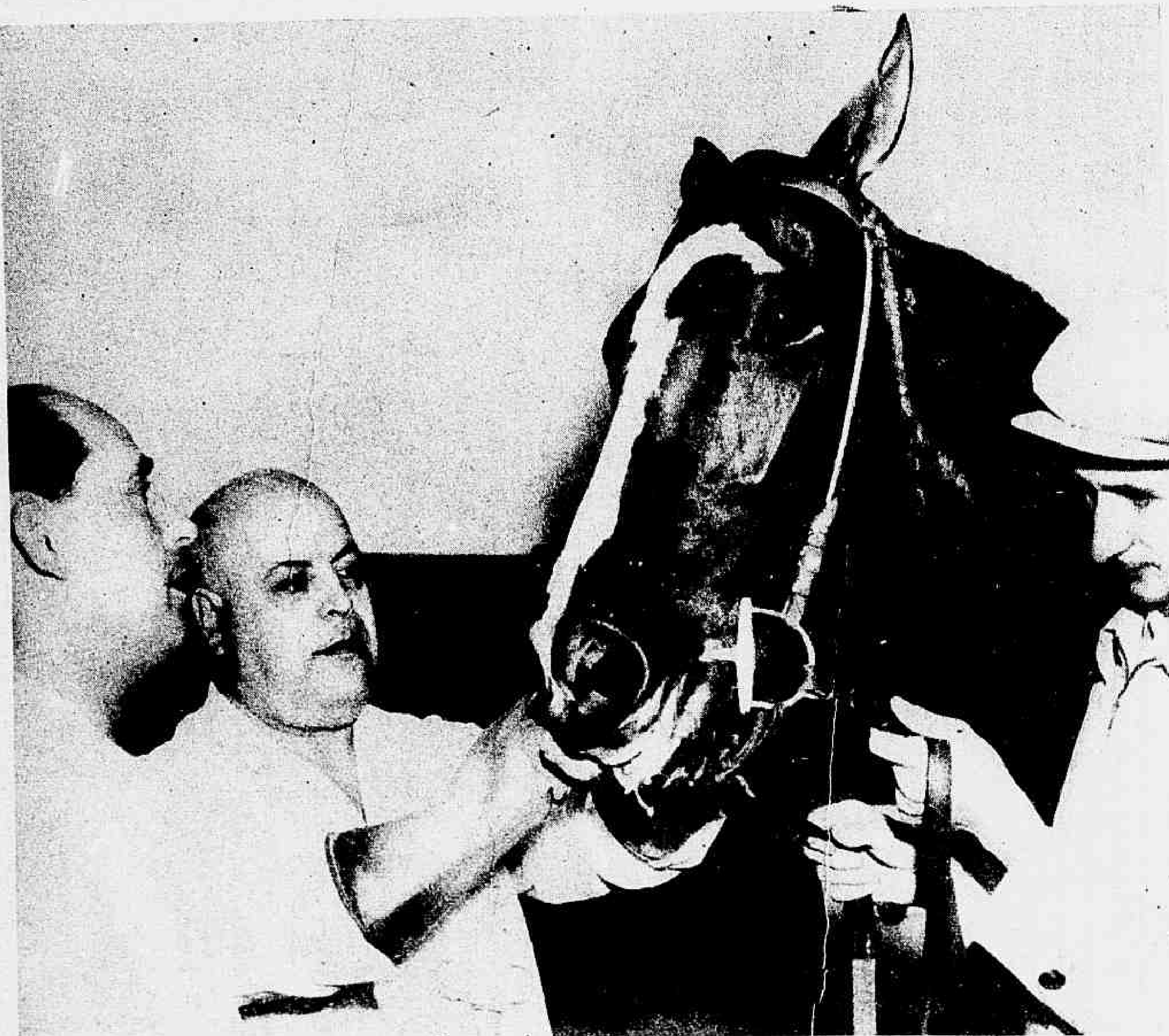
Alguns milhares de turfistas, mais afoitos e persistentes, mantiveram-se, firmes, em seus postos, aguardando o último páreo, esperançosos de poderem recuperar uma parte do que já haviam perdido . . .

Lá para as dezenove horas, finalmente, o movimento se normalizou na Praça Santos Dumont. De tôda a festa, de todo o entusiasmo, restavam, apenas, centenas de milhares de papéis, dos mais diversos tamanhos, espalhados pelo chão. Eram as «poules» e acumuladas que, durante algumas horas, haviam concentrado as esperanças e os sonhos da enorme multidão que compareceu ao mais belo hipódromo do mundo!

OS VENCEDORES

GUALICHO — Nasceu na Argentina, em 1948. Filho de The Druid e Golconda. Veio para o Brasil em 1951. Correu três vêzes no seu país de origem, vencendo duas carreiras e tirando um segundo. No Brasil disputou treze provas, vencendo dez e colocando-se duas vêzes em segundo e uma em terceiro. Entre suas principais vitórias destacam-se as do Grande Prêmio São Paulo, em 1952 e 1953 e as do Grande Prêmio Brasil, em 1952 e 1953. É o recordista dos 2.400 e 3.000 metros em São Paulo, e dos 3.000 metros no Rio de Janeiro. Já levantou, em prêmios, mais de cinco milhões de cruzeiros.

OLAVO ROSA — Um dos maiores bridões nacionais de todos os tempos. Dedica-se à profissão há cêrca de quinze anos, atuando nos hipódromos da Gávea e de Cidade Jardim. Venceu três vêzes o Grande Prêmio São Paulo (uma com Jocosa e duas com Gualicho) e duas vêzes o Grande Prêmio Brasil, ambas com Gualicho. Já tem os cabelos grisalhos, apesar de ser relativamente novo. Pretende aposentar-se o mais breve possível, só não o fazendo até agora por causa do craque Gualicho, por quem nutre imensa afeição. Possui várias propriedades no interior de São Paulo, para onde pretende transferir-se tão logo abandone a arriscada profissão.



«O monstro», como é chamado por seus fãs, contribui com um pouco de saliva, para o exame do Serviço de Repressão ao Doping.







Como vemos por êstes flagrantes, as senhoras e senhoritas que compareceram ao «meeting» tiveram cuidados especiais em seus trajes.













Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 16 de Agosto de 1903

CHONICA

NOSSA Senhora da Gloria! Todo um passado e todo um futuro essas quatro palavras encerram. Para os velhos para os que já têm neve nos cabellos e sulcos nas faces, Nossa Senhora da Gloria evoca tempos ditosos que para traz ficaram e agora apenas se vêm, indecisos, vagos, envoltos numa neblina de saudade.

Esse nome desperta nesses recordações dulcissimas: dias de vivo sol no céo e nos corações, em que palmilharam a ladeira do Outeiro, alegremente, em demanda da ermida branca lá ao alto poisada e — quiça — de uns olhos negros que dentro do templo regorgitangte deviam estar brilhando mais que as luzes dos altares. N. S. da Gloria relembra uma noite de luminarias; cá embaixo no largo — hoje um lindo jardim — barraquinhas bizarras com muito e muito alegre povo à roda, um borborinho de colmeia activo, um acotovellamento com esbarros felizes, com ditosos encontrões, talvez um segredinho, uma palavrinha murmurada no aperto, um aviso, uma declaração, quem sabe, até se uma cartinha passada num rapido e furtivo aperto de mão?!

● Festa da Gloria, a festa querida, a grande festa verdadeiramente nacional, quantos não estarão hoje evocando quinzes de agosto já idos, com suspiros fundos, saudosos, melancolicos?

Isso os que têm prata nos cabellos e rugas nos corações.

Aos moços, não interessa menos o dia de hoje, que é o dia da Senhora da Gloria e a gloria é o sonho da mocidade, a ambição suprema dos de sangue ardente e novo. A Gloria! Por ella quanta luta, quanto heroismo, quanto sacrificio, resignadamente soffridos. Quem é que dá coragem ao artista incomprehendido, ao sonhador chasqueado pela ignorancia, ao bohemio descuidoso, ao scientista grave, ao austero investigador, ao soldado bravo, ao marujo destemido, ao crente fervoroso, a toda a gente enfim, se não a gloria cujo sorriso — ai! tão difficil de alcançar! — deslumbra, fascina, embriaga. Quantos, por lhe merecer um beijo dos labios formosissimos não têm dado, não darão sangue e vida? Pois ao Gloria, todas as glorias, as do mundo vario, que os homens concedem, ou a do Céo que só Deus distribue, todas as glorias, a Senhora da Gloria, as resume em si, na sua figura meiga e suave, no seu olhar protector e bemdito que, hoje, dia seu, de sua festa, ha de estar refulgindo entre as flores perfumadas do seu lindo altar, na Egrejinha branca do redondo Outeiro cuja falda o mar lambe, cujo dorso o sol beija...

JOSÉ VARIO

OS CANARIOS

NÃO dous os meus canarios. Vieram construir o seu ninho aqui para perto de mim, um mez atraz, quando os campos se vestiram de flores, e elles, os canarios, festejavam as suas nupcias talvez... vejo-os todas as manhãs. O sol nasce e elles vêm com o sol de lá das bandas da aurora, ruflando as azas, alacremente, trinando. Levanto-me e vou vel-os. E elles, lá estão, posados nos verdes ramos da velha arvore frondente, alacres, contentissimos, ostentando garbosamente ao sol a plumagem dourada, a trillar amorosos, entre beijos e caricias.

Amam-se: são felizes... Tenho inveja d'elles porque se amam. E elles divertem-se a zombar de mim, tenho a certeza! Porque, sempre que me vêm, têm alguma cousa para segredarem ao ouvido em gorgeios quasi inaudiveis? Porque, sempre que me vêm arrulham mais amorosos, mais ternos e beijam-se cada vez mais? — pergunto a mim mesmo mentalmente. E o coração, commovido, responde baixinho, cá de dentro do peito, com mêdo de ser ouvido.

— Pois não vês? Não comprehendes?

Zombam de ti porque se amam reciprocamente e tu amas sem esperança; zombam de ti porque o teu amor, coitado! não tem essa reciprocidade de affectos, de ternuras, de carinhos que tem o amor dellas, as garrulas aves...

RAYMUNDO MAGALHAES

PEQUENOS ANUNCIOS

ALFAIATARIA BARRA DO RIO — Todo freguez que fizer a despeza de 10$000, receberá um cartão numerado com direito a duas ou mais Apolices do Emprestimo Municipal, que serão sorteados com a grande loteria do Natal a extrahir-se em dezembro proximo. 146 A rua Sete de Setembro.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 33 ★ 15-8-1953

SUMÁRIO

O grande «meeting» do Turf 3/7
Escolhendo o mais belo manequim do Brasil 12/15
Conta-nos sua vida o astro Bob Taylor 20/21
Chamaram-me Cassandra 24/25
Cavalcânti filmando em Olinda ... 27/29
Margaret desafia Glamis 30/32
Coisas de doidos 43
O Imperador galante 54/57

Beleza nua e crua 9
A verdadeira Maria Quitéria 18/19
A Bem-Amada 22/23
Semana literária 33
Elizabeth da Inglaterra 34/35
Porque matei o violinista (conto) .. 51

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
Janela sôbre o mundo 36/37
De Rádio 44
De Cinema 45
Arabelle 48
De Teatro 50
Último flash 58

A luz da psicanálise 16
Os tecidos 38/39
A «torera» ferida 40
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: Aurora Duarte
(Veja reportagem nas págs. 27/29)

●

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses ...	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 280,00
Seis meses ...	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...	Cr$ 400,00
Seis meses ...	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

BELEZA NUA E CRUA



OS nudistas da Inglaterra acabam de dar a mais sensacional resposta ao recente concurso de beleza mundial, levado a efeito em Long Beach, nos Estados Unidos. Enquanto na Califórnia, se elegia Miss França, como a mais bela mulher dêste planêta, dentre setenta e tantas candidatas, mas tôdas elas expondo aos juízes lindos corpos protegidos pelos «bikinis» e maiôs reduzidíssimos, os inglêses realizavam seu concurso de beleza feminina, sem qualquer dissimulação de «véus da fantasia». Tôdas as candidatas desfilaram completamente despidas, sem nenhum constrangimento ou falso pudor, como é da teoria edênica antes de Eva mastigar e engulir o fruto saboroso da árvore do Bem e do Mal. O nudismo nos países europeus de sangue anglo-saxão é comuníssimo, espalhando-se os seus clubes e associações, com a mesma naturalidade com que aqui no Brasil, há o futebol, ou o «ping-pong». E' uma concepção normal e justa daquilo que, para nós, os profanos, é imoral e repulsivo.

● Depois do desfile das belezas integrais, foi proclamada aquela que, pela estatura e formas esculturais, mereceu a unanimidade da comissão julgadora, composta de senhoras de absoluta integridade moral, técnicos em Artes Plásticas, com a insuspeita supervisão, de senhoras respeitàvelmente nudistas, curadas de preconceitos. Entre homens e mulheres sempre há divergências em tôrno de beleza feminina. Mas, da maneira por que foi efetuado o concurso de formosura nudista na terra de Churchill, nenhuma dúvida poderá haver: êles e elas chegaram à conclusão de que a eleita mereceu, realmente, o título de a «mais bela mulher dêste mundo». O caso alvoroçou os meios jornalísticos e surrealistas da Europa, havendo grandes empenhos para que se obtivessem fotos da rival de Miss França, hoje Miss Universo.. vestida. Mas, embora os nudistas não vissem inconveniente nenhum em publicar a fotografia de sua Vênus, sem mutilação, os donos da Moral pública, que dominam o mundo por fora dos muros dos Clubes de Nudismo, proibiram terminantemente o confronto entre a vitoriosa de «bikini» e a rival inglêsa vestida de Eva antes de Adão cair na esparrela.

● E ficamos sem saber se houve justiça na velha Albion, o que contraria muitos sábios, não pelo desejo de examinar a Justiça, mas pela ansiedade inocente de admirar a beleza viva, nua e crua. O progresso do mundo em matéria de «pouca roupa» é constante, não sendo de espantar, se, dentro de alguns anos, fecharem as fábricas de tecidos, falirem as modistas e os alfaiates. Antigamente, até o vento alarmava as mulheres, colocando-se chumbo na barra das saias, especialmente das moças. E' conhecido aquêle episódio no adro da igreja de uma cidade do Ceará. Ia a matrona com sua filha ao santo ofício da missa. Ameaçava tempestade. O vento soprava sem respeitar olhos e saias. Quando a velha subia os primeiros degraus da escadaria do templo, um «redimunho» mais forte a fêz gritar para a filha: «Segura a saia, menina, que lá vem o ESCANDELOSO!» O «escandeloso» era o vento, coitado, anunciando alegremente o pé dágua próximo. Que diria d. Maricota dos Inhamuns se soubesse que, na Inglaterra, pátria de Santos e de grandes moralistas, já se realizam concursos de beleza feminina, sem o «arcaísmo» dos «bikinis»?

RENATO DE ALENCAR

A PERSONAGEM DA SEMANA



O requerimento de urgência feito perante o Senado Federal em relação ao já famoso projeto que dispõe sôbre a profissão de jornalista, voltou a colocar o assunto em grande evidência na semana que findou. E' uma proposição legislativa que contém as mais absurdas normas e que, entre muitas coisas inconcebíveis, transformaria, se aprovada, em jornalistas até os cabineiros de elevadores e contínuos das emprêsas jornalísticas, bem como, pràticamente, qualquer empregado duma emissora. Seria, antes de mais nada, o aviltamento da própria profissão, sem dúvida tão digna quanto outra qualquer. Os cofres da Nação tão onerados, inclusive por fôrça de favores e direitos concedidos a gente que, de fato, não trabalha para o serviço público, passariam a sofrer um maior ônus: contagem de tempo de serviço em jornal para efeito de aposentadoria de funcionários públicos. E assim por diante: um amontoado de erros, privilégios e favores.

● Estudando o assunto com coragem e a competência com que na Câmara o deputado Daniel de Carvalho apreciou a matéria, o senador Ferreira de Souza, em longo e bem fundamentado parecer, deixou bem claras as inconstitucionalidades flagrantes e as injustiças notórias que se pretende transformar em lei. Foi esta mais uma etapa da luta que a imprensa livre sustenta há tempos e não se sabe ainda até quando, porque hoje em dia só existe a preocupação de criar direitos seja como fôr. Dir-se-ia que estão para desaparecer a noção do dever e a concepção legal da vida num país que tanto precisa de organização e de trabalho, como é, sem a menor dúvida, o caso do Brasil.



O MISTÉRIO DA PASTA — Em dias da semana passada noticiaram os jornais a tentativa de invasão do lar do jornalista Carlos Lacerda, por três desconhecidos que ali foram sob pretexto de apanhar uma pasta a mando do mesmo. A empregada, porém, sabendo que o patrão estava em viagem, desconfiou e deu o alarma. Quando o jornalista chegou, achou graça na história da pasta; mas se preveniu. A polícia destacou um guarda para manter vigilância no apartamento do sr. Carlos Lacerda, até que passem as contingências dêste vendaval. A empregada, porém, garante que é capaz de reconhecer um dos «caras», como diz ela, vitoriosamente. (Fotos O GLOBO).

A SEMANA EM REVISTA



ANIVERSÁRIO DE «O GLOBO» — Estêve em festas a redação do vespertino «O Globo», pelo transcurso do 28º aniversário de sua fundação, a 1 de agôsto. Jornal dos mais prestigiosos da imprensa brasileira, «O Globo» conquistou, ràpidamente, as simpatias do país, impondo-se aos seus leitores como órgão de vultosas tiragens, de aspecto agradável e sumamente noticioso. Atualmente pertence a uma emprêsa jornalística de cujas oficinas saem diversas publicações de caráter popular, abraçando os mais variados setores das atividades profissionais. Na foto, um aspecto do almôço na A.B.I., quando discursava o sr. Roberto Marinho, seu diretor. (Foto O GLOBO).

PRODUZINDO SEMPRE MAIS ENERGIA ELÉTRICA!

EXPANSÃO da CAPACIDADE:

Instalada

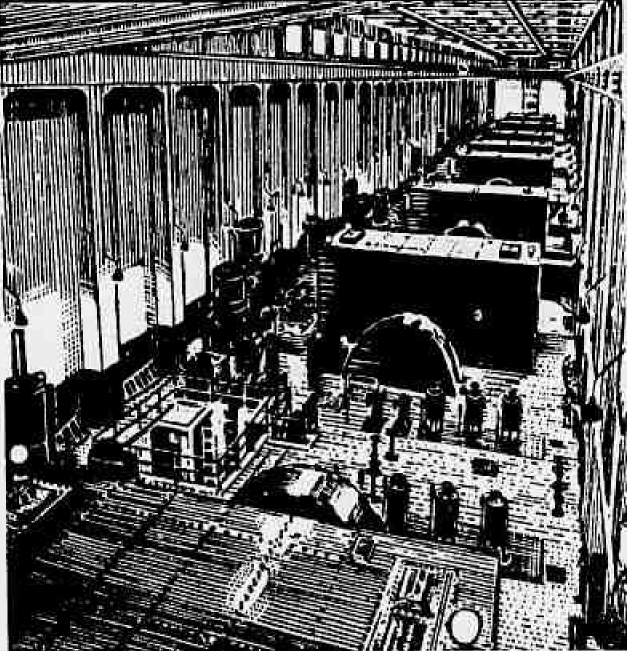
Em 1901 = 2 000 kW
Até 1937 = 410 000 kW
Até 1950 = 963 000 kW

Em construção até 1956

790 000 kW

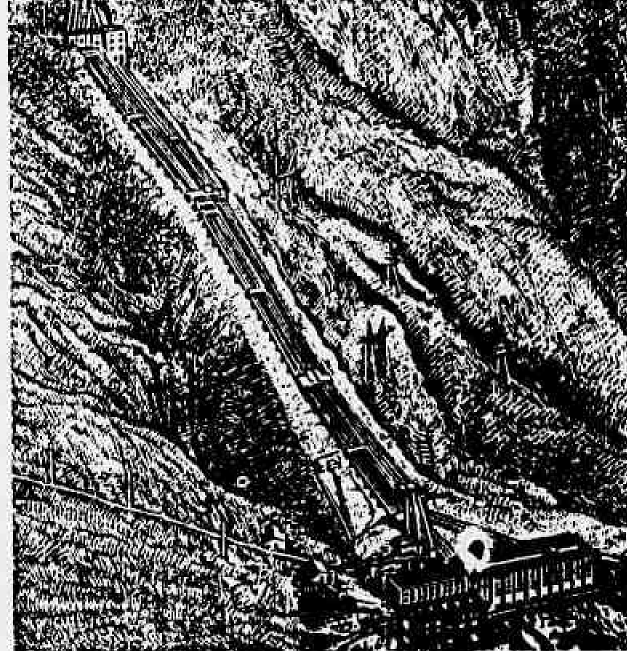
De 1937 a 1952 a capacidade do sistema aumentou em mais de 100% e com a execução das obras em andamento, a capacidade geradora se elevará em futuro proximo a 1 753 000 kW

1938 • 540 000 kW



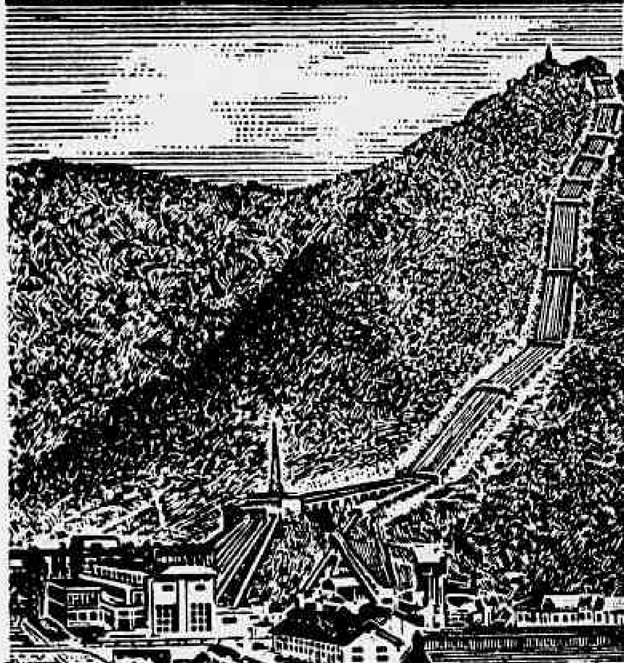
Em 1938, com a instalação de duas novas unidades de 65 000 kilowatts cada uma na Usina de Cubatão, o total da capacidade geradora passou a ser de 540 000 kilowatts.

1947 • 758 000 kW



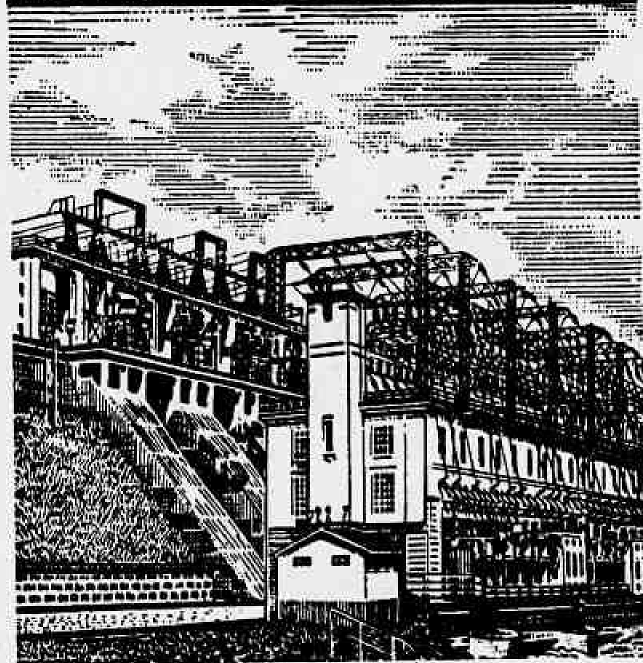
Durante os anos de 1940 a 1947 várias novas unidades geradoras entraram em serviço nas usinas de Cubatão e Fontes num total de cêrca de duzentos e dezoito mil kilowatts.

1948 • 823 000 kW



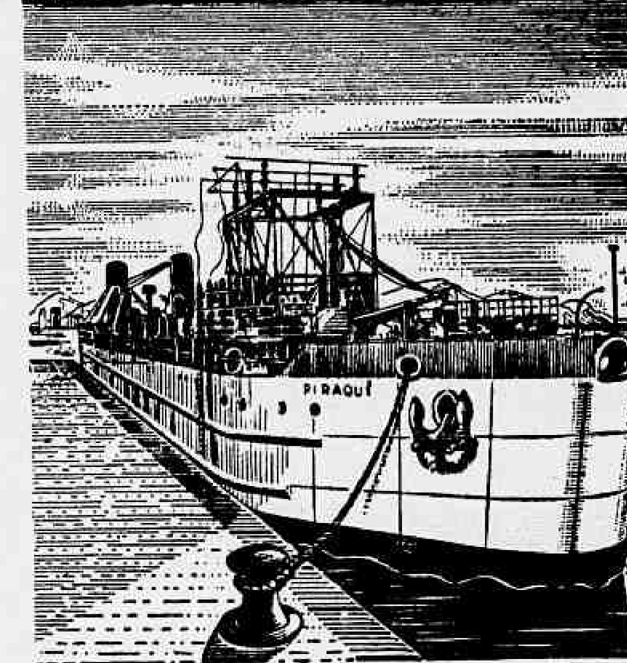
Em 1948, novo aumento da capacidade da Usina de Cubatão, com a instalação de mais um gerador de 65 000 kilowatts, elevou a capacidade do sistema para 823 000 kilowatts.

1949 • 868 000 kW



Em 1949, foi completada a instalação do gerador N.º 5 da Usina de Ilha dos Pombos, no rio Paraíba. Com isso, a capacidade do sistema foi aumentada em mais 45 000 kilowatts.

1950 • 963 000 kW



Em 1950, entraram em serviço o 8º gerador de Cubatão, com 65 000 kW, e a Usina Flutuante Piraquê, de 30 000 kW, aumentando a capacidade instalada do sistema em 95 000 kilowatts.

E CONTINUANDO SEMPRE A EXPANDIR-SE...

Desde a inauguração, em 1901, da sua primeira usina hidroelétrica, a de Parnaíba - hoje Usina Edgard de Souza - as Companhias do Grupo Light ampliaram os seus sistemas geradores e distribuidores de energia elétrica antecipando-se à demanda prevista. No após guerra, não foi possível expandir o sistema de acôrdo com os planos previamente estabelecidos, por circunstancias fora da alçada das Companhias.

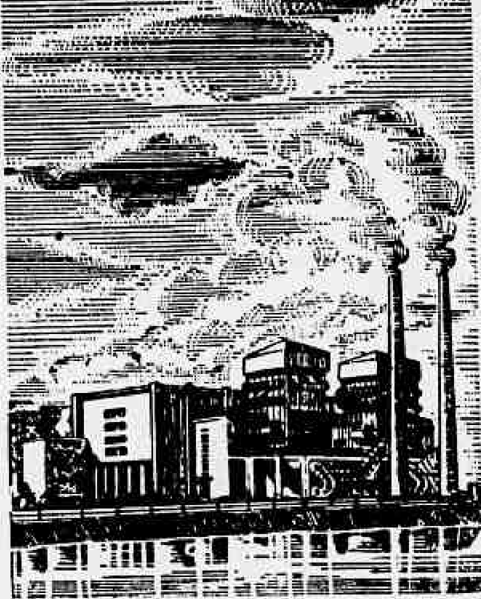
Além da usina subterrânea Forçacava - ora em sua fase final de construção - duas outras, a termo-elétrica de Piratininga e a subterrânea de Cubatão, estão iniciadas, embora ainda dependendo da ultimação de medidas de financiamento e importação.

Mais • 330 000 kW



Usina Subterrânea de Forçacava
Terá capacidade de 330 000 kW. No segundo semestre de 1953, entrarão em serviço as primeiras unidades.

Mais • 200 000 kW



Usina Termo-elétrica Piratininga
Terá capacidade geradora total de 200 000 kW; a primeira das suas 2 unidades será inaugurada em 1954.

Mais • 260 000 kW



Usina Subterrânea de Cubatão
Terá, em 1956, quatro das 6 unidades de 65 000 kilowatts. A capacidade final será de 390 000 kilowatts.



MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO BRASIL!



CATHERINE
GRACILE, de Jacques Fath, em tafetá negro e veludo.

Escolhendo
O MAIS BELO MANEQUIM DO BRASIL

CONCORRENTES DE DIVERSOS ESTADOS ★ VENCEDORAS AS REPRESENTANTES DO PARÁ E RIO GRANDE DO SUL ★ ENTRE AS CANDIDATAS, UMA EX-MODÊLO DE SCHIAPARELLI ★ O PÚBLICO ELEGERÁ A VENCEDORA ★ VIAGEM À EUROPA, COMO PRÊMIO PELA VITÓRIA.

NINGUÉM pode negar que a mulher brasileira é considerada como das mais belas e elegantes de todo o mundo. No entanto, por motivos compreensíveis para aquêles que se dedicam à exaltação da beleza feminina no Brasil, não temos ainda a consagração que merecemos, no âmbito internacional. E, com o intuito de provar ao mundo inteiro que existem entre nós, como em outras partes do mundo, manequins belos e perfeitos, teve lugar a 1º de agôsto de 1953, nos salões do Hotel Glória, a primeira de uma série de eliminatórias oficiais para promover a eleição do Mais Belo Manequim Brasileiro de Alta Costura, idealizada e patrocinada pela Escola Guy Marie Duval.

Após as apresentações iniciais, a que concorrerão jovens de todo o Brasil, será levado a efeito o desfile monstro, no qual tomarão parte as vencedoras anteriores, devendo a cam-



JULIE
302, de Raphael, vestido de baile em veludo de 2 côres.



As duas vencedoras da 1ª Seleção, Adia, do Pará, e Julie, do Rio Grande do Sul.



JULIE
TEMPERAMENT, de Balmain, vestido de baile em cetim prêto.



JULIE
SOMPTUEUSE, modêlo de Dior, em aleoutienne branco bordado.



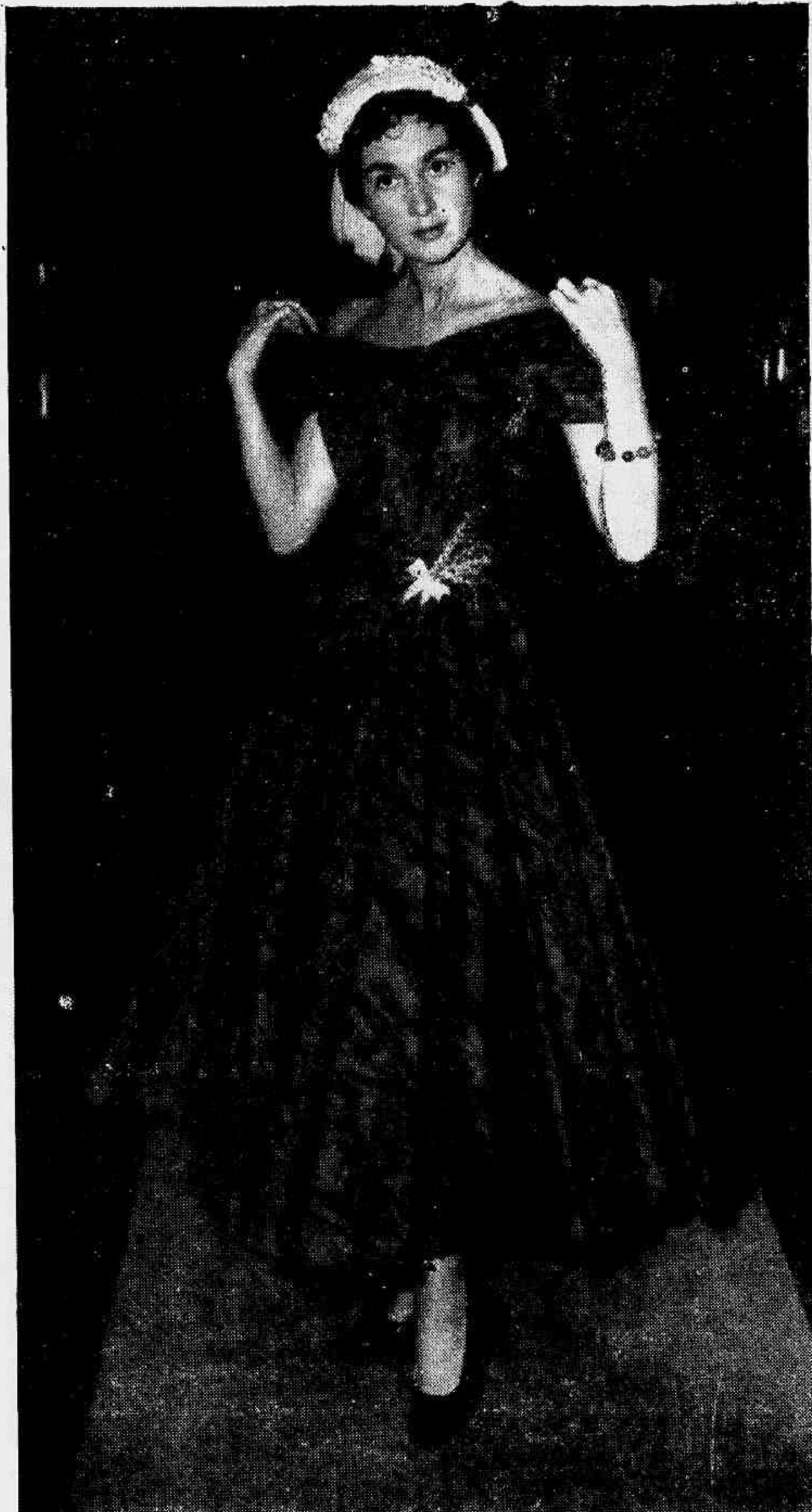
ADIA
MIRIAM, modêlo de Givenchy, em organza cinza



ADIA
LIBELLULE, de Dessés, em mousseline changeant



ADIA
MAGISTRALE, de Fath, em organza prata, bordado.



ADIA
FRÊNESIE, belo modêlo de Heim, em organza moiré.

peã, consagrada pelo público, viajar por tôda a Europa, onde será apresentada aos mais famosos costureiros da atualidade, tomando também parte em diversos desfiles de modas.

Caberá, portanto, ao público eleger a sua favorita e, segundo declarou um dos promotores do concurso, todos os desfiles iniciais serão filmados e projetados em cinemas de todo o país, a fim de que as concorrentes se tornem conhecidas em todos os pontos do território nacional. As vencedoras da primeira seleção foram as senhoritas Julie e Adia, sem dúvida duas magníficas representantes da elegância da mulher brasileira, sendo bastante aplaudidas pela seleta assistência que lotou o salão do desfile.

Durante o mesmo, foram apresentados vinte e quatro modelos dos maiores costureiros, como sejam Dior, Fath, Dessés, Balmain, Raphael, Givenchy, Schiaparelli, Lecomte e Heim.

Merece encômios o certame que ora se realiza, pois desta forma, o Brasil poderá ombrear com os países que ditam a moda internacional, e os seus manequins passarão a ser olhados com admiração por todos os que apreciam a moda e a beleza femininas. A segunda seleção dos manequins deverá ser realizada no dia 15 do corrente mês, e o número de inscritas deverá ser elevado, pois já é grande a repercussão do concurso, em todo o território nacional.

Voltemos, agora, nossa atenção para as duas primeiras vencedoras:

JULIE BORTOLUZZI nasceu no Rio Grande do Sul, e já tomou parte em vários desfiles. Ingressou na Escola Guy Marie Duval há apenas três meses e, no Rio de Janeiro, apareceu em diversas exibições de modelos. Foi eleita pelo público, presidente do Clube dos Manequins do Brasil.

ADIA nasceu em Belém do Pará, e exerce a profissão de modêlo há sete anos. Sua maior recomendação consiste em ter sido manequim de Schiaparelli. Está na Escola Duval há cêrca de um ano, onde procura aperfeiçoar suas inegáveis qualidades.

Estas duas jovens preparar-se-ão agora para a seleção final, quando deverão concorrer com as vencedoras das demais eliminatórias. Aguardemos, pois, as demais fases do concurso para procedermos à apresentação das demais jovens selecionadas.



ÁGUAS DA PRATA

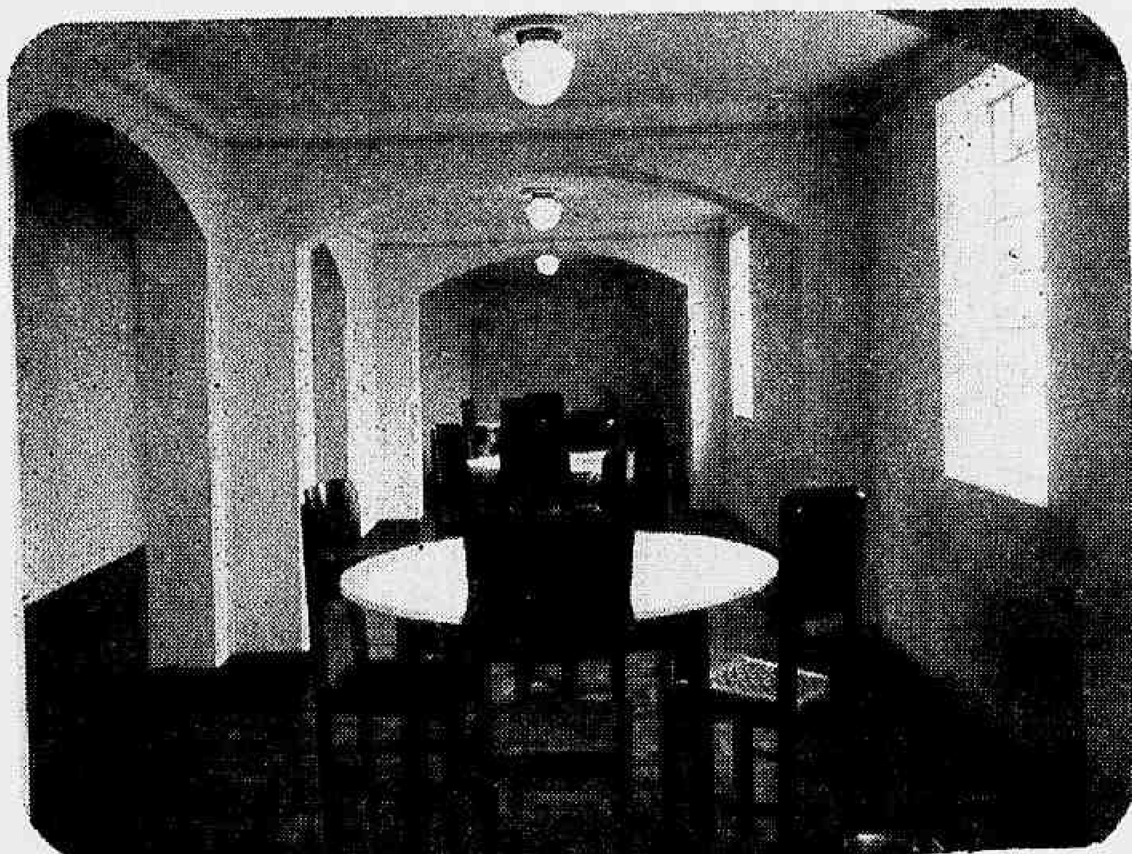
ESTADO DE SÃO PAULO

Telefones 41, 20 e 29 (Rêde interna)

GRANDE HOTEL PRATA

Avenida Vichy Nº 9

O mais bem montado da Estância — 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados, com telefone em todos os aposentos.

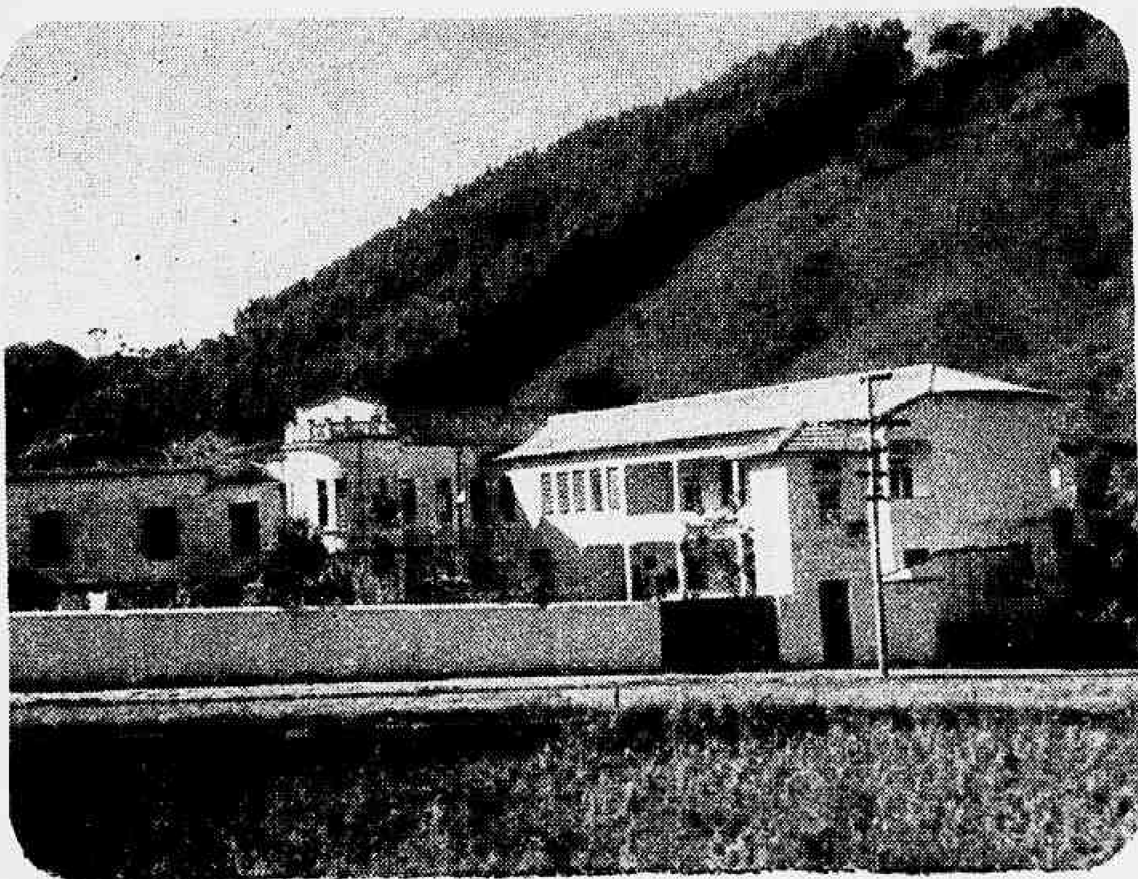


- **SALÃO PARA CRIANÇAS**
- **SALÃO DE CHÁ**
- **SALÃO DE JOGOS**
- **SALÃO DE ESTAR E FESTAS**
- **CINEMA ÒTIMAMENTE INSTALADO**
- **BILHAR E «SNOOKER»**
- **BAR BEM INSTALADO**
- **BARBEARIA E MANICURE**

RESERVAS PELAS EMPRÊSAS DE TURISMO, OU DIRETAMENTE PARA O HOTEL POR CARTA, TELEFONE OU TELEGRAMA.

*

Até 30 de dezembro: desconto de 20% sôbre os preços da tabela.



CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **FRITZ — (Santos Dumont — Minas).**

SONHO: — Estava sentado em um dos bancos existentes na Praça Pública, desta cidadezinha, e brincava com algumas moedas na palma da mão. Em dado momento deixei-as cair na grama do jardim. Abaxei-me para apanhá-las e, contando-as verifiquei que me faltava um niquel de vinte centvos. Sabia muito bem que possuía uma prata de dois centavos e outra de vinte. Fiquei deveras preocupado com a perda do dinheiro, e passei a procurá-lo àvidamente, sem entretanto, achá-lo. A preocupação foi também que, ao acordar fiquei um tanto aborrecido.

INTERPRETAÇÃO: — Dizem os naturalistas que, na escala zoológica o homem é o **animal** que mais se sobrecarrega de tolices e preocupações; não vejo razão para você ficar impressionado com a **perda** da moeda. Tão insignificante é ela e já tão desvalorizada que não merece maior importância. Você me parece, muito jovem (brincando com as moedas) e vive julgando-se perdido (procurar a moeda) no intrincado cipoal do mundo, com todos os seus complexos problemas. Você deve ser um espírito meticuloso, perscrutador (sabia exatamente quantas moedas possuía) e não se conforma com a perda de qualquer de suas pretensões (ficar um tanto aborrecido), o que depreendo, também pelo talhe de sua letra — unida e miúda demais. Voltando ao sonho, acredito que você esteja **brincando** com algum coração (brincar com as moedas) e embora, dêle, ou antes da dona do coração, você desdenhe um pouco (deixei cair na grama), tem mêdo de perdê-la definitivamente, analogia que descubro com a perda da moeda.

● **SAUDOSA — (RIO)**

SONHO — **Meu ex-namorado fôra à minha casa; segurou no meu braço e, sem a menor cerimônia entrou em casa. Ao nosso lado havia um outro rapaz que eu não me recordo quem; contudo não me era desconhecido.**

INTERPRETAÇÃO — Como seu pseudônimo indica, você ainda sente grande saudade de seu ex-namorado e não deve estar se conformando muito com a vacuidade da vida atual. De maneira que seu sonho é uma simples recordação de cenas que se deveriam ter dado, com freqüência entre vocês. Há sempre, em nossa mente a imagem de conhecidos (rapaz que não lhe era desconhecido) e, que, às vêzes se interpõe nos quadros que se apresentam nos sonhos, deixando-nos bem intrigados. O mecanismo do sonho é simples e reflete parcial ou integralmente as lembranças que temos guardadas no subconsciente. Entretanto, não raras vêzes o fenômeno se apresenta truncado (rapaz irreconhecível) e nos adverte da pouca clareza de nossos pensamentos.

● **ETERNA SONHADORA — (Monlevade)**

2º SONHO — **Estava em uma grande cidade, creio que Belo Horizonte, em uma rua escura, procurando chegar à Avenida, mas não encontrava o caminho. Neste interim avistei um guarda e resolvi perguntar-lhe. Êle me explicou; mal comecei a andar senti que estava sendo seguida. Quando cheguei à entrada de uma mata percebi que era um bando de crianças, tendo entre elas dois rapazinhos. Já aí eu me havia transformado em um homem e trazia uma pasta preta sob o braço. Fiquei com mêdo dêles, pois poderiam pensar que levava valores, sendo, apenas roupa o que eu trazia. Chegamos a um barranco; embaixo corria um rio de águas barrentas. Desci correndo e um dos rapazes se atirou nágua, morrendo afogado. Chegou uma lancha que viera me buscar, pois já estavam à minha espera. Fui responsabilizada pela morte do rapaz, apesar de meus protestos, e de alegar que eu é que estava com mêdo dêles.**

INTERPRETAÇÃO — Deve haver em seu **Eu**, algo obscuricido (rua escura) que você, ainda não percebeu, mas inconscientemente procura dêle se livrar (não encontro o caminho). Sem sentir tem você desejado alguma orientação (perguntei ao guarda) pois sente que se está emaranhando (entrada da mata) em suas próprias elocubrações. Você sente que os que a rodeiam não lhe merecem muita confiança (bando de crianças) por serem menos amadurecidos de idéias do que você (. . . sou um homem). Deve haver alguma coisa que procura ocultar dos familiares (fiquei com mêdo dêles), o que me parece se relacionar com sua vida sexual-afetiva (descer correndo, rapaz morto afogado). Felizmente você tem tido proteções verdadeiramente divinas (lancha que viera buscá-la), mas sua consciência a acusa (responsabilizada pela morte do rapaz), teme haver errado (morte) e, com tristeza reconhece que tem sido vítima da incúria de seus parentes (eu é que estava com mêdo dêles). Você deve fazer um sério exame de consciência, com tôda a imparcialidade e, reconhecendo-se faltosa, verificar se não tem perdido oportunidade de se elevar e concorrendo para que a julguem sem conhecimento de causa. Depois prometa a si mesma modificar-se para sua própria felicidade.

● **CAPICHABA — (Rio)**

SONHO — **Sonhei que era um frade : feio, baixo, meio careca, roupa marrom. Noite escura, rua estranha, caminhava apressado; ia em missão especial. Na porta de um convento — portão dos fundos —, deparei com outro frade; dei-lhe uma senha, abriu a porta, deixando-me passar apressado e emocionado. Escuridão absoluta. Caminhando sempre, ladeiras e mais ladeiras, sinuosas, negras e perigosas, cheguei a uma rocha imensa, inteiramente íngreme em que eu tive que subir de gatinhas, pois não havia outro jeito. Lá em cima estava o convento; em uma cela, janela iluminada, denunciando vigília, o Superior me esperava. Eu porém, quase desanimei, olhando o que teria de galgar. Não, não poderia subir, impossível, seria uma temeridade, pensei, então. Súbito, num esfôrço sobre-humano, pés e mãos feridos, lancei-me na áspera subida, na noite escura. Algum tempo foi necessário ao meu esfôrço, ao grande sacrifício. Cheguei, todavia, ao terraço, onde me encaminhei para a porta, fechada, porém iluminada, para o cumprimento da missão. Ao me aproximar da porta, despertei.**

INTERPRETAÇÃO — O frade simboliza o sigilo, a discreção e, também, o sacrifício. Sua estamenha diz-nos da renúncia e desprendimento das coisas da terra. A senha é o nosso modo de pensar e agir para conseguirmos abrir caminho às nossas realizações : espirituais ou materiais. Pelo seu sonho depreendo que você tem travado uma luta titânica para alcançar algum possível ideal que, por enquanto, se acha obscurecido (escuridão absoluta), difícil de realizar (ladeiras e mais ladeiras) e que, talvez, seja algo perigoso . . . (. . . negras e perigosas). Mas, felizmente, você, em futuro breve, tudo poderá conseguir (rocha imensa) e se estabilizar para sempre (Superior à sua espera). É preciso constância e persistência (quase desanimei), senão você fraquejará e não chegará ao fim colimado, o que não acredito, pois vejo em você um espírito forte e afeito à luta (súbito, num esfôrço sobre-humano . . .), e capaz de vencer todos os obstáculos (áspera subida, na noite escura). Talvez, ainda, não haja chegado a hora exata de sua vitória, porém, estou certo, ela virá (porta iluminada).

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

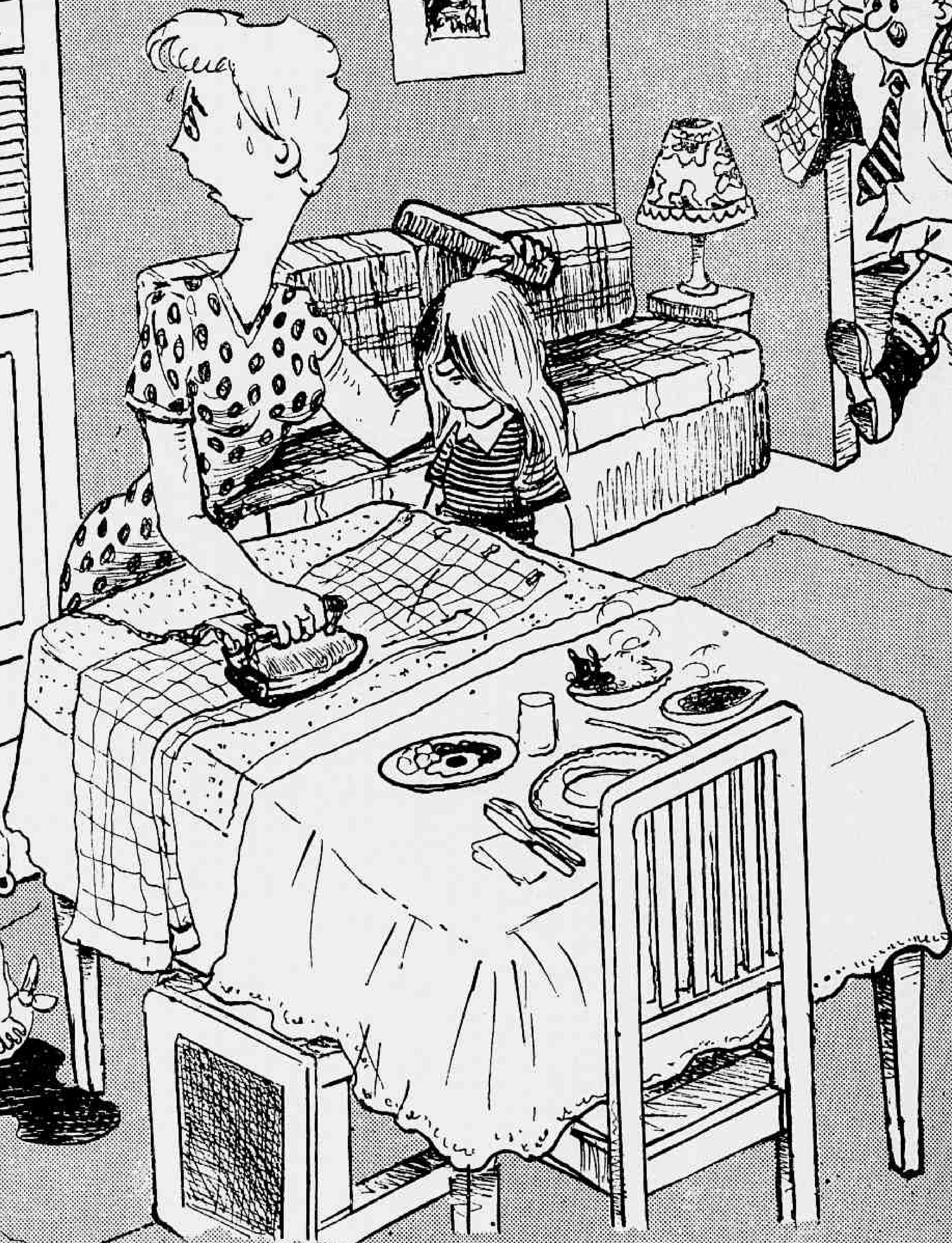
CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS

12 — O INQUIRIDOR DOMICILIAR. . .









A VERDADEIRA MARIA QUITÉRIA

MARIA Quitéria, cujo centenário de falecimento ora se celebra, já não é uma personagem semi-fictícia, esbatida nas brumas da lenda nacional. Ganhou forma, nitidez, história, com a campanha que o poeta Pereira Reis promoveu, para restabelecer a verdade do seu heroísmo na exatidão da sua biografia. Deixou de ser fabulosa, para ser ela mesma: tal como a descreveu, na sua tôsca simplicidade Mary Graham em 1823. A esta escritora devemos aliás o retrato autêntico da mulher-soldado. E é um desenho lisonjeiro. Ninguém imaginasse que a moçoila baiana fôsse um virago, ocultando o equívoco do sexo no seu desleixo, de praça de infantaria. "Nada se nota de masculino nos seus modos (previne a sra. Graham), antes os possui gentis e amáveis". São traços vivos, do seu perfil trigueiro, que a reabilitam na tradição do país: rapariga muito feminina, "não contraiu (continua a autora do "Journal of a voyage") nenhum hábito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que desabone a sua honestidade". Não seria bela. O vestígio indígena dos olhos negros, a linha cabocla do semblante enérgico, a fronte e os cabelos lhe revelavam a raça. De resto, era sóbria, comedida, altiva. Fêz boa impressão a Mary Graham, naturalmente estupefacta, ao encontrar, em vez de uma jovem estouvada, que se fingira de homem para acompanhar o exército, uma sertaneja de suaves maneiras, com uma originalidade apenas: um cigarro após cada refeição... E' valioso o testemunho, porque liberta a memória de Maria Quitéria de interpretações impertinentes, restituindo-lhe o direito de ter brigado pela Independência sem ser uma falsa mulher, um dêsses indecisos temperamentos cujo mistério faz a paixão da medicina retrospectiva, uma entidade marginal. O seu caso elucida-se sem complicações psicológicas. E' preciso acrescentar: tinha 29 anos quando lhe chegou, à sua fazenda no Paraguassu, o apêlo patriótico, para a guerra. Passara do tempo das ilusões ingênuas. Empolgou-a o vendaval cívico. Partiu, travestida, numa madrugada; engajou-se — como se fôra um roceiro imberbe, dos arredores de Cachoeira — no batalhão dos periquitos, assim chamado pelo debrum verde dos unifórmes; e, sem que lhe dessem atenção ao que havia de estranho na sua esbelta figura, entrou valentemente no jôgo. Lutou com o valor de um veterano, padecendo, em companhia da tropa, os rigores da marcha, dos "bivacs" ao sol e à chuva, da batalha no cêrco da Bahia. Se pela coragem era igual aos homens, pelo entusiasmo devia distinguir-se dêles, ou pelo menos adquriu tal reputação, que em 2 de julho, quando o exército triunfante entrou na cidade, o seu nome se tornara famoso. Neste dia, já lhe conheciam o segrêdo; e foi como a heroína da vitória que as freiras da Soledade a cercaram com um diadema de flores.

Quando confessou a sua condição e passou a usar o fardamento pitoresco que lhe viu Mary Graham, a túnica regulamentar e, em volta dos rins, uma espécie de avental, que lembrava os **nigh landers** da Escócia? Faltam a respeito maiores indicações. Podemos supor que, atraiçoada na sua fraude pela suspeita ou pela indiscrição de algum camarada, contou ao comandante a verdade lisa da sua aventura, e êste, perplexo e benevolente, a autorizou a continuá-la. O fato é que, sùbitamente célebre, em agôsto do mesmo ano estava na côrte. para receber das mãos do imperador o prêmio da sua bravura. D. Pedro I deu-lhe as insígnias do Cruzeiro do Sul e o sôldo de alferes de linha. Foi a primeira mulher oficialmente alistada no exército brasileiro, e, com isto, o único soldado de saiote escocês que nêle houve.

Maria Quitéria de Jesus não reapareceu na cena histórica. Depois disto mãe de família, internada no sossêgo da existência sem documentos que a desvendem nem sucessos que a dramatizem, apagada na sua humildade tranqüila, lá, nos campos do recôncavo, onde se refugiou, sòmente a pesquisa paciente seria capaz de nos dizer como viveu os últimos tempos e morreu esquecidamente, há cem anos justos. Há todavia na beleza do seu desatino, um reflexo angélico, de Jeanne d'Arc: e algo de fascinantemente poético no seu arrebatamento, em que a ousadia se tempera de lirismo, rebentando no mais curioso dos episódios daquela epopéia romântica. Parece que a iluminou a intuição das fôrças que elaboravam a nacionalidade, e teve a consciência milagrosa do seu destino — representando, numa adorável simulação, a energia indomável da Mulher. Era imprevistamente a mulher, que tomava nas trincheiras o seu lugar — ao sol de 2 de julho.

PEDRO CALMON **(Da Academia Brasileira)**

MARIA QUITÉRIA DE JESUS
Uma reprodução do quadro a óleo executado por Luís Gomes Loureiro, para o salão nobre do nosso Ministério da Guerra.





Robert Taylor, um dos mais aplaudidos astros de Hollywood, no pôsto de tenente da Escola de Aviação Naval dos Estados Unidos, para a qual entrou durante a segunda guerra mundial, logo que terminou seus compromissos que o prendiam com a filmagem de «Canção da Rússia».



Êle e a espôsa Barbara Stanwyck, com a qual namorou durante três longos anos, até que, em 1939 se «amarrou» à bela e inteligente «estrêla».



Esta é Ursula Thiess, a nova sensação alemã em Hollywood, cujo romance com Robert Taylor é o assunto favorito do meio cinematográfico.

CONTA-NOS SUA VIDA

O ASTRO BOB TAYLOR

DEVIA TER SIDO MÉDICO ★ COM A FILMAGEM DE "QUO VADIS", QUASE PERDEU A ESPÔSA ★ NAMOROU TRÊS ANOS PARA PODER CASAR ★ A "OUTRA" SERIA UMA ALEMÃ PERTURBADORA ★ RUMORES DE SEPARAÇÃO DE ROBERT-TAYLOR BARBARA STANWYCK ★ MAS TUDO JÁ PASSOU

Por **JOHN AYRES**

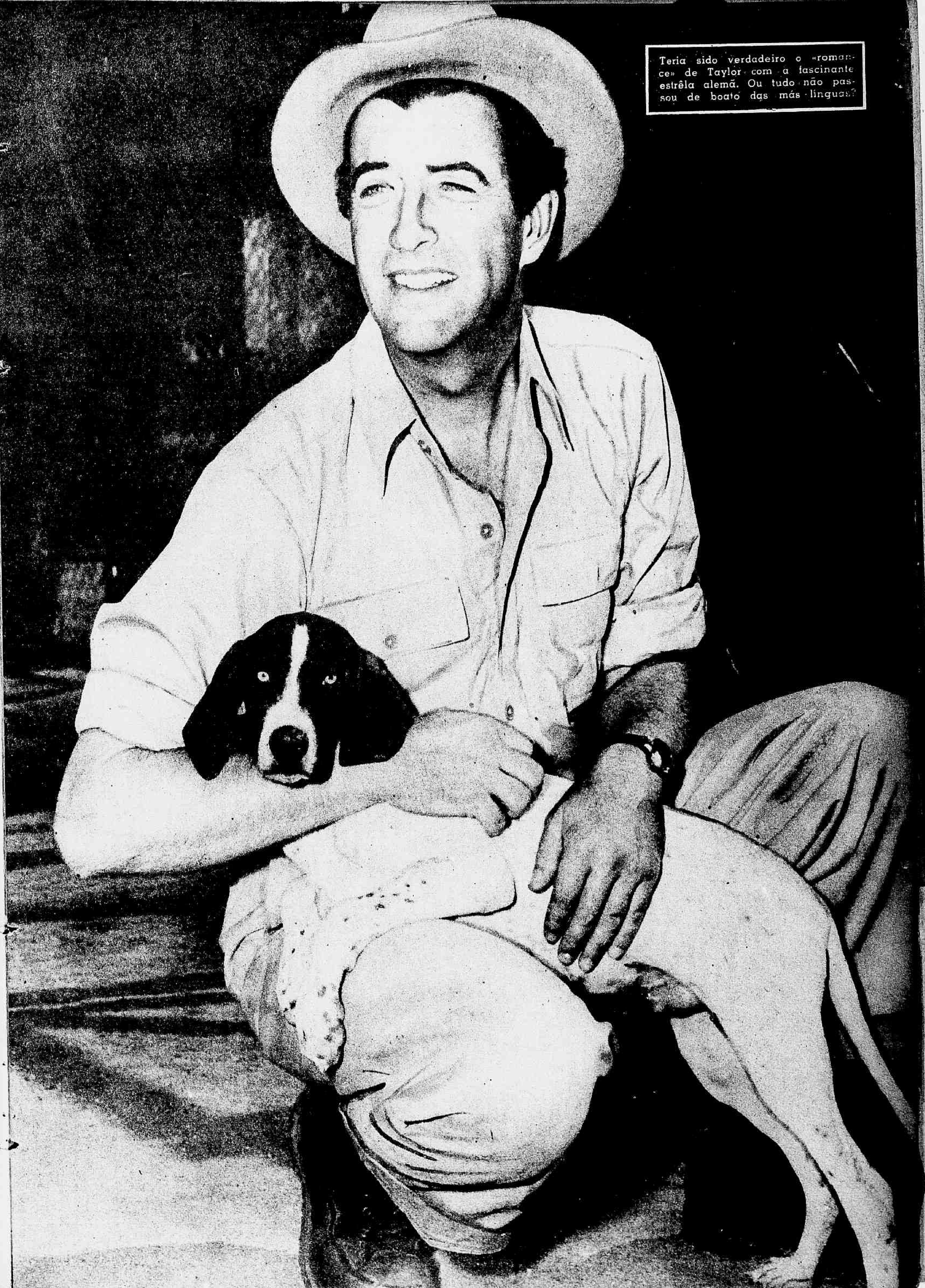
ENCONTREI Robert Taylor duas vêzes num ano, sempre vivo, ativo, bem disposto. Falando sôbre seus projetos de futuro e sôbre as atividades do dia, veio à baila o nome de sua espôsa Barbara Stanwyck. O rosto do «astro» tornou-se sombrio:

— Cometi — disse-me êle — grave falta não levando minha mulher para Roma. Estava ela, porém, em pleno trabalho en Hollywood e eu ignorava quanto tempo devia ficar na Itália. Num filme tão grande como «Quo Vadis», nunca se sabe quantas semanas de trabalho haverá. Hoje me arrependo de não haver insistido com ela para que me acompanhasse. As más línguas sempre se movimentam na intenção de destruir os casais felizes. Felizmente, hoje, tudo passou.

Tudo passou. Teria passado mesmo? Deixei a última expressão de Bob Taylor sem maiores sindicâncias e voltei:

— Como era seu trabalho em Roma?

— Muito difícil, e, ao mesmo tempo, muito empolgante. Interpretei no filme o papel de Vinicius, personagem do romance do escritor polonês Sienkiewicz, prêmio Nobel de literatura. Encarno um guerreiro romano. Durante a filmagem me veio ao espírito a lembrança de que a vida nos prega sempre boas peças. Eu, que estava destinado a seguir a carreira médica, desempenho sempre papéis que nada têm com a medicina. Apenas uma vez fiz o papel de **(Cont. na pág. 47)**



Teria sido verdadeiro o «romance» de Taylor com a fascinante estrêla alemã. Ou tudo não passou de boato das más línguas?

A BEM AMADA

Romance de **THOMAS HARDY**

DESDE que o senhor me falou naquele assunto, eu o esposei como um desejo, e, depois, como uma grande esperança. Tive tanta vontade que se realizasse! Por isso me alegro muito que tenha vindo.

— Você se refere ao desejo de casar-me com Avícia?

— Sim, é isso mesmo. Não sei, porém, se o senhor pensa da mesma forma. Está com os mesmos desejos? Se é assim, espero que se faça algo... induzi-la que aceite... qualquer coisa que signifique assentar definitivamente o assunto. Do contrário, não sei o que vai ser dela. Não tem sentido prático como eu tive. Dificilmente consentiria em ficar aqui, casada com um filho da terra, e me perturba o espírito a circunstância de deixá-la sòzinha...

— Espero que nada de anormal ocorra com você, minha querida amiga.

— Bem... Mas tenho mêdo dos ataques, que, quando vêm, são tão angustiosos, que, segundo me dizem, são um perigo de morte. Daí tôda a minha preocupação quanto à minha filha, que ficaria desamparada, só, nesta ilha. Por isso, pergunto: deseja-a por mulher, senhor Pierston?

— De tôda minha alma! Mas... é ela quem não me quer.

— Não creio que esteja assim tão contra o senhor, como se lhe afigura. Penso que, estando eu neste estado, se lhe expusermos a situação, ela concordaria sem mais contestações.

A conversa descambou para os primeiros dias de seu conhecimento com o escultor, aquela permanência em Londres, as intenções corretas do artista, até que a moça voltou ao quarto da enfêrma.

Depois de alguns instantes, disse-lhe sua mãe:

— Avícia, voltemos àquele assunto de que tanto lhe tenho falado desde que tive o acesso. Aqui está o senhor Pierston, que deseja ser seu marido. É muito mais velho do que você, mas, não obstante, não creio que possa encontrar outro melhor. Bem... em vista do estado em que me vejo, e com o natural anelo de vê-la amparada antes que eu morra, quer você casar-se com êle?

— Mas, mamãe, a senhora não vai morrer agora! Já está até muito melhor!

— Apenas agora, neste instante, minha filha. Veja bem, Avícia: o sr. Pierston é um homem digno e bom, inteligente, culto, famoso e rico! Eu desejaria tanto, tanto, que você fôsse sua espôsa! Não posso dizer mais...

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

Ilustração de **RAMON**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, muito viajado e rico, já estava com sessenta anos de idade e não conseguira casar-se. Era que êle, desde sua mocidade, vivia a procurar o tipo de sua Bem-Amada. Chegara a noivar por várias vêzes, mas desfazia o compromisso. Filho de uma povoação numa ilha da costa britânica, amou a uma jovem de sua idade, de nome Avícia Caro. Abandonou-a por outra, a quem também deixou. Avícia se casou com um primo, enviuvou e, por fim, morreu deixando uma filha com o mesmo nome: Avícia. Pierston conheceu-a e se apaixonou por ela. Estava êle com 40 anos e ela com 20; mas, sabendo que a moça se casara e se separara do marido, o escultor apenas tratou de reconciliá-los. No dia em que o rapaz, Isaac Pierston, voltava para o lar, êle e o escultor assistiam ao nascimento da terceira Avícia. O casal viveu durante muitos anos. Pierston viajou muito, foi à Itália, e estava ali, quando recebeu carta de Avícia, dizendo que ficara viúva. Jocely Pierston sentiu incoercível desejo de ir vê-la, e, talvez, casar-se com ela, se ela quisesse. Mas se deu o imprevisto: o sexagenário se apaixonou pela filha de Avícia, que, por sua vez, era neta da primeira Avícia, de quem fôra noivo, havia 40 anos. Pierston manifestou desejos de casar-se com a neta de seu primeiro amor; mas a jovem, julgando que as idas dêle à casa de sua mãe eram resultantes de suas intenções para com a velha, achou até graça quando soube que a escolhida era ela. Mas, Avícia-mãe, adoencendo de angina do peito, pediu que soube que a escolhida era ela. Mas, Avícia-mãe, adoecendo de angina no peito, pediu que casasse com êle, pois assim estaria amparada.

A jovem dirigiu ao escultor um olhar suplicante, e baixou depois o olhar para o solo, murmurando em voz apenas ouvida quase que por si mesma, enquanto se voltava para o escultor:

— Na verdade, me quer o senhor, por mulher? Nunca me disse isso...

Jocelyn respondeu vivamente:

— Minha querida! Como pode você duvidar dos meus desejos? Mas não quero forçá-la a que se case comigo, como um favor e contra os seus sentimentos.

— Pensei que o senhor fôsse mais jovem! — Disse ela ao ouvido de sua mãe.

— Isso pouco importa, tendo-se em vista o mais. Pense na sua posição e na dêle. Lembre-se de que é êle um escultor com casa e «atelier» cheio de bustos e estátuas, que eu desempoeirei em meu tempo, e veja que você poderia fazer ali belos estudos. Seguramente você levaria a vida que melhor lhe conviesse. Sua custosa educação está a se estragar aqui.

Avícia não replicou. Era de caráter cordato, como o fôra sua avó, e ficou silenciosa e quieta durante um instante, como se perguntasse a si mesma qual o caminho a tomar, se devia aceitar ou não. Passada esta indecisão, respondeu, por fim, sossegadamente:

— Está bem. Parece-me que devo consentir em casar-me com êle, pois que a senhora me o diz. Vejo que será prudente fazê-lo, e que a senhora o deseja e que o sr. Pierston está enamorado de mim. Assim, pois... em vista disso...

Pierston não recuou diante dessa situação crítica, apesar das desagradáveis sensações que experimentava. Porém o histórico ingrediente dessa genealógica paixão (se assim se pode chamar à sua continuidade através de três gerações) incitava sua perseverança, apesar de tantos insucessos. A mãe estava com uma das mãos da filha entre as suas, e, tomando a de Pierston, colocou a da filha sôbre a do escultor.

Não mais se discutiu o assunto, e se considerou decidido o noivado. Pouco depois se ouviu nos vidros da janela um ruído, como se houvessem jogado areia. Pierston afastou um pouco a cortina e viu, lá bem distante, o farol flutuante a lançar jatos de luz com seu ôlho confuso e preguiçoso. Com a obscuridade sobreviera uma chuvinha fina, que, com o vento, açoitava os vidros. Se saísse com aquêle tempo, molhar-se-ia no trajeto de duas milhas entre a casa de Avícia e o hotel em que estava. Não podendo sair, ficou para a ceia. Terminando a última refeição do dia, o tempo continuava muito mau, e Pierston teve que aceitar a dormida em casa de sua futura sogra.

Foi assim que êle veio a dormir naquela mesma casa em que havia nascido e vivido durante sua infância, antes que seu pai conseguisse fortuna e o próprio nome de Jocelyn ultrapassasse os limites da ilha.

Não conseguiu dormir bem. Mal despontou a aurora, levantou-se e ficou sentado na cama. Por que iria viver sempre em Londres, ou em outra capital, se se levasse a cabo aquêle



matrimônio? Seguramente. com sua espôsa, seria a ilha o melhor lugar do mundo para êle. Podia alugar o castelo de Sylvania, como já o fizera há vinte anos passados. Ou talvez fôsse melhor comprá-lo. Se a vida podia oferecer-lhe algo de agradável e próprio, era um lar com Avícia, naqueles penhascos natais, até ao fim de seus dias.

Engolfado nestes pensamentos, foi clareando o dia, e começou a ver, a curta distância, à sua frente, algo que se movia de maneira estranha e fantástica. Estava êle colocado diante da janela, quando notou que, por inadvertência, havia pôsto o espelho em posição vertical, de modo que, o que estava vendo era sua própria imagem. Ao notar isso, sobressaltou-se. Aparecia ao espelho, lastimàvelmente muito mais avançado em anos do que os que sentia sôbre os ombros. Não se deteve Pierston a considerar a figura que tão burlescamente o enfrentava e cuja voz parecia dizer: «Está iminente a tragédia». Mas, quanto à questão da idade, não podia separar-se de sua espectral imagem, e, por fim, saltou da cama fascinado pelo seu próprio reflexo. Não sabia se era por haver andado muito nos recentes dias ou por outra coisa; mas, nunca, em vinte anos, se havia visto tão envelhecido como ao espelho naquela manhã fria e cinzenta. Se sua alma era o que era, por que havia de entorpecê-la àquêle físico já emurchecido? Por que havia de ser incapaz de trocá-lo por outro, como tão freqüentemente fizera a influência da Bem-Amada ideal?

Em virtude da enfermidade de sua mãe, vivia agora Avícia em sua casa, e ao descer Pierston do aposento da enfêrma, viu que os dois iam almoçar frente a frente; notou ainda que, naquele momento, não se achava Avícia na sala de jantar, tendo entrado poucos minutos depois. Soube Pierston, que a viúva estava muito melhor naquela manhã, e, entusiasmado pela perspectiva de sentar-se à mesa com Avícia, se dirigiu prazenteiramente a ela; mas, ao vê-lo sob a plena luz do dia a entrar pela janela, não pôde ocultar certo desapontamento. Sòmente então percebeu ser aquêle, o primeiro encontro sob os raios do sol.

A jovem ficou tão constrangida, que tornou a sair da sala como se houvesse esquecido algo, e, ao retornar, estava visìvelmente pálida. Procurou refazer-se e pediu desculpas. Havia passado em vigília a noite anterior, e não se achava bem disposta, como sempre.

Talvez houvesse algo de verdade nisso; mas Pierston não podia deixar de notar aquela primeira mirada de espanto da moça, o que bastaria para justificar as suas preocupações de que êsse casamento poderia constituir em possível desastre. Naquele mesmo instante decidiu Pierston que, mesmo que custasse uma nova tortura de seu coração, não deveria casar-se com a terceira Avícia, se o enlace matrimonial viesse a ser um êrro.

— Senhorita Avícia — disse êle ao sentar — já que se faz necessário que a senhorita conheça tôda a verdade antes de irmos mais adiante, a fim de que não venha a haver depois arrependimentos **(Cont. no próximo número)**





«Nossos olhos jamais vislumbraram paisagem tão bela. Aqui a natureza foi um presente de Deus», diz o casal.

"CHAMARAM-ME CASSANDRA"...

Mme. TABOUIS NÃO ACREDITA EM NOVA GUERRA ★ SEUS ENCONTROS COM ROOSEVELT E MUSSOLINI ★ ESCREVENDO O 14º LIVRO ★ FÊZ DO JORNALISMO UM SACERDÓCIO ★ SEUS BELOS CABELOS BRANCOS

Reportagem de MÁRIO MORÉL

Fotos de ALBERTO LIMA

EIS, ao meu lado, no «Hotel Glória», a célebre jornalista francesa Geneviéve Tabouis. Sua fama universal provém, como é sabido, dos seus artigos sôbre política internacional. Um dos fatôres que mais contribuíram para a sua imensa popularidade, é que ela previu, com uma exatidão fora do comum, vários fatos que precederam a segunda guerra mundial, como a invasão do Reno pelos almães. Em julho de 1936 os franceses ocuparam o Reno e Mme. Geneviéve Tabouis, um mês antes, anunciou o dia e a hora em que os nazistas tomariam conta do Reno.

Antes escrevera uma série de comentários sôbre as intenções de Hitler, quando a sua produção de armamento aumentava dia a dia. Adolf Hitler ficou tonto com as afirmações de Geneviéve Tabouis e, num discurso aos trabalhadores, em 1º de maio, declarou que as informações eram mentirosas e que Tabouis nada mais era que uma cassandra agourenta. Aí ela escreveu um livro: «Chamaram-me Cassandra», aliás, já traduzido para o português.

Geneviéve Tabouis publicou seu primeiro trabalho, em 1922, num jornal chamado «La petite giroude», de Gênova, onde estava reunida a «Liga das Nações».

— Foi com grande emoção que escrevi pela primeira vez, — disse-me Mme. Tabouis, num inglês bem londrino. — Não me recordo exatamente o assunto. Só sei que depois senti uma satisfação imensa, por me tornar jornalista.

— E o seu artigo de maior repercussão? — indaguei.

— «Em 10 de janeiro de 1936 contei ao público que Pierre Laval, Mussolini e Samuel Hoare, Primeiro Ministro Inglês, iriam assinar um tratado para dividir a Etiópia. Deu-me muito trabalho e dores de cabeça. Sinto-me feliz e orgulhosa por ter impedido aquela injustiça».

★



«Abracei o jornalismo por vocação. Serei sempre jornalista e espero morrer dentro da minha profissão» — diz Mme. Geveviéve Taubois.

Um fato interessante ocorreu com Mme. Tabouis durante um baile oferecido por Mussolini, num castelo, quando ainda não tinha escrito o artigo sôbre a mutilação da Abissínia.

— Quando fui apresentada ao Duce, êle me disse muito polidamente: — «Madame, seu vestido é deveras encantador e a sua côr azul é muito interessante. E' pena que a senhora escreve um tanto forte a nosso respeito.»

— «Não creio que escreva tão forte assim! — falei a Mussolini, e trocamos sorrisos recíprocos.»

Mme. Tabouis já escreveu treze livros e prepara o décimo quarto. O mais importante, a seu ver, é aquêle em que conta a vida do diplomata Jules Cambon. Era seu tio. Neste livro aparece o diário de Cambon, considerado o melhor embaixador da Terceira República da França. Esta obra foi premiada pela Academia Francesa de Letras.

A vida da sra. Tabouis não teve, apenas, alegrias. Estêve exilada nos Estados Unidos, durante cinco anos e muito aprendeu no destêrro. Foi levada ao exílio pela queda da França.

ROOSEVELT

Mme. Tabouis relembra Roosevelt:

— «Uma das mais fortes emoções que já tive em minha vida, foi em julho de 1940, numa entrevista coletiva do grande Roosevelt. Ia me retirando, quando o secretário do presidente pediu-me para esperar, pois Roosevelt desejava falar comigo. Lembro-me, perfeitamente, de suas palavras:

— «Tabouis, nós sentimos imensamente a invasão alemã no seu país. Mas eu prometo que expulsaremos os nazistas de sua pátria».

Não pude responder nada, pois a emoção embargou-me a voz. Saí do gabinete de Roosevelt com lágrimas nos olhos. E a sua promessa foi cumprida.

— Acredita numa terceira guerra mundial? — perguntei.

— Não creio. Ninguém deseja a guerra. E' algo de terrível, uma conflagração.

Além da sua coluna diária em «L'Information», Mme. Tabouis tem um programa de rádio chamado «Eu Predigo», no qual fala a respeito do futuro e, geralmente, recebe inúmeras cartas de protesto de pessoas que não têm a mesma maneira de pensar, discordando de seus artigos.

— «E' uma diversão para mim. Acho tão interessante receber cartas dos meus ouvintes e leitores que passo a maior parte do meu tempo respondendo-as.»

Robert Tabouis, seu marido, é um industrial de renome. E o fã número 1 de sua espôsa, que gosta de cinema e tem especial predileção pelos filmes policiais.

Eis alguns «flashs» desta admirável Geneviéve Tabouis, que há 31 anos exerce o jornalismo, como um verdadeiro sacerdócio. Sua influência no «Quai D'Orsay», principalmente, no govêrno de Aristides Briand, foi decisiva.

Geneviéve Tabouis, con os seus belos cabelos brancos, ainda representa o talento feminino francês. Sua permanência no Brasil, foi rápida. Fêz uma conferência na A.B.I., subordinadc ao título «Minhas memórias», manteve contatos com figuras do nosso jornalismo e regressou à França bastante satisfeita, pois viu que a sua obra jornalística atingiu duas gerações: a dos nossos pais e a dos jovens da minha idade.

★



«Tenho bons amigos no Brasil e, em particular, entre os jornalistas. Gostaria de passar mais alguns dias nesta terra boa e sedutora».



«Leio os principais jornais e revistas para estar atualizada com os detalhes da vida política. Gosto do «Times».

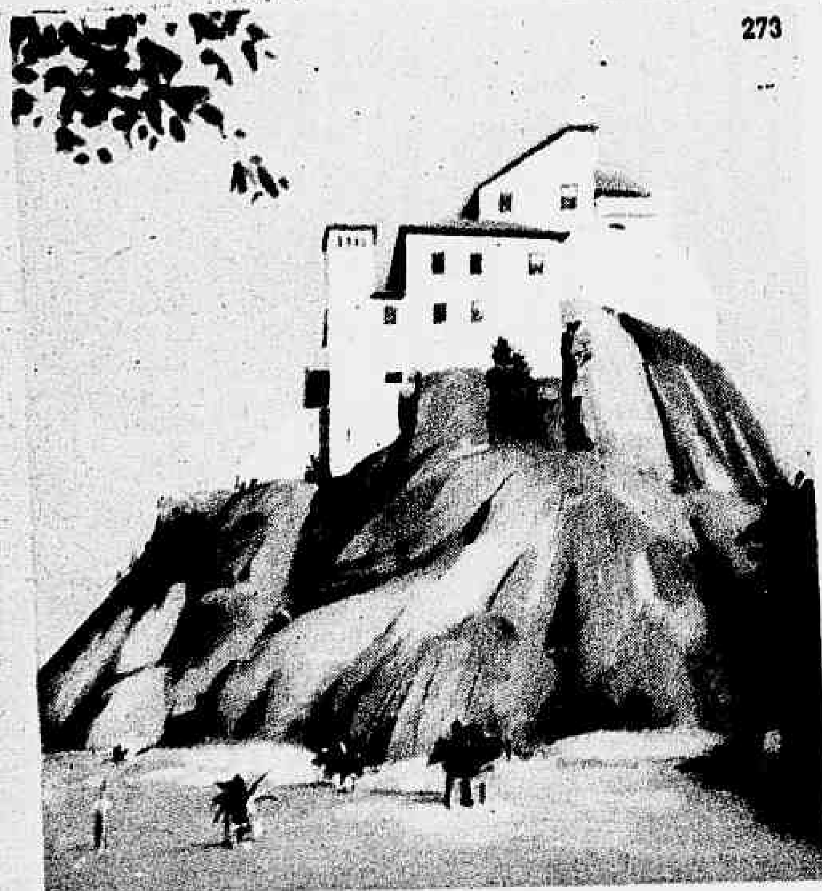
ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

COMBINAÇÕES CONTEMPLADAS NO SORTEIO DA LOTERIA DE SÃO JOÃO DE 1953:



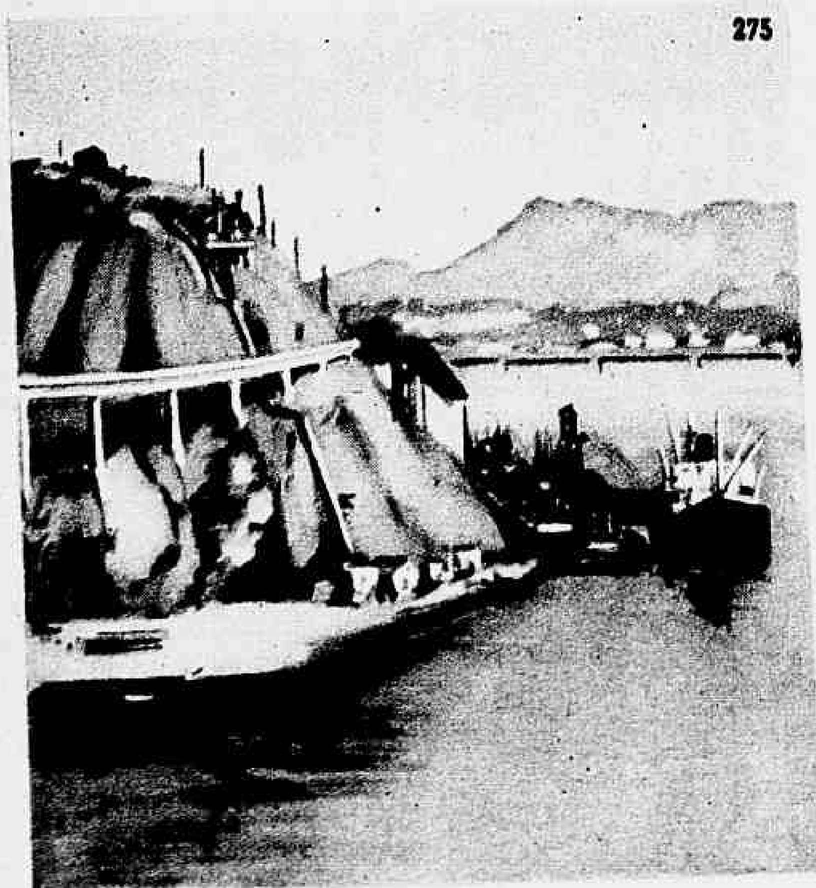
1º prêmio — Um aparelho de TV, no valor de Cr$ 25.000,00, ao Album nº 54.130.
2º » — Um terreno de 12x30, em Duque de Caxias, no valor de Cr$ 20.000,00, ao Album nº 30.743.
3º » — Uma máquina de escrever, no valor de Cr$ 6.000,00, ao Album nº 43.225.
4º » — Uma máquina de costura, no valor de Cr$ 5.000,00, ao Album nº 25.699.
5º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 1.000,00, a cada Album com a terminação 4.130.
6º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 200,00, a cada Album com a terminação 130.
7º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.129 (aproximação do 1º prêmio).
8º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.131 (aproximação do 1º prêmio).
9º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.742 (aproximação do 2º prêmio).
10º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.744 (aproximação do 2º prêmio).
11º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.224 (aproximação do 3º prêmio).
12º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.226 (aproximação do 3º prêmio).
13º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.698 (aproximação do 4º prêmio).
14º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.700 (aproximação do 4º prêmio).

Realização da BRAZILIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro



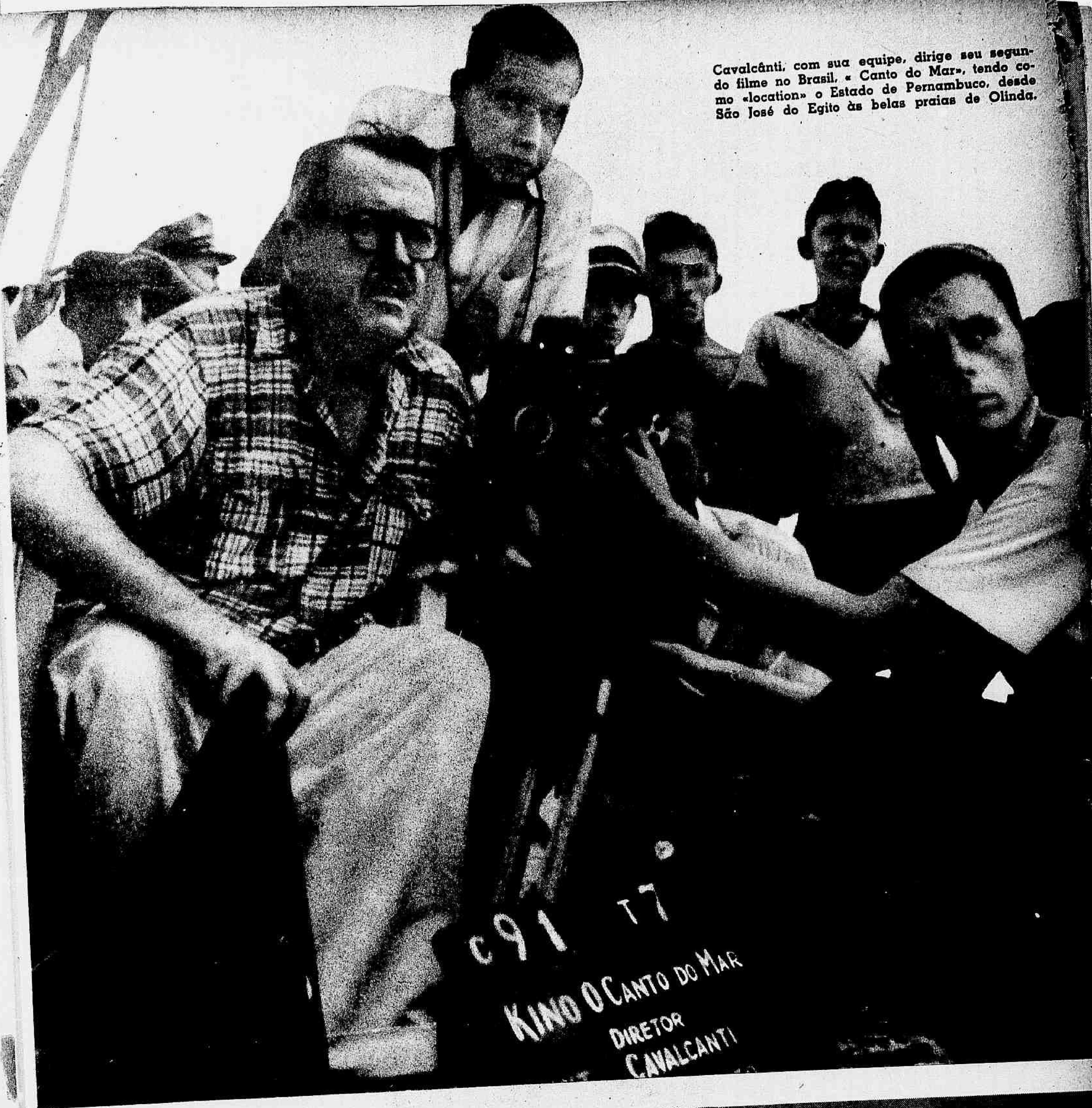












Cavalcânti, com sua equipe, dirige seu segundo filme no Brasil, « Canto do Mar», tendo como «location» o Estado de Pernambuco, desde São José do Egito às belas praias de Olinda.

CAVALCÂNTI FILMANDO EM OLINDA

Fotos de ANTÔNIO PIROZZELLI

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR

Êle concebeu e rodou o "O Canto do Mar" ★ História triste da migragem do sul ★ Danças regionais, frevo e maracatu ★ Artistas pernambucanos serão a revelação do ano ★ O segundo filme dirigido por Cavalcânti será melhor do que "Simão, o Caolho", conforme afirma

OLINDA — Só o ruído das ondas se mistura ao murmúrio do rapaz. Ela, uma morena bonita, esguia, de olhos imensos como a noite, lábios carnudos e rubros, olha mansamente. Êles fitam a imensidão perdida do oceano. Êle aponta, mostra o navio que se confunde com o horizonte sem fim, lá na curva onde o céu abraça a Terra sem tocá-la.

Depois, levantam e caminham de mãos dadas pela praia, pensativos, ausentes dos corpos que se deixam levar, marcando a areia fina com as pegadas leves da moça e as marcas profundas dos pés do rapaz.

A uns cinqüenta metros de distância, uma objetiva brilhante capta todos êsses movimentos. O sol está a pino e a equipe elétrica trabalha com rebatedores de sol, envolvendo o casal com uma luz límpida e sem sombras.

Alberto Cavalcânti, o conhecido diretor cinematográfico que trocou a Inglaterra pelo Brasil, está sentado sob um guarda-sol. Observa atentamente todos os movimentos dos jovens. Depois de algum tempo, indica ao «camera»: «Corte! Está tudo O. K.». Levanta-se e invade a tarde solarenta, buscando os artistas.

Ela é Aurora Duarte, pernambucana, moça e bonita, com apenas 18 anos de idade. Êle é Ruy Saraiva, um jovem que quer ser engenheiro, é funcionário

CAVALCÂNTI FILMANDO EM OLINDA



Tôdas as cenas do filme foram tomadas nos locais naturais, em exteriores sem montagem de «sets». Aqui vemos uma seqüência de bela natureza, com os protagonistas à beira-mar.



O belo sorriso da estrêla do filme, Aurora Duarte, de dezoito primaveras, a quem Cavalcânti descobriu atuando no Rádio recifense.

público e tem 20 anos. São duas descobertas de Cavalcânti que, segundo êle, vão abalar no filme que está rodando em Pernambuco, parte no sertão e parte no litoral, ao qual deu o nome de «O Canto do Mar».

Cavalcânti aproxima-se dos novos «astros», dá algumas explicações e retorna ao guarda-sol. Êles se preparam e o diretor ordena: «Ação!» E outra tomada. De tomada em tomada, a equipe da Kino Filmes terminou a segunda película dirigida por Cavalcânti no Brasil. E êle, como diretor de «Simão o Caolho», adianta: «Espero maior êxito para êste filme do que o conseguido por Simão que, graças a Deus, foi um sucesso de bilheteria. Estou trabalhando à vontade; sem imposições, como eu gosto de trabalhar».

REGIONALISMO PARA O MUNDO

A idéia original de «O Canto do Mar» é de Cavalcânti. Êle chamou José Mauro de Vasconcelos e José Sanz, para auxiliá-lo, deu os diálogos para Hermilo Borba Filho fazer, completou os planos com Guerra Peixe, para a música, e pôs-se em campo.

Depois disso, bastava encontrar o local para a filmagem e os atores. O local foi escolhido logo, uma vez que a película conta a história da miragem do nordestino pelo sul. Os atores foram descobertos

(Cont. na pág. 44)



Margarida Cardoso faz no filme o papel de mãe de Ruy. E' artista do Teatro de Amadores de Pernambuco e já conhecida do carioca, quando trabalhou no teatro Regina, desta capital.



Alfredo Oliveira, diretor do Teatro Santa Isabel, do Recife, também tem sua performance no comentado filme de Alberto Cavalcânti.



Com sua graça e beleza fascinante, Aurora Duarte, sob a direção de Alberto Cavalcânti, vai abafar a banca aqui no Brasil e no exterior.

O capitão das Fôrças Aéreas Peter Townsend, fotografado em frente à Embaixada Britânica em Bruxelas, aonde foi servir como adido militar, após estourar seus amôres com Margaret.

A LENDA DE GLAMIS ★ MARGARET ROSE E OS TRÊS AMÔRES ★ DO CONDE WALTER OF DALKEITH AO CAPITÃO-COMANDANTE DE GRUPO PETER TOWNSEND ★ SURGE O TERCEIRO: LORD CARNEGIE ★ BOATOS E DESMENTIDOS ★ CONSULTA FEITA AO POVO INGLÊS ★ PARA QUE TANTO BARULHO, GENTE!

Texto de HAROLD GREEN **Fotos KEYSTONE e U. PRESS**

MARGARET

É o amor de uma princesa real diferente do de qualquer outro coração feminino? Não, caro leitor. Não é. Apenas, as conveniências políticas, nutridas ferozmente pela tradição entre a nobreza e a plebe, podem converter o amor de uma princesa, num pacto de sofrimentos e desilusões. Por isso o futuro Tsar Alexandre II, da Rússia, não desposou a Rainha Vitória, da Inglaterra, nem Henriquette casou com quem desejava; o amor, que dá tantas amarguras a personagens de sangue azul, também lhes oferece verdadeiros «céus abertos», quando as «côrtes» acertam os relógios e as conveniências se confundem com simpatias e amôres recíprocos. Há princesas e príncipes que se casam por amor. E' ao que podemos chamar de «ouro sôbre azul», ou «a sopa no mel». Entretanto, quase sempre suas altezas reais ficam suspirando pela liberdade de amor a um plebeu que lhes domina o coração, sendo forçadas a casar com um duque, um príncipe sem

graça, ... futuro ... liberda... cesa, ... Rose, ... muito ... candid... zão d... lenda ... mistéri... venha ... que co... de. Se... to. A ... agôsto ... amáve... làvelm... bruxar... E uma ... jamos ... morou

Recordando o passado... em 1952, quando a princesa con... Townsend, a uma corrida de cavalos em Londres. Era ...



...RET DESAFIA GLAMIS

...ente do ...? Não, ...iências ...ão en- ...erter o ...frimen- ...Alexan- ...a Vitó- ...ou com ... amar- ...ambém ... quan- ... conve- ...e amô- ...es que ...chamar ...el». En- ...eais fi- ...r a um ...ndo for- ...pe sem

graça, embora com uma coroa complicada em futuro próximo. Visto o amor pelo prisma da liberdade de escolha, é claro que uma princesa, como, por exemplo, a graciosa Margaret Rose, da Inglaterra de nossos dias, não é lá muito feliz, se o seu coração abrir-se para um candidato que venha contrariar a famosa «razão de Estado». No caso presente, há uma lenda curiosa. Dizem que os entendidos em mistérios do além, que, qualquer moça que venha ao mundo no castelo de Glamis, terá que casar-se até aos vinte e um anos de idade. Se passar... estará condenada ao celibato. A princesa Margaret nasceu ali. A 21 de agôsto corrente, fará ela vinte e três lindas e amáveis primaveras, estando, portanto, inapelàvelmente dentro da fatalidade prevista pela bruxaria de Glamis, tão do gôsto do londrino. E uma coisa está acontecendo, embora não sejamos supersticiosos: S. Alteza Real já se enamorou do Conde de Dalkeith, em 1950, dizendo-se mesmo que estavam noivos; passou. Surge agora um outro, o Comandante de Grupo, Peter Townsend, em tôrno de quem há todo um exército a fazer onda; e, mal se descobre o caso com o «desterrado» de Bruxelas, já se fala num terceiro galã, o elegante e simpático Lord James Carnegie. Será que a Princesa Margaret está fazendo pouco da «sentença» de Glamis? Em matéria de amor, quem escolhe, re-escolhe, torna a escolher, fica de tal maneira vacilante, que, no fim, com castelos de Glamis ou não, o celibato floresce onde devia nascer um lar. O assunto do momento, porém, continua em tôrno do romance de Margaret com o «plebeu» Townsend. Tem êle 39 anos e ela 23. Êle é divorciado, com dois filhos, e ela solteira e muito ingênua em matéria de amor. Se não fôr alterada a lei em vigor, será a Princesa Margaret a regente do trono, na falta de sua irmã, Elizabeth II, até que o herdeiro da Coroa, o príncipe Charles, atinja a maioridade.



Mas já se fala que êste jovem de 24 anos, Lord James Carnegie, filho do Conde de Southesk, é quem vai desmanchar os sonhos do capitão «plebeu».

...o a princesa compareceu em companhia da Rainha-viúva e de ...m Londres. Era a 1ª vez que se viam juntos, assim em público.

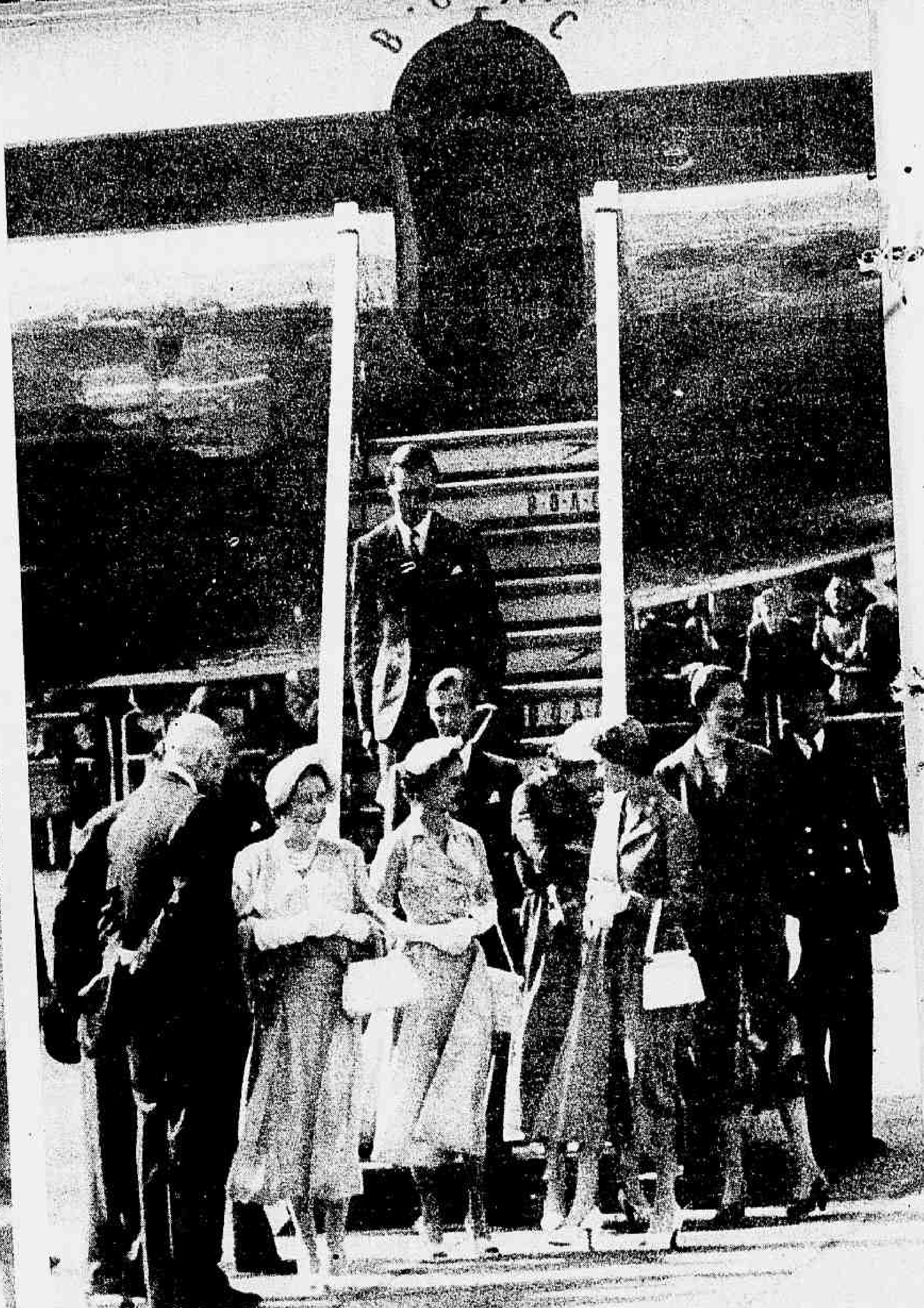




A princesa, ao celebrar seu 21º aniversário, a 21 de agôsto de 1951, no palácio de Buckingham.



Capitão Peter Townsend, comandante de grupo, palestra com o adido militar norte-americano, numa parada em Bruxelas, capital da Bélgica.



A rainha e a princesa Margaret, chegando a 17 de julho de 1953, de sua excursão de 16 dias à Rodésia do Sul, num avião a jacto.



E' bonita a ex-espôsa do capitão, sra. De Lazio, divorciada, segundo sentença, por culpa dela.

Assim, surge a famosa «razão de Estado». Para evitar complicações futuras, caso se realize o casamento com o capitão aviador, a lei de sucessão seria alterada para isto: na falta da Rainha, ficaria como regente o seu espôso, o Duque de Edimburgo. O assunto está apaixonando o povo britânico. Um jornal publicou a opinião do ex-rei da Inglaterra, também apeado do poder por um casamento morganático, o Duque de Windsor. Teria êle declarado que não via nenhuma inconveniência no enlace de sua sobrinha com o «plebeu» Peter Townsend; mas outro telegrama de Londres desmentia a reportagem. O caso já estava interessando a imprensa européia, de onde se espraiaria pelo mundo. E é o que sucede agora. O mundo inteiro comenta o namôro da princesa com o capitão sem sangue azul. Um jornal de Londres, o «Daily Mirror», iniciou a defesa da jovem irmã de Elizabeth II, advogando o direito que tem a princesa de casar-se com quem quiser. Abriu uma consulta ao público, uma espécie de plebiscito e o resultado foi êste: 72.277 votos a favor do matrimônio, e 2.305, contra. A opinião pública inglêsa é pela liberdade de amar e ser amada, direito que assiste à princesa, como ser humano que é, jovem, delicada, afetuosa e inteligente. Porque esta tortura a amargurar o coração de Margaret? Porque o capitão é divorciado e é quinze anos mais velho do que ela, além de não ser nobre. Quando a novidade tomou aspectos de quase escândalo público, com o homem da rua a comentar o namôro, o govêrno de S. M. Britânica recorreu aos velhos processos amortecedores de paixões: despachou Peter Townsend a 15-7, para a Bélgica, como adido militar à Embaixada Britânica em Bruxelas. A princesa estava em excursões pela Rodésia do Sul, em

(Cont. na pág. 44)



Townsend, quando na comitiva de Elizabeth II, desembarcava em Londonderry, na Irlanda.

UM LIVRO:

"LUA CINZENTA"

MUITO e longamente tem sido tratado pelos romancistas o tema que aborda neste livro Emi Bulhões Carvalho da Fonseca — «Lua Cinzenta». Mais uma vez, é o ciúme o assunto do livro, êste romance escrito com excelências de fabulação e estilo singelo. Entretanto, é um ângulo novo sôbre o ciúme, não apenas por se tratar, no romance dessa paixão, dessa doença, em si mesma, porém pelo fato de ser o «caso» estudado do ponto de vista feminino, com a penetração e a minúcia de uma psicóloga experimentada, além disso inteligente observadora. O romance de amor de Bruno e Diana se desenvolve com tôdas as gradações do sentimento que faz com que o amor, o amor grande, vá aos poucos se transformando, degenerando em ciúme.

A autora, em nota liminar, esclarece que dedica seu livro particularmente às mulheres, que muitas se encontrarão repetidas na heroína, pois aos homens talvez escapem certos detalhes da paixão do ciúme, extremamente particulares do coração feminino.

Lendo-se o volume (Edições O Cruzeiro) notamos, contudo, que também aos homens o livro interessará, tanto por sua ficção, como, o que é mais, pelo conhecimento que nos poderá dar dos meandros e escaninhos da complexa psique feminina. Estamos em que «Lua Cinzenta» presta uma grande contribuição à nossa melhor inteligência psicológica da mulher moderna, de seu misterioso mundo sentimental, de seu estranho quimismo, nesse laboratório absconso em que se segregam os mais extravagantes reagentes anímicos para complicar o amor, misturando-lhe essas secreções ácidas que acabam por tornar em corrosivo tremendo o que originàriamente foi simples água-com-açúcar.

Emi Bulhões, romancista consagrada, cujas obras lidas sempre com interêsse têm sido tiradas pela revista «O Cruzeiro», realizou um romance moderno, tanto como ficção, como no seu aspecto ensaístico, um romance vivo, atual, contribuindo enormemente para o melhor conhecimento do maquinismo sentimental de nossas contemporâneas — o que é um grande benefício.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

TRABALHADOR incansável, Sérgio Milliet organizou, para a Livraria Martins Editôra, duas antologias de grande interêsse. Uma: «Obras-Primas da Poesia Universal», que reúne as mais célebres peças poéticas de todos os tempos. E outra: «Obras-Primas do Conto Humorístico», que compendia páginas definitivas com ironia, graça e sarcasmo.

A REVISTA «Anhembi», dirigida pelo escritor Paulo Duarte, venceu definitivamente. Em seu último número encontramos os seguintes colaboradores: Roger Callois, André Dreyfus, Ligia Diniz, C. Zanotti, Roger Bastide, Bragaglia, Jenny Klabin Segall, Lucie Mazauric, Paulo Duarte e outros.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● JAPA é o título de um jornal literário que circulará êste mês, sob a direção dos poetas W. Dias Pino e Silva Freire. Apresentará ótima feição gráfica. Colaboram em seu primeiro número, Ferreira Gullar, Luci Teixeira, Oswaldinho Marques, F. C. Erande Soares, Nathaniel Dantas e outros.

● ALCIDES PINTO já entregou aos irmãos Pongetti o seu segundo livro de poesias, intitulado «Pequeno Caderno de Palavras». Segundo nos confessa o próprio autor, está publicando o que escreveu para pôr ponto final na sua vida literária. Apenas mais um caderno de poesias será entregue aos irmãos Pongetti — «Os Cantos de Lúcifer» — ao qual o poeta acaba de dar os últimos retoques. «Os Cantos de Lúcifer» quebra tôda a unidade que Alcides Pinto vinha emprestando à sua poesia. É êste livro, segundo autoridade do autor, uma poesia de sombra e luz, claro-escuro, uma pintura de côres amargas.

● O CIRCO DO TIO JÓ — Curioso álbum colorido das Edições Melhoramentos, narra bonita história, ao mesmo passo que, em páginas inteiras, se encontram figuras de pessoas, de animais, de coisas, para a criançada, singelamente, dobrar e pô-las em pé.

● LENDAS DA NOSSA TERRA — Após escrever «O Espantalho que Viveu», Gilda Helena volta aos leitores adolescentes com as «Lendas da Nossa Terra», desenhos de Osvaldo Storni. Iara, boiúna, pororoca, vitória-régia, lenda do algodão, das formigas, do cão, da mata — além de outras «Lendas da nossa terra» formam o instrutivo livro que as Edições Melhoramentos acabam de oferecer aos apreciadores de folclore.

● O DRAMA DO MUNDO — O plano desta obra (Edição Pongetti) poderá parecer excessivamente vasto para um escritor nacional, tanto mais que historiadores estrangeiros de renome universal já realizaram trabalhos de grande valor.

Entretanto, é necessário informar que Orvácio Santamarina dedicou à sua feitura grande parte da sua juventude, conseguindo terminá-la em plena maturidade. Estudando as origens e a evolução social do mundo em que vivemos, livre de preconceitos sociais e religiosos, colocou-se à altura do cometimento. E soube organizar a sua obra em moldes atuais, executando-a dentro de um sistema expositivo dos mais claros e eficientes. Uma Bibliografia rica em substância histórica atesta o valor das fontes consultadas.

● O ESCARAVELHO DE OURO e OS ASSASSÍNIOS DA RUA MORGUE — No gênero do sensacional, do misterioso, da emoção «em suspenso», poucos autores, no mundo inteiro, terão o renome de Edgard Allan Poe. Tanto sua vida quanto sua obra têm um ar de extravagância embelezada pela fôrça do gênio. Em sua série de Novelas de Mistério, as Edições Melhoramentos já haviam apresentado «A Miniatura Desaparecida», de Erich Kaestner e «O Ladrão de Milhões», de Ewger Seeliger. Agora, em tradução de Álvaro Pinto de Aguiar, ilustrações de E. Grandeit, a Melhoramentos publica, de Edgard Poe, «O Escaravelho de Ouro» e «Os Assassínios da Rua Morgue», duas novelas no mesmo volume.

● SUA ALTEZA REAL — Mau grado o grande êxito de livraria que coroou o aparecimento dêste romance de Thomas Mann, não lhe foi muito favorável a crítica da época que o julgou demasiado frívolo em relação à profundeza da obra do consagrado escritor germânico. Numa entrevista concedida na época a um jornal literário, Mann assim definiu a verdadeira significação dessa novela tão apreciada pelo público de todos os países cultos:

«A análise alusiva à individualidade principesca, encarada como personalidade formal, não-objetiva, superior, e a redenção da realeza pelo amor; eis a essência do meu romance». A tradução é de Marina Guaspari e o volume desta edição Pongetti traz um prefácio de Vitor Witrovsky.

ASCENSO FERREIRA NO RIO

Ascenso Ferreira está no Rio. Ascenso é uma espécie de folclore ambulante do Nordeste.. Com aquêle seu vozeirão e o chapéu de abas imensas, faz uma festa onde chega. E' o autor dos nossos poemas regionais mais saborosos.

Funcionário aposentado do Tesouro, Ascenso ganhou bom dinheiro, ùltimamente, vendendo ferro velho e aço. Bric-à-brac e tratores. E ainda pedras preciosas. Sua visita ao Rio é uma alegria geral.

UM AUTOR:

H. PEREIRA DA SILVA



O Jovem crítico e ensaísta H. Pereira da Silva acaba de publicar mais um volume de estudos, sob o título «Arte, Povo & Elite», obra ilustrada, edição de Batista de Souza & Cia., e que vem confirmar as qualidades já verificadas pela crítica, abundantemente, nos seus livros anteriores.

Utilizando o processo psicanalítico, H. Pereira da Silva tem investigado figuras das letras e das artes, fazendo obra moderna e válida, tanto pela aplicação freudiana nos domínios da crítica, como pelos vultos e pelas obras que estuda, de grande importância no seu meio. Neste volume, por exemplo, encontramos uma série de artigos que historiam a arte no Brasil, desde a Missão Holandesa, passando por Mestre Valentim, o Aleijadinho, o Chagas e os Santeiros, em seguida pelo período de D. João VI e dos dois Impérios, até os contemporâneos, focalizando, então, alguns dos principais nomes de cada idade.

● É interessante notar que a crítica de arte ganha, com H. Pereira da Silva, um novo e fascinante aspecto, apreciando os autores pela somática freudiana que vasam nas suas obras. Que interessantes são, aí, as revelações, as retificações e as descobertas do ensaísta! Podemos dizer que o panorama de nossa crítica de arte está muito ampliado com êstes novos elementos trazidos pelo psicanalista e que êsse departamento, tão escassamente praticado entre nós, poderá adquirir muito maior significação, uma vez na posse dêste novo e admirável instrumento.

H. Pereira da Silva é um trabalhador pertinaz que, à exemplo das laboriosas abelhas, compõe na sombra e no silêncio uma obra por muitos títulos digna do maior interêsse. Sua bibliografia que já se estende por alguns volumes tidos no melhor conceito, agora se acrescenta dêste livro que certamente poderá ser discutido, nos seus limites e nas suas ousadias, mas, de tôda forma, é um grande benefício prestado à história das artes e a muitos artistas no Brasil.

eth II,
anda.

ELIZABETH DA INGLATERRA

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Elizabeth I, filha de Henrique VIII e Ana Bolena — era um estranho temperamento feminino. Sua vida particular foi por muito tempo considerada um enigma, até que documentos históricos permitiram que se fizesse um pouco de luz sôbre a intimidade da Rainha Virgem — como ela gostava de ser chamada. Sua maior rival foi Maria Stuart da Escócia.

— Que pensas, Roberto, daquela mulher? Até quando temos que suportá-la.

— Até quando nos aprouver, Elizabeth.

— Como és ingênuo, no teu modo de ver!

— Basta algumas gôtas de um certo licor...

— Veneno! Só sabes aconselhar veneno. No entanto, a prática que já tivestes devia ter-te desaconselhado o uso.

— Por quê? Sempre deu bom resultado.

—Deu, porque protegendo-te, estava eu.

— O destino sempre põe às nossas costas alguém que nos defenda. Os católicos, que não conhecem Elizabeth, chamam êsse alguém de anjo da guarda.

— És um patife! O mais monstruoso dos patifes! Só sabes aconselhar veneno!

— Não tenho nada melhor à minha disposição. Se a tivesse desposado seria diferente...

— Não quererás dizer que a terias feito morrer de tanto apertá-la em teus braços!...

— Espera, querida, espera. Não queiras adivinhar minhas intenções. Dada a vontade que ela tem de se casar, eu a teria condenado ao suplício de Tântalo: ter sêde e não beber; ter fome e não comer. Que achas?

— Terias resistido?

— Pode-se sempre resistir a uma mulher. Isso não é difícil quando se tem uma outra, mais linda e mais ardente.

— Roberto, não me faças enlouquecer!

Ela agarrava-se a seu pescoço, no acre tormento de sua insatisfação. Depois, ao se afastar, quase sempre concluía:

— Vou assinar um decreto que te diz respeito. Preparei-te mais uma surprêsa, meu grande amor.

Se houvesse, porém, podido ler na alma de Roberto, teria visto como Maria Stuart o havia impressionado.

Murray e os outros confidentes de Elizabeth não lhe contaram que Maria Stuart estava grávida. Não sòmente porque temiam sua ira, como, até que Maria não houvesse dado a luz, haveria sempre um geito de impedir o nascimento do filho. Parece, realmente, que ao menos no episódio funesto da morte de David Rizzio e na tentativa de abôrto de Maria, Elizabeth não tenha tomado parte diretamente como era seu costume. No entanto, aproveitou-se do escândalo da côrte escocesa para enlamear mais ainda a prima.

David Rizzio, piemontês, era secretário particular da rainha da Escócia. Culto e inteligente, honesto e fiel, era, por outro lado, tão mal dotado pela natureza que suscitava ao mesmo tempo o riso e a compaixão pelo seu aspecto e não, naturalmente, sentimentos amorosos. Jaime Murray, que de tudo se servia para seu jôgo maléfico contra sua meia-irmã, conseguiu insinuar na alma do marido um ciúme frio e profundo contra o secretário de sua mulher. De outro lado, difamou tanto Rizzio diante dos protestantes, que o fêz aparecer como o único responsável pela permanente aversão de Maria Stuart pelo protestantismo.

Disso. surgiu uma conjuração que, aparentemente, tinha como finalidade a morte de Rizzio, com o tácito consentimento do rei enciumado. Na realidade, visava o abôrto da rainha, que pretendiam obter, ainda que fôsse com a violência, se o mêdo não fôsse suficiente.

CAPÍTULO III

O executor material da sentença contra Rizzio foi um oficial protestante, chamado Ruthven, homem brutal e sanguinário. Seguido de um bando de conjurados invadiu a sala onde Maria Stuart ceiava com o rei e com outros convidados, entre os quais Rizzio. Depois de uma breve altercação com o infeliz secretário, estando êste escondido atrás da rainha, golpeou-o, afastando-a. Temendo não ter, com o assassinato, atingido sua finalidade, fingiu escorregar e fêz com que a rainha caísse de bruços sôbre a mesa, com violência estrema. Nem o sangue inocente derramado em sua presença, nem o golpe doloroso, conseguiram o que os conjurados haviam previsto. Maria saiu incólume do atentado e com ela a criatura que levava no seio. Durante tôda sua vida, porém, o filho sofreu as conseqüências do susto materno. Sempre que avistava um punhal tremia. A criança nasceu dois meses depois, pois a tragédia se dera quando já tinha sete meses no seio materno. A notícia do nascimento de Jaime VI da Escócia, que um dia se tornaria Jaime I da Inglaterra, não se pôde esconder à Elizabeth.

Se esta não tivesse apelado para tôdas as suas fôrças para acolher com alma forte o embaixador da Escócia, que lhe trazia a notícia, teria caído de seu trono. Sabia, porém, enfrentar os golpes da sorte com espírito firme e decidido. Durante alguns momentos, no entanto, não conseguiu freiar o angustioso tormento que se prolongaria por tôda sua existência. Exclamou:

— A rainha da Escócia é mãe e eu sou uma árvore que não dá fruto.

Grito convulsivo e desesperado de uma rainha que sempre invejou à tôdas as mulheres, mesmo a mais miserável, as alegrias puras e santas da maternidade. A consciência de sua inferioridade se transformava em ódio para com Maria Stuart, que, impondo-lhe um herdeiro ao trono, envenenava-lhe a existência.

Todavia, ao embaixador, embaraçado por aquela confissão inesperada, acrescentou com sorriso frio e cortês:

— Diga à rainha minha prima que esta notícia me alegra e que solicito a honra deser a madrinha.

★

Tudo que o ódio, a inveja e o ciúme conseguem fazer do coração de uma mulher, principalmente quando esta é poderosa e pode, por todos os meios ao seu alcance, satisfazer seus instintos, prova-o a horrenda trama urdida para ferir Maria Stuart. Foi uma conjuração tecida na sombra da côrte inglêsa, por vontade de Elizabeth e com a cumplicidade de Murray.

Tudo fôra diabòlicamente arquitetado, para que a rainha da Escócia deixasse nas mãos de seus inimigos os últimos farrapos de sua honra. Nem uma circunstância foi descurada, para que a responsabilidade dos frios assassinos caísse sôbre a rainha. Tudo foi preparado para que, se alguém dos cúmplices resolvesse revelar o que acontecera, não houvesse nem uma possibilidade de acusar a mais direta mandatária.

Narremos brevemente os fatos incríveis.

O marido de Maria Stuart ficara doente, com varíola. A rainha quis ficar a seu lado, para tratá-lo, como a mais afetuosa das enfermeiras. Disso foi dissuadida pelos médicos e pelos amigos, pois havia perigo de contágio para ela e para o próprio filho. Esperava, com viva impaciência, a convalescensa do marido. Foi, então, buscá-lo pessoalmente e transportou-o para a casa paroquial de Santa Maria. Ocupou um apartamento térreo, sob o do rei. Durante duas a três semanas assistiu devotamente ao marido. Anunciou-lhe, depois, que teria de se ausentar uns dois dias para ser madrinha de casamento de uma de suas damas de honor.

Saíra pela manhã, e, na noite seguinte, de 9 a 10 de janeiro de 1567, a casa foi pelos ares e numa das aleas do jardim foram encontrados os cadáveres do rei e de seu criado particular, com sinais evidentes de estrangulamento.

O primeiro a ser acusado de ter chefiado o atentado foi o conde Murray, que fugiu logo para a França. A seguir, acusaram o conde Bothwell, um dos mais tristes e sanguinários representantes da intolerância anglicana na Escócia e inimigo feroz de Maria Stuart. Êste, não sòmente precisou fugir como Murray, como três meses depois da morte do rei, apresentou-se à rainha Maria, pedindo-a em casamento. À sua recusa categórica, Bothwell respondeu primeiro com velada insistência e, a seguir, com ameaças: ou Maria aceitava assinar, concordando com o matrimônio, ou, então, deveria assinar sua abdicação em favor do filho, renunciando, assim, à coroa da Escócia. Se aceitasse o casamento, êste deveria ser realizado, segundo o rito anglicano. Se não aceitasse, seria condenada à prisão perpétua e seu filho morto.

O terrível dilema encontrou a rainha já enfraquecida pelas desventuras contínuas, incapaz de lutar, amedrontada pela vida do filho, arrastada pelo seu próprio destino e aviltada pela falta de defesa. Deixou que as coisas se realizassem, segundo o pérfido desejo de seus inimigos, ficou desesperada e espôs-se ao desprêzo de tôda Europa.

Sobretudo, porém, ofereceu-se aos golpes daquela que, com suas artes infernais, a tinha perdido: Elizabeth da Inglaterra.

A trama diabólica fôra tramada, fio por fio, em Londres, na côrte da virgem sádica, para quem as lágrimas dos outros eram símbolos de tormentosa voluptuosidade. As núpcias de sangue, realizadas na Escócia, tiveram o epílogo fatal, preparado com tanta sagacidade.

— Está em tempo de acabar com essa senhora Bothwell e com seu marido.

— Falas da rainha da Escócia?

— Sim, meu caro. De minha amantíssima prima. Precisa-se pôr fim a essa ignóbil farça que desonra tôda a humanidade protestante.

— Não compreendo bem, minha cara. Tudo que aconteceu, tu mesma o quizestes, e agora és a primeira a condená-lo.

— Tu, Roberto, estás habituado a desfazer-te de tudo o que se atravessa em teu caminho, com meios antiquados e não vês que são ingênuos e perigosos. O veneno não deixa traços, mas não possibilita ao envenenador o prazer de ver sofrer a própria vítima. Poucos minutos, e tudo termina. Isso é banal e estúpido.

— Prisma de cem faces, Elizabeth, sempre podes mostrar um lado mais luminoso a quem amas.

— Deves compreender que Bothwell serviu sòmente para desonrar-se e desonrar Maria Stuart. Como protestante, porém, êle lançou a desonra sôbre todos os anglicanos da Escócia e da Inglaterra. Esta é uma mancha que deve ser lavada, uma vergonha que deve ser apagada. Vou servir-me dos próprios protestantes para expulsar da comunidade dos mesmos, os dois cúmplices da morte do rei da Escócia, unidos pelo matrimônio num horrendo pacto de sangue. Servir-me-ei dos próprios protestantes para se revoltarem contra o assassino e aquela que o recebeu no leito ainda quente de seu marido. Tudo se estabeleceu para que eu seja chamada por Deus como juiz de tanta iniqüidade e para que a minha justiça golpeie inexoràvelmente, em nome da realeza que enlamearam. Que vale, diante de tudo isso, o teu veneno, Roberto?

— Se eu não estivesse ligado a ti por uma tão grande paixão, dêste momento em diante te adoraria, Elizabeth.

— És o mais ingênuo e o mais mentiroso dos aduladores.

— Não é verdade.

— És, porém, para mim, uma espécie de danação. Amo-te pelas tuas mentiras, pelo teu cinismo, pela tua infidelidade, pelas tuas ambições, pelos teus delitos.

— Seria muito infeliz, Elizabeth, se tivesse que me convencer de que me amas sòmente por estas minhas qualidades espirituais.

— Todo o resto não é amor: é um desespêro cruel, é um mal que me inoculastes no sangue, é um sofrimento que prosta, é uma necessidade mórbida dêsse meu corpo desventurado... que não pode ter a doçura do amor realizado, como a mais humilde das mulheres

— Um grande mal. Elizabeth, um grande mal que tivesses estragado tua juventude com filosofias. Pensas e raciocinas demais. O pensamento e a razão são os grilhões da alma. Tomemos o que a vida nos dá, não julguemos se foi injusta conosco, e convertamos em prazer a própria injustiça.

— Talvez tenhas razão Roberto.

— Esta noite prepararás comigo tua vingança infalível. Tua bela prima cairá sem remédio na armadilha funesta. A bela escocesa aprenderá a recusar a mão de um Leicester pela de um Bothwell.

— Também o odeias? Tu o odeias porque a amastes.

— Não procures as razões do ódio, não procures as razões do amor. São frutos da mesma árvore. Até esta noite, Elizabeth.

— Deixarei a porta entreaberta.

★

Entreabriu a porta a seu amante, mas fechou o coração a todo sentimento de clemência para com Maria Stuart. Como não a tivesse perdoado por ter nascido nove anos depois de si, de ser bela, culta e virtuosa, não lhe perdoava a atitude altaneira e digna diante da desventura. O processo sôbre a conjuração de Balbing — que visava acabar com o protestantismo, tanto na Escócia quanto na Inglaterra — acusava-a como sendo a maior inspiradora. Foi o último golpe grave contra a prisioneira que definhava nos cárceres inglêses.

(Continua no próximo número)



PUXE PELO CÉREBRO

1 — De quem é êste pensamento: «a desconfiança»:
— Sêneca?
— Byron?
— Pe. Vieira?

2 — Que quer dizer Cláudio:
— Vingador?
— Venturoso?
— Coxo?

3 — Qual dêstes é o maior edifício do mundo?
— O Rockfeller-Center?
— O Empire State Building?
— O hotel Waldorf-Astoria?

4 — Em qual destas cidades se ergue a estátua do engenheiro Fernando Lesseps, construtor do Canal de Suez:
— Cairo?
— Port Said?
— Alexandria?

5 — Em que pôrto norte-americano se ergue a Estátua da Liberdade:
— Nova York?
— S. Francisco?
— Nova Orleans?

6 — Qual a curiosidade que se nota na estátua de «Adriadne adormecida», no Museu do Vaticano:
— A falta de uma perna?
— Ser a única estátua de mármore com pestanas?
— Ser metade de mármore e metade de ouro?

7 — O mês de junho vem de:
— Jovem?
— Diminutivo de Júlio?
— Uma homenagem ao deus Juno?

8 — Qual o município da Bahia que é uma ilha em frente à sua capital?
— Itaparica?
— Aratu?
— Cachoeira?

9 — Quantas fontes de águas minerais naturais há no Distrito Federal, e em exploração comercial:
— Duas?
— Uma?
— Quatro?

10 — Qual o nome do Marquês de Tamandaré:
— Joaquim Marques Lisboa?
— Francisco Manuel Barroso da Silva?
— João Manuel Mena Barreto?

11 — Onde fica o pôrto de Bolama, de onde Balbo realizou o vôo Roma-Brasil:
— Na Itália?
— Na Guiné Portuguêsa?
— Na Espanha?

12 — Em que país há o velho costume de se tirar os óculos para cumprimentar os amigos:
— Na China?
— Na Suécia?
— Em Marrocos?

13 — Qual a estrêla mais brilhante do céu?
— Arcturo?
— Alfa?
— Sírius?

14 — O que a água possui em maior quantidade:
— Hidrogênio?
— Oxigênio?
— Azôto?

15 — De mil litros cúbicos de água do mar podem ser extraídas:
— Três gramas de ouro?
— Um quilo de prata?
— 500 gramas de mercúrio?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.
«A amizade acaba onde começa

JANELA SÔBR[E]



MINISTÉRIO DA SAÚDE

Sendo bastante subrecarregado o serviço do Ministério da Educação e Saúde, houve por bem o govêrno desdobrá-lo, criando o novo Ministério da Saúde. O outro passará a denominar-se, de «Educação e Cultura». Para isso já foi aberto o crédito inicial de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, para que possa ser batizado o pimpolho. O país, que vive a sofrer críticas dos estudiosos, classificando-o como terra sem saúde, muito irá lucrar com o ato governamental. Se a saúde e a cultura do povo continuar como está, a culpa não é do govêrno, que já nos ofereceu dois Ministérios. E azar nosso...

★

BRANCO E PRÊTO — Sensacional exemplo de ausência absoluta de preconceito de raça, deu ao mundo, e, especialmente ao povo inglês, a senhorita Peggy Cripps, filha do falecido ministro de Estado, Sir Stafford Cripps, casando-se com o estudante de direito, Joseph E. Appiah, natural da Costa do Ouro, África. Não houve na Inglaterra e na pátria do noivo, quem não comentasse o enlace matrimonial, tendo o mesmo atraído para a igreja de São João, em Londres, grande massa de curiosos. O africano uniu-se a miss Cripps, vestido à moda de seu país e com alpargatas. Ela, à ocidental, não tendo esquecido o ramo de flores.

● É assinado, a 27 de julho, o armistício na Coréia. Agora vão as Nações Unidas e os sinocoreanos do norte cumprir a segunda e mais difícil etapa: a execução das condições de trégua, sob ameaças do govêrno coreano do sul.

● O Brasil estêve representado, por uma delegação, no Primeiro Congresso Internacional sôbre Bibliotecas de Medicina, inaugurado em Londres, a 21 de julho, no Beveridge Hall, da Universidade da capital britânica.

● A notícia do armistício na Coréia trouxe preocupações ao govêrno de Tóquio, pois, foi essa guerra a principal fonte de dólares para o Japão, em conseqüência das encomendas especiais feitas pelas fôrças das Nações Unidas.

● O Banco de Exportação e Importação recebeu do Brasil, que acaba de entregar aos seus credores dos Estados Unidos, a segunda quota de 60 milhões de dólares, liqüidando os atrasados comerciais até 30 de maio de 1952, informam de Nova York.

● Segundo declaração do Presidente Eisenhower, a guerra na Coréia custou um total de quinze bilhões de dólares, nos três anos, um mês e um dia de duração. As perdas humanas se elevaram





ASTRO ATROPELADO — John Wayne, astro de Hollywood, viveu durante sete anos com sua mulher, a atriz mexicana, Esperanza. Um dia brigaram. Veio o divórcio, por «crueldade» do marido. Tudo ia bem, e ela recebia 900 dólares mensais; mas a Esperanza achou pouco e moveu ação contra o astro. Aqui vemos a mulher e o astro, e, de lápis à mão, o advogado da artista, fazendo cálculos. Ela quer mais dinheiro: alguns milhares de dólares. Êle contestou e disse que o alto nível de vida delà, enquanto juntos, era fruto de esbanjamentos e incontinência da mulher, que metia o pau nos vencimentos dêle. Ela contestou.

RE O MUNDO

BUZINA

Em São Paulo, em tôda a área central, denominada «zona do silêncio», está proibida a buzina de veículos. Depois dessa experiência, a ordem será estendida aos bairros. E' proibido buzinar. Quanta diferença no Rio! Aqui, pelo que parece, cada motorista sente enorme prazer em «tocar buzina», mesmo sem necessidade. Há uns, então, que se assemelham a criança quando recebem de presente bonecas que choram e falam «papá», «mamá». Os rapazes, metidos em seus carros de luxo, não poupam a buzina, como que para chamar a atenção das garôtas. Para êles chamamos a atenção da polícia de trânsito. Urgente!

MANTENA

E' o nome de um município situado na zona litigiosa Minas-Espírito Santo. Fica na região da serra dos Aimorés, terra fertilíssima, ideal para a instalação de colônia agrícola. A quem pertence o município? Ninguém sabe. Acha Minas que é dela; afirma o Espírito Santo, que Mantena é sua. Sôbre o caso há laudos e cartas geográficas produzidas por comissões do nosso Exército. Mas os Estados limítrofes ainda não chegaram a um acôrdo. Há no Supremo Tribunal Federal uma ação em julgamento, já de cabelos brancos. Enquanto brigam os brancos, os negociantes de lá não pagam impostos.

a alguns milhões de vidas entre civis e militares.

● Segundo o Chefe do Estado Maior Combinado, General Omar Bradley, em seu depoimento em favor do auxílio ao estrangeiro, prestado perante a Comissão de Créditos do Senado, ainda há a possibilidade de uma terceira guerra mundial.

● Foi decretada para a Hungria, anistia completa em favor de todos os presos políticos, conforme lei votada pelo «Presidium» da República. O fato repercutiu favoràvelmente entre os habitantes do país e foi apreciado nos países europeus.

● Chegou a Zagreb, procedente dos Estados Unidos, o dr. John Lawrence, da Universidade da Califórnia, com o fim exclusivo de tratar da saúde do cardeal Stepinac. Acompanhou-o o cirurgião americano, dr. John Zuzich, de origem iugoslava.

● Conforme comentário do redator diplomático do jornal conservador, «Sunday Dispatch», o marechal russo Koniev teria sido vítima da última depuração havida entre grandes personagens da União Soviética, perdendo sua posição política.

● Malenkov, atual ditador russo, dirigiu uma mensagem a Kin Il Sung, presidente do Conselho de Ministros **da Coréia do Norte**, por ocasião da assinatura do armistício, oferecendo ajuda econômica destinada à restauração daquele país comunista.

● A Inglaterra e os demais países da Comunidade Britânica, estão fazendo gestões junto aos Estados Unidos, no sentido de que as mesmas nações tenham maior e mais ativa participação na próxima conferência de paz com os sino-coreanos.

QUEM DISSE ISSO?

1—A amizade não se obriga. Brota espontânea do coração.

2—Só os fortes sabem ser indulgentes.

3—As injúrias são as razões dos que não têm razão.

4—Grande quantidade de livro sobrecarrega o estudante, mas não o instrui.

5—O mal não pode vencer o mal. Só o bem pode fazê-lo.





O «YOGUI» é o adepto de uma crença curiosa: não se mortifica pela esperança de conquistar o Paraíso, ou viver, depois da morte, na eterna bem-aventurança. O «Yogui» se martiriza e pratica certos regimes, com a vontade firme de vencer a sua própria natureza, conquistando o domínio de si mesmo, indiferente à dor física. Aqui temos dois dêsses curiosos lutadores pela perfeição moral: o que ri, é antigo empregado público da Índia; vive na maior solidão e vem duas vêzes por semana, à cidade, a fim de alimentar-se. O outro, depois de três anos de maceração e de exercícios exóticos como êste, já se julga perfeitamente capaz de distinguir o Bem e o Mal. São coisas da vida desta curiosa humanidade.

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 15 E 21 DE AGÔSTO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do .

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana lhe será muito favorável. Seu astro receberá bons aspectos, possibilitando-lhe uma reação benéfica em todos os setores de suas atividades.

TOURO (21/10 — 20/11) — Com exceção dos dias 17 e 18, a semana terá feição bem favorável para os negócios, para a vida profissional e doméstica. Não force as situações e os casos em que tomar parte. Advogue soluções naturais.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período desaconselha a solicitação de favores e o início de viagens aéreas ou marítimas. Evite, do mesmo modo, qualquer discussão, pois os desentendimentos, por mais simples, originarão conflitos.

CANCER (23/12 — 20/1) — Sua chance atingirá um ponto alto entre os dias 17 e 20. A oportunidade possibilitará um verdadeiro reajustamento nas condições econômico-financeira e a solução dos problemas pendentes.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Limite-se aos casos profissionais. Não adiantará qualquer providência visando o andamento rápido dos negócios ou das promessas que lhe tenham sido feitas. A ordem é esperar.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os casos sentimentais estarão mal amparados no novo período. Há uma forte ameaça de escândalo em sua vida sentimental. Resista às tentações, cumprindo, estritamente, o mandamento que nos torna defesa a mulher do próximo.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Se não dispensar o máximo de atenção a tudo o que fizer na semana entrante, poderá incidir num êrro de gravíssimas conseqüências e que poderá, mesmo, levá-lo à perda, por algum tempo, de sua liberdade.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Aguarde uma ocasião mais oportuna para o lançamento de qualquer negócio novo. Tudo o que fôr iniciado agora, terá curta duração e um final que não lhe recomendará o nome, no futuro. Haverá perigo de ruidosa falência.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O clima que os astros estão formando, no seu caso, será inteiramente benéfico às suas iniciativas e às providências de ordem doméstica ou profissional, tomadas no interêsse de sua economia.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O período desaconselha qualquer demanda, notadamente no fôro. Igualmente não favorecerá a nova semana, as petições iniciais, o começo de processos ou de investigações com fins utilitários.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os dias 16 e 18 serão altamente contrários aos interêsses materiais, jôgo, especulações, investimentos, etc. O melhor, no caso, é ficar nas ocupações ordinárias, aguardando melhores dias. Os horizontes, no momento, estão nublados.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Grandes, duradouras e boas amizades poderão ser conseguidas graças a encontros fortuitos. Uranus lhe proporcionará os melhores imprevistos, notadamente nos dias 17, 19 e 20. Em tais dias use roupa azul!

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto	15 — Elmano	—	Flora
"	16 — Heitor	—	Alda
"	17 — Gustalvo	—	Edméa
"	18 — Jair	—	Zaira
"	19 — Faustino	—	Jônia
"	20 — Carlos	—	Albana
"	21 — Suetônio	—	Mírtis

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Agôsto	15 — 22º 21' 2"	(Signo do Leão)
"	16 — 23º 18' 42"	(" " ")
"	17 — 24º 16' 24"	(" " ")
"	18 — 25º 14' 07"	(" " ")
"	19 — 26º 11' 51"	(" " ")
"	20 — 27º 09' 36"	(" " ")
"	21 — 28º 07' 22"	(" " ")



Modêlo de David Crystal, em sêda listrada de rosa e negro. Saia rodada. Uma criação que serve para a próxima estação



Algodão grosso, que parece lã, é o modêlo de David Crystal. Pode ser usado com um casaquinho sôlto, do mesmo tecido.

OS TECIDOS...

Com pouco mais de um mês para a Primavera, já é interessante observar o que está sendo lançado em Paris, Nova York ou nas cidades italianas, em matéria de modelos para meia-estação. A primeira impressão é que continuará a linha "à vontade" — leve, sem formalidades, graciosa, confortável de se vestir. Em resumo, muito do que se tem usado nas últimas temporadas. Isso não quer dizer que não haverá novidades. Absolutamente. As mais interessantes, no entanto, se referem aos tecidos mais que aos modelos. Veremos sêdas e algodões inteiramente diferentes em contestura, cor e estampado, do que estava sendo usado até então. Os fabricantes ensaiam novas combinações de sêda e lã, sêda e algodão, algodão e "rayon", com efeitos interessantíssimos. Isso sem falar nas novidades em "nylon" e "orlon", que, pelo menos o primeiro, já está sendo fabricado entre nós. O cinza, tão usado neste inverno, continuará ainda por algum tempo, pois as mulheres descobriram que constitui fundo imprescindível para realçar outras côres. Haverá muitos estampados, muito mais do que no fim do verão passado, quando começaram a aparecer aqui e ali.



David Crystal desenhou êste gracioso vestido com corpo preguеado, em sêda pura, para a próxima meia-estação.



Um encantador vestido de lã leve, com saia pregueada. Botões e cinto em couro negro. Modêlo de Neiman-Mercus, para fim de inverno.

corpo
stação.

A "TORERA" FERIDA

TODOS os jornais falaram e as revistas publicaram reportagens fotográficas quando Patrícia Mc Cormick obteve suas primeiras e brilhantes vitórias nas arenas mexicanas. Não foi a primeira mulher a se dedicar a tão arriscada profissão, mas, era jovem e bonita, e isso despertava, mais ainda, a curiosidade e a vontade de vê-la enfrentando "a los toros". Patrícia é norte-americana, porém, em suas veias corre aquêle sangue valente e ardoroso que caracteriza os "matadores" mais famosos do México e de Espanha. Sua profissão ela a exerce no México, já que nos Estados Unidos não existem arenas famosas como as da terra de Gualtemozin.



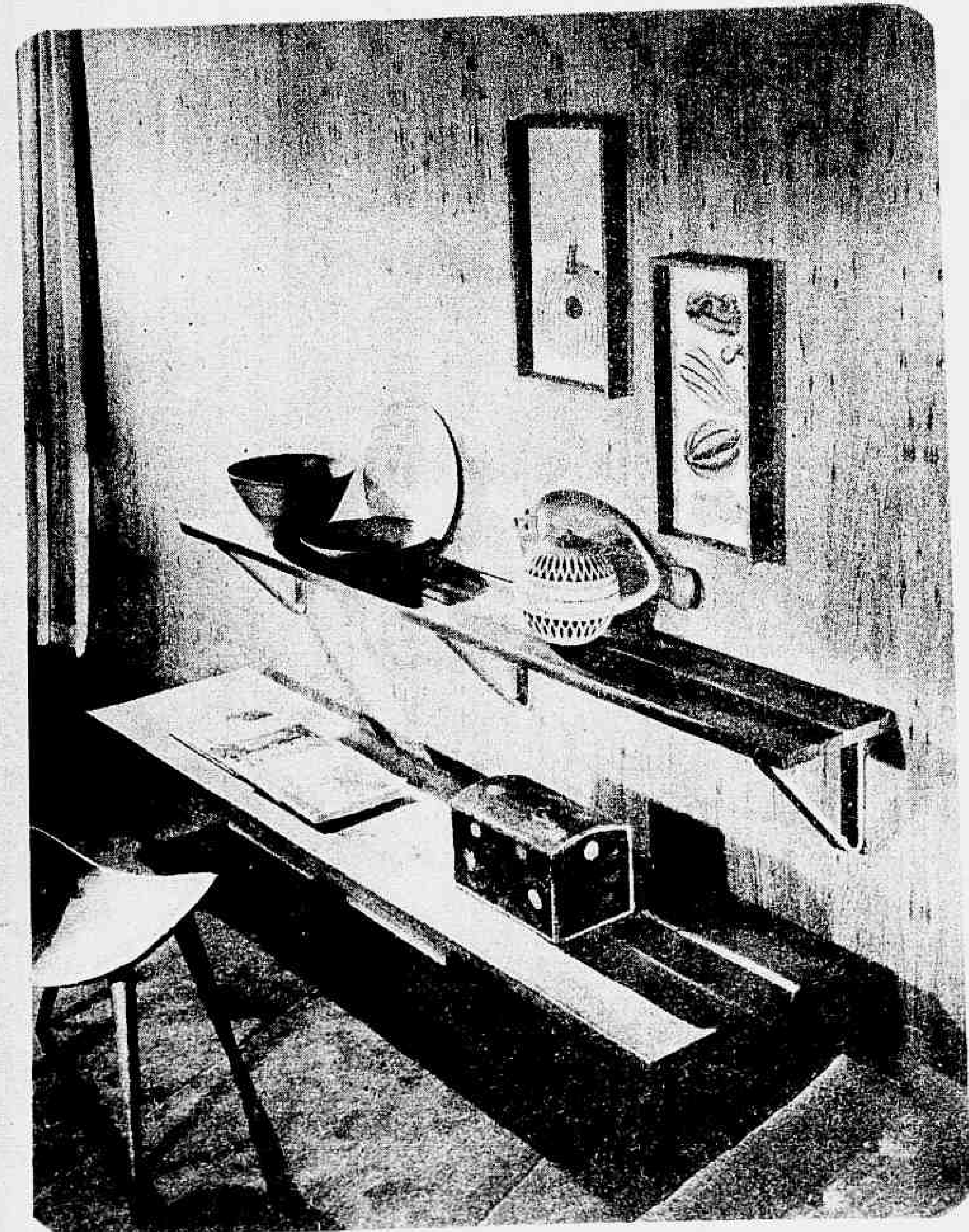
● *Há alguns dias, porém, os jornais noticiaram que tinha sido ferida; um touro dera-lhe uma chifrada. Êsse, aliás, é sempre o prêmio dos "valientes" que afrontam as feras artificialmente excitadas. Teve sorte, porém, a nossa "torera": sorte e arrôjo. Ferida, assim mesmo fêz questão de matar o touro furioso que a havia atingido, numa demonstração de que as mulheres quando se metem a enfrentar touros vão até o fim. Matou o animal e depois desmaiou. Um epílogo bem feminino para tão arrojada façanha. O ferimento não era muito grave, pior fôra o susto.*

● *Patrícia já fôra ferida uma vez, há tempos atrás. Um ferimento sem glória, que não valeu. Atingira-a uma simples vaca, com a qual se exercitava, apenas para ganhar prática. A vaca, esquecendo-se de que não era um touro, pusera-se furiosa e avançara sôbre a "torera". Vendo-se diante de uma mulher que bancava homem, a vaca sentiu-se estimulada e quis também bancar o touro.*

O ferimento foi leve, daquela vez. Mais leve ainda do que o atual, feito por um touro de verdade. Patrícia deve sentir-se feliz agora. Foi "ferida com honra", por um touro valente. Isso fará com que esqueça a humilhação do primeiro ferimento. Agora, sim, pode acrescentar mais uma pedra valiosa em seu gibão de "torera". — L.J.

★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★ ★★★★★

SUGESTÕES PARA O LAR



PARA quem gosta de idéias originais, vai hoje uma interessantíssima, prática e de grande efeito decorativo. Basta que se tenha uma superfície de parede lisa, sem móvel nenhum, para se poder pôr em execução. O que à primeira vista parece ser uma prateleira dupla, é na realidade, um banco e uma prateleira de parede. O banco foi colocado sob esta, economizando, assim, espaço. Quando não em uso, serve para se guardar revistas ou colocar caixas e bibelôs. Suponhamos, porém, que as cadeiras da sala não são suficientes para todo mundo. Arrume um lugarzinho extra na prateleira para colocar tudo que estiver sôbre o banco, desencoste-o e poderão se sentar quatro a cinco pessoas.

● Não reside só nisso, porém, a utilidade dessa peça. O banco pode muito bem sevir, também, como mesinha para docinhos, biscoitos ou café. Puxe-o, então, para a frente do sofá (do qual se avista um canto à esquerda da fotografia). Tanto a construção da prateleira quanto do banco são simples e até um pouco rústicas. Os pés do banco e os suportes da prateleira em ferro envergado, pintado. As tábuas em côr natural, apenas ligeiramente enceradas. A idéia, dos decoradores de Dumbar, é ótima para ser aproveitada numa casa-de-campo ou num apartamento. Para que o conjunto combine com sua mobília, faça-o no estilo da mesma, qualquer que seja êle.

NIKE

UM POUCO DE BELEZA

SE VOCÊ FUMA...

HOJE em dia muitas são as mulheres que fumam. Umas por vício, outras por elegância, algumas «porque todo mundo fuma». De qualquer forma, fumar passou a ser comum para as mulheres, quase tanto como os homens. Não vamos falar aqui sôbre as vantagens ou desvantagens do fumo. Isso compete aos médicos, e, assim mesmo, as opiniões entre êles são diversas. Se você fuma, precisa ter alguns cuidados para que sua beleza não fique prejudicada.

● OS DENTES — A nicotina que todos os cigarros contêm, em maior ou menos quantidade, empretecem os dentes, lentamente. Aos poucos, êles se vão tornando amarelecidos e sem brilho. Se isso lhe acontece, procure imediatamente o conselho de seu dentista, que lhe indicará algum preparado ou alguma pasta de dentes que destrua a camada pouco estética que o fumo deixa em seus dentes.

● AS MÃOS — Também os dedos, às vêzes, ficam amarelecidos, principalmente quando se fuma muito continuadamente. Para clareá-los use uma solução de água oxigenada com amônea. Pode, também, lavar as mãos com um sabonete que contenha pedra pomes em pó, e que é encontrado nas casas especializadas.

● O HÁLITO — Não é nada «feminino» ter o hálito carregado de nicotina. Dizem que um copo de leite tira inteiramente o odor de fumo da bôca. Também existem atualmente pastilhas de clorofila desodorisantes.

JÚLIA DE MILO



Uma fumante de muita classe é Aileen Stanley, famosa atriz da Warner.

PENTEADO "RABO DE CAVALO"



● Estão em moda os penteados que foram denominados «rabo de cavalo». Se estiver tentada a usá-lo, experimente diante do espelho. Examine com atenção seu perfil para verificar se o tal penteado combina com o feitio de seu rosto, pois êsse é um estilo que não assenta para todo mundo.

Para que o «rabo de cavalo» fique bem prêso é preciso pentear os cabelos para trás e para o alto, amarrá-los fortemente com um elástico ou uma fita, e prender com fivela ou grampos.

Um decote amplo e detalhes graciosos, acentuam a linha suave dos ombros. Barbara Hale, bela «estrêla» da Columbia, usa, aqui, uma golinha branca, com seu vestido de noite prêto.



OMBROS BONITOS

● *Se você tem ombros bonitos, não oculte-os debaixo de enchimentos exagerados, tipo paletó de homem. Use, ao contrário, blusas de frente única, que deixam os ombros a descoberto. Como corte de mangas prefira as japonêsas ou raglam, que têm a propriedade de delinearem graciosamente a curva natural e bem torneada dos ombros. Realce a beleza dos ombros e do colo com detalhes graciosos, como colares, gargantilhas e outros.*

GINÁSTICA E DIETA

● **O que é melhor para se emagrecer, pergunta uma leitora: a ginástica ou uma dieta rigorosa? Na realidade, nem uma nem outra, mas as duas combinadas. Alguns minutos diàriamente de ginástica aliados a uma dieta moderada, produzem milagres. Se você acha que tem pêso exagerado, experimente. Para a dieta, peça conselho a seu médico. Êle, melhor do que ninguém, poderá indicar o que lhe convém. Um bom sistema para perder pêso, é, além dos exercícios, evitar tomar água e comer pão às refeições. Só isso, em geral, provoca a diminuição das banhas indesejáveis, se levado a sério.**

WEEK-END NA COZINHA

Nunca é demais ter no livro de cozinha algumas receitas para aproveitamento de sobras — como êstes "pimentões recheados". Arrume-os em volta de um prato de arroz ou de macarrão, são muito decorativos. Quanto à receita de "bolo de aipim", veio diretamente da Bahia para as leitoras desta secção

Tia Dulce

CONSELHOS ÚTEIS

★ Um môlho gostoso para servir com os pimentões recheados abaixo? Misture ½ xícara de môlho de tomate com ½ xícara de azeitonas picadas, 1 colherinha de môlho inglês, e 1 colher das de sopa de manteiga derretida.

★ Quando receita, pedir 4 ovos e se você só tiver 3 em casa, substitua 1 ôvo por 1 colher das de chá de maizena. Depois do bôlo pronto ninguém notará a diferença.

★ Quando cozinhar batatas para fazer puré, cozinhe também duas ou três cenouras. Esprema-as junto com as batatas. O puré ficará mais saboroso e com uma bela côr.

★ Se a tampa do botão de vidro ou da lata estiverem muito apertadas e você não conseguir abri-los, use um pedaço de lixa, para segurá-los melhor e a tampa sairá mais fàcilmente.



PIMENTÕES RECHEADOS

● INGREDIENTES

250 gramas de carne cozida (de vaca ou de porco)
250 gramas de presunto cozido
3 colheres das de sopa de cebolas picadas
2 xícaras de arroz cozido
1 colherinha de sal
1 pitada de pimenta
1 ¼ xícaras de suco de tomate
6 pimentões verdes, grandes.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Passe na máquina a carne e o presunto. Misture-os com a cebola picada e o arroz (êste deve ser bem sôlto). Adicione os temperos e o suco de tomate.**

2. **Corte uma fatia fina, nas extremidades dos pimentões, do lado do cabo. Tire as sementes e a parte fibrosa de dentro. Lave-os, por dentro e por fora.**

3. **Ferva-os, numa panela grande, em água salgada, cêrca de cinco minutos (ponha os pimentões quando a água já estiver fervendo). Escorra.**

4. **Coloque os pimentões com a abertura para o lado de cima, numa assadeira (coloque-os dentro de forminhas para que não caiam). Encha-os com a mistura de carne. Asse em forno moderado, cêrca de meia hora.**

A receita foi calculada para 12 pimentões (servem 6 pessoas).

BÔLO DE AIPIM

● INGREDIENTES

1 prato cheio de aipim ralado (cru)
8 gemas de ôvo
1 xícara de açúcar
1 xícara de manteiga
Leite de 1 côco ralado
1 pitada de noz moscada

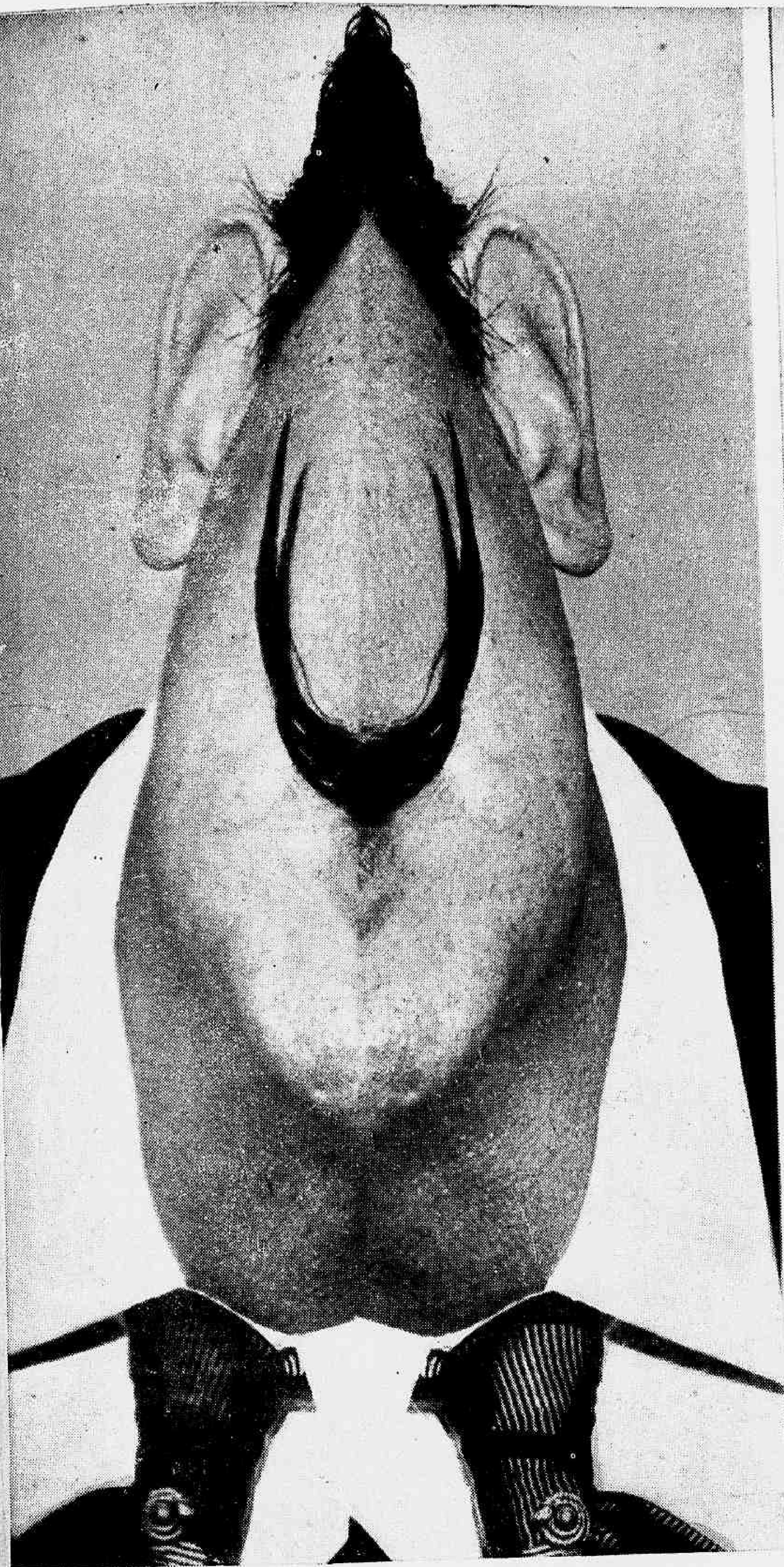
1. **Rale as raízes do aipim, até obter a quantidade de um prato fundo cheio. Esprema-as num pano fino, até sair tôda a goma (deixe de môlho em um pouco dágua, antes).**

2. **Junte as 8 gemas de ôvo, acrescente o açúcar e a manteiga, e bata tudo junto.**

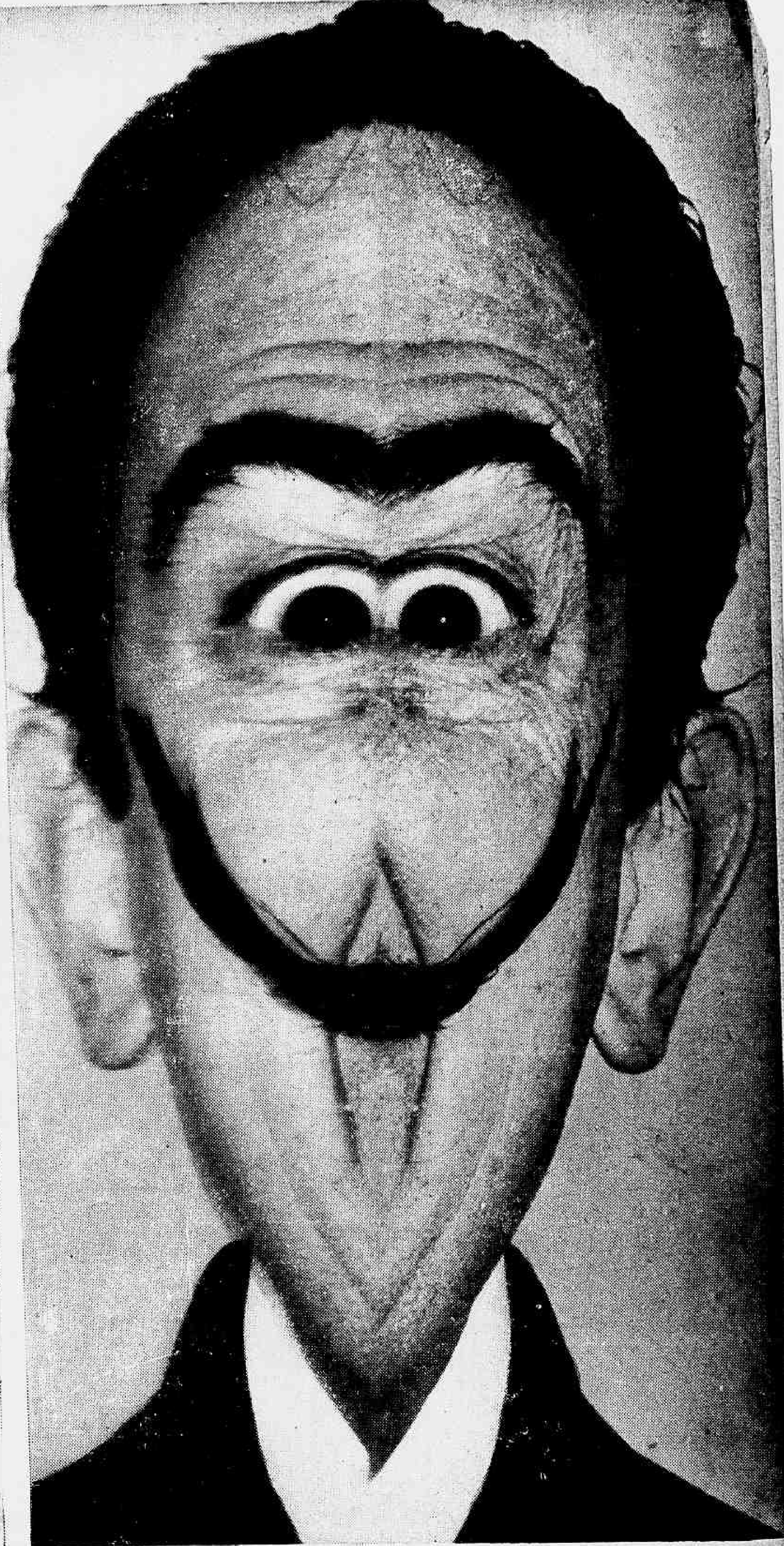
3. **Ponha, finalmente, o leite de côco e tempere com a noz moscada.**

4. **Unte com manteiga uma fôrma de bôlo, ponha a massa e asse em forno moderado. Para ver se está bem assado, enfie um palito. Se êste sair bem sêco, o bôlo está bom.**

Sirva ainda quente, em fatias, com manteiga.



Aqui temos Salvatore convertido numa real cabeça de turco.



Esta foto parece uma «paródia» surrealista de Adolf Menjou.

COISAS DE DOIDOS

QUANDO dois surrealistas se juntam, só pode resultar em extravagâncias das mais espantosas. E, se essa junção se der entre um surrealista fotógrafo e um pintor da mesma categoria, dar-se-á uma tragédia. Foi o que sucedeu com os dois «colegas» de maluqueiras «geniais» na seara do surrealismo, o fotógrafo Weegee e o pintor Salvatore Dali. Abraçaram-se surrealìsticamente e foram tratar de mais alguma vitória artística do surrealismo em Nova York. Depois de Weegee fotografar Salvatore Dali, surgiram estas obras-primas de maluquices «geniais»: «poses» daqui, «poses» dali, com o Salvatore virando fantasmas de tôda espécie, como um modêlo surpreendentemente fotogênico para a teoria de ambos. O surrealismo se alimenta disso mesmo. Quanto mais estapafúrdia é uma idéia mais surrealista é. Tem alguma coisa de Picasso, de alienação mental, de extravagância em série. Tudo correu muito bem até que os dois alegres amigos e confrades não discutiram a quem caberia a despesa do «drink». Quando o fotógrafo afirmou ao pintor, que o seu trabalho (dêle, fotógrafo) custava a Salvatore a bagatela de 10 mil dólares, êste não se perturbou, e, surrealìsticamente respondeu: «É razoável». Levantou-se e deixou a conta do «drink» para ser paga pelo outro, como quem diz: «vá se fotografar...» **(Fotos APLA)**

DE RÁDIO

GUARACY

SÉRGIO DE OLIVEIRA DEIXARÁ A RÁDIO GLOBO

SERGIO de Oliveira, antigo locutor e rádio-ator da Globo, deixará a emissora dirigida por Luís Brunini, depois de atuar ao seu microfone vários anos. Declarou que não assinará contrato, por enquanto, com nenhuma estação, porque pretende fazer alguns filmes e ingressar numa de nossas companhias de comédia, estando em negociações com o popular cômico Oscarito, para atuar na peça de Mário Lago e José Vanderley, que estreará ainda êste mês no Teatro Glória. Perde, assim, o rádio brasileiro, um de seus mais antigos colaboradores. Outro elemento do rádio, que também vai deixá-lo, é a jovem cantora Norma Suely, que vinha atuando com grande êxito, pois acaba de assinar contrato para fazer uma película na Itália, onde cantará e representará, devendo embarcar dentro de poucos dias para a Europa. Felicidades, portanto, para Norma Suely, que inicia uma nova carreira.



Edmundo Maia, um talento a serviço do rádio-teatro da Nacional.

★ Transcorreu, no dia 23 de julho, o natalício da intérprete do nosso folclore — Stelinha Egg, que foi homenageada no programa «O Brasil Canta», transmitido, às 20,30 horas, pela Rádio Clube do Brasil, que foi transformado, em virtude das grandes manifestações, numa verdadeira festa de aniversário.

★ O novelista Amaral Gurgel escreveu uma novela intitulada «Banzo», que é uma homenagem à história e ao povo de São Paulo, a propósito do quarto centenário de fundação daquela Cidade.

★ A Televisão Record de São Paulo prepara-se para inaugurar no Rio de Janeiro, em dezembro, outra estação de televisão, estando em negociações com vários artistas do rádio carioca, a fim de apresentá-los em seu vídeo.

GILBERTO MARTINS DE VOLTA A SÃO PAULO

Regressou a São Paulo, Gilberto Martins, que, além de trabalhar na Televisão Tupi dêste Estado, voltará a assumir o seu pôsto na direção de propaganda de diversas emprêsas bandeirantes. Gilberto foi, no Rio de Janeiro, o diretor artístico das Rádios Mayrink Veiga e Eldorado.

★ Separou-se do conjunto vocal «Três Marias», a cantora Carmen Déa, que já foi contratada pela Rádio Tupi, onde já se encontra atuando com grande sucesso.

★ Estêve no Rio de Janeiro, a negócio, o locutor e animador Hernon Viana, que goza de uma grande popularidade na cidade fluminense.

VOLTA UM GRANDE PROGRAMA

Voltou ao ar, na Rádio Nacional, o programa «Rádio Almanaque Kolynos», que é transmitido às têrças-feiras, às 21,05, redigido por um dos antigos redatores, Haroldo Barbosa, e a co-autoria de Lourival Marques. Trata-se de um programa com grande roupagens e que obedece a um apurado gôsto artístico.

★ A Rádio Ministério da Educação irradia, às têrças-feiras, o programa «Pensando no Brasil», que é uma síntese dos assuntos de interêsse social, político e cultural.

★ «Ópera Experimental», programa organizado pela professôra Alda Pereira Pinto e transmitido pela Rádio Roquette Pinto, passou a ser apresentado às têrças-feiras, às 21,30 horas.

PAULO DE OLIVEIRA FORA DA RÁDIO CLUBE

Paulo de Oliveira, que vinha exercendo as funções de assistente de «broadcasting» da Rádio Clube do Brasil, afastou-se, voltando a trabalhar na organização de emissoras dirigidas por Alceu Nunes da Fonseca, respondendo por três prefixos desta rêde de emissoras do interior do país.

★ O locutor Reynaldo Dias Leme vai publicar outro livro de poemas, intitulado «Pianíssimo», editado pela Editôra A Noite e com ilustrações de F. Lôbo.

★ O vereador Carlos Frias apresentou, na Câmara Municipal, um projeto de ajuda de 5 milhões de cruzeiros para o hospital do radialista, que merece o apoio de todos os brasileiros.

A VOLTA DE ALOÍSIO SILVA ARAÚJO

Depois de um longo afastamento, por se achar em gôzo de férias, o humorista Aloísio Silva Araújo voltou a apresentar, ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, o seu programa «O Sheriff 29», com Zé Trindade, João Fernandes, Francisco Anísio, programa êste que é irradiado no horário das 20,30 horas.

CASA DE DOIDOS



Para o surrealista Dali, êste é o homem do próximo futuro.



Uma expressão de alegria surrealista de Salvatore Dali.



A gargalhada dupla, segundo a teoria «genial» surrealista.



Terror do fotógrafo quando o operador lhe mostrou a conta.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

DEPOIS DO VENDAVAL

JOHN Ford conseguiu reabilitar-se dos seus insucessos anteriores, produzindo e dirigindo para a Argosy Pictures, companhia independente fundada por êle e o produtor Meriam C. Cooper, «Depois do Vendaval» (The Quiet Man). Entregando o argumento e cenário a cargo de Frank Nugent, que realizou um trabalho interessante e muito bem desenvolvido através de uma narrativa dinâmica e de grande conteúdo artístico. A história transcorre inteiramente na Irlanda, transportando-se em «location» John Ford, seus artistas e técnicos para o país de Bernard Shaw. Aqui reside o ponto alto da película, que ganhou muito em ambiente, sentindo-se a verdadeira atmosfera pedida pelo tema. Para fixar as belezas naturais da Irlanda, John Ford escolheu o fotógrafo Archie Stout, que se incumbiu, desta maneira, da segunda unidade, apresentando em quadros plásticos os momentos culminantes transcorridos no exterior, justamente a maior parte do celulóide, enquanto a primeira unidade ficou a cargo de Winton Hoch, duas vêzes premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelos seus trabalhos em «Joana D'Arc», dirigido por Victor Fleming, onde dividiu as honras da fotografia com William V. Skall e Joseph Valentine, e em «She Wore A Yellow Ribbon», novamente sob a direção de John Ford, resumindo-se aos interiores feitos nos estúdios da Republic Pictures, que também se incumbiu da distribuição no mundo inteiro, apresentando composições simples, mas de muito efeito plástico. O tecnicolor apesar de não ser muito bom, consegue agradar.

● O elenco, que contou com alguns artistas irlandeses, é homogêneo, destacando-se, principalmente, John Wayne, Barry Fitzgerald e Maureen O'Hara. O primeiro, artista veterano de Hollywood, só conseguiu os seus sucessos artísticos, com John Ford, que foi o responsável pelos seus grandes trabalhos, como «No Tempo das Diligências», «A Longa Viagem de Volta», «The Three Godfathers» e «She Wore A Yellow Ribbon». Em «Depois do Vendaval» seu desempenho é extraordinário! Barry Fitzgerald, por exemplo, está esplêndido, só não conseguindo suplantar o seu trabalho na obra-prima de Clifford Odetts — «Apenas um Coração Solitório». Quanto a Maureen O'Hara apresenta a sua melhor atuação no cinema, neste filme de John Ford. Seus trabalhos aceitáveis, mostrados anteriormente, foram «A Estalagem Maldita» (Jamaica Inn), ao lado de Charles Laughton, que a descobriu, e «O Corcunda de Notre Dame», sob a direção de William Dieterle. Lá estão, além dêstes citados, os artistas preferidos de John Ford, como Victor Mc Laglen, que ganhou o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, sob a direção de John Ford, em «O Delator», e Ward Bond, que teve, também, a sua grande oportunidade no cinema, com o realizador de «Vinhas da Ira», em «A Estrada do Tabaco» (Tobbaco Road), ao lado de Gene Tierney.

● A música de Victor Young, responsável por belas partituras musicais no cinema, como «Love Letters», com Jennifer Jones e Joseph Cotten, dirigido por William Dieterle; «Por Quem os Sinos Dobram», direção de Sam Wood, com Gary Cooper, Akim Tamiroff, baseado na famosa novela de Ernest Hemingway; e «Sansão e Dalila», com Hedy Lamarr e Victor Mature, sob a batuta de Cecil B. De Mille, é agradável e sublinha muito bem o celulóide, valorizando tôdas as passagens onde a mesma foi solicitada. John Ford, conforme declaramos acima, revive os seus grandes dias, apresentando um trabalho vigoroso e de muito sentimento, explorando todos os matizes que a história lhe proporcionou. O seu pulso forte está presente em todo o filme, principalmente no que se refere aos artistas John Wayne e Maureen O'Hara, apresentando o diretor de «Como Era Verde o Meu Vale», «Paixão dos Fortes» e «O Cavalo de Ferro», uma obra cinematográfica que pode figurar entre as realizações de grande vulto da cinematografia internacional.

UM POUCO DE JENNIFER JONES



JENNIFER Jones, a estrêla de «Coração Indômito» (The Wild Heart), em tecnicolor, que foi escrita, produzida e dirigida por Michael Powell e Emeric Pressburger, com David Farrar e Cyril Cusak, distribuída pela RKO Radio Pictures, é norte-americana de nascimento, tendo vindo à luz no dia 2 de março de 1919 em Tulsa, Estado de Oaklahoma. Seu verdadeiro nome é Phyllis Isley. Tem 1,65 m de altura, pesa 54 quilos, tem olhos castanhos e cabelos pretos. Formada pela Academia Americana de Arte Dramática. No início de sua carreira passou por uma série de sacrifícios, interpretando pequenos papéis nos dramas de «far-west» e em seriados. Fêz várias tentativas para mudar de rumo e já se considerava desiludida, quando foi convidada por David O'Selznick para um teste que foi prontamente aprovado. Em seguida viu-se escolhida para interpretar o papel de «Bernadette» em que alcançou definitivamente o estrelato e que lhe valeu o «Oscar» da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em 1948. Tôda a Hollywood e a própria Jennifer ficaram surpresos com o acontecimento, mas daí para cá, a famosa «estrêla» só tem aparecido em grandes películas, confirmando o seu valor. Foi espôsa de Robert Walker, que faleceu, a quem deve o prestígio que hoje desfruta. Presentemente está casada com o produtor David O'Selznick.

GOAL ESPETACULAR O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado de 1953



CR.$ 15,00

Pedidos pelo reembôlso postal ou mediante vale do Correio à **Cia. Editôra Americana — Rua Viscon-de de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.**

MARGARET DESAFIA GLAMIS

(Cont. da pág. 32)

companhia da Rainha-mãe. Logo que soube da «deportação» do seu amado, adoeceu, deixou a viagem pelo meio e voou para Londres, aonde chegou a dezessete, dois dias depois. Dizem que tudo foi coincidência. Mas, seja assim ou não, Margaret desceu do «Comet», com a fisionomia de quem estava com um caso sentimental. A princesinha estava com o coração ferido. Quem ama não pode estar longe do objeto amado, é da filosofia social, e ela, apesar de ter sangue azul e ser o número três, na linha de sucessão do trono, também é um ser humano. A biografia do capitão-comandante de grupo lhe dá direitos a tão alta pretensão. Deixando de lado sua origem plebéia, Peter tem grandes serviços prestados à sua pátria e uma dedicação de dez anos ao trono, como pilôto da Casa Real Britânica. Durante a última guerra obteve magnífica fôlha de serviços como um dos grandes «ases» da aviação inglêsa; é um homem de procedimento exemplar e querido de seus colegas de armas, culto e afável, social e polido. Não concorreu para a destruição do seu lar, divorciando-se por culpa da mulher, conforme sentença dos tribunais. Sua designação para Bruxelas foi interpretada como uma «punição» do Gabinete, pois Peter Townsend ocupava em Londres posição muito mais importante, como Escudeiro da Casa Real, cargo bastante cobiçado na Inglaterra. Grandes jornais, como o «News Chronicles», «Weekly Tribune», etc., secundavam o «Daily Mirror», na defesa do casamento da princesa com o capitão, descambando o caso para um ambiente de sensacionalismo inesperado. Mas, já agora, o assunto parece tomar outro rumo. Entra em cena um terceiro galã, o jovem Lord James Carnegie, que completará vinte e quatro anos a 23 de setembro próximo. Lord Carnegie, filho do Conde de Southesk, é íntimo de Margaret, muito afeiçoado à família real e querido por todos os seus membros. Ocorrendo, a 21 de agôsto, o 23º aniversário da princesa Margaret, promoveu ela uma festa na Escócia, com a presença da Rainha sua irmã e de outros membros da realeza. Carnegie já recebeu convite, e, como já estêve na Guarda Escocesa, com um ano de serviços na Malaia, conhece muito as danças folclóricas dessa parte do império britânico, dizendo-se que êle dançará **à la escocesa** com a princesa aniversariante. Resultará daí um esquecimento para os lados de Bruxelas e o florir de um romance para as bandas de Edimburgo? Mas esta princesa está desafiando as tradições do castelo de Glamis, mostrando que não crê em fantasmas e histórias supersticiosas. Já passou dos vinte e um, continua a escolher seu Bem-Amado e não dá bola para coisas inventadas pelas velhas rabugentas dos séculos de Ana Bolena e João Sem Terra . . .

CAVALCÂNTI FILMANDO EM OLINDA

(Cont. da pág. 28)

no Recife mesmo. Aurora Duarte, a «estrelinha» bonita, era radioatriz, Ruy Saraiva ganhou o papel por seu valor, Margarida Cardoso e Alfredo Oliveira, que fazem o papel de pais de Ruy, têm experiência teatral. Margarida estêve, há pouco, com o Teatro de Amadores de Pernambuco, na Capital Federal, e Alfredo é diretor do Teatro Santa Isabel do Recife, autor e diretor de várias peças.

Estava tudo pronto. Ricardo Sievers estudou os cenários, Antônio Tenuta tratou da parte elétrica e começou o trabalho. Cyryl Arapoff dirige a fotografia, Oswaldo Katalian a produção, Paulo La valle é o «camera», tendo por assistente George Pessis. A continuidade está a cargo de Bartolomeu Andrade, a maquilagem sob a responsabilidade de Jorge Pisani, o som é problema de Hilário Marcelino e Humberto Franceschi fotografa as cenas fixas.

Tudo isso arranjado, o trabalho teve início. A equipe havia embarcado para Pernambuco em novembro do ano passado, trazendo todo o necessário para a ação, inclusive o carro que Cavalcânti trouxe consigo da Europa, a «Fifoca», que faz muito sucesso aqui, por ser a direção do lado direito. Alguns empecilhos atrasaram o trabalho inicial, pois faltou filme virgem e houve atraso na vinda de uma câmara imprescindível para certas tomadas.

A RODAGEM

Com a chegada do material restante, Cavalcânti pos sua equipe a funcionar no regime de sol a sol, a fim de não perder mais um minuto. Todos os detalhes foram assentados e, brevemente, as telas do Brasil conhecerão o segundo filme dirigido por êsse cineasta.

E foi êle mesmo quem, falando sôbre a película, declarou: «Vamos fazer um filme regional de interêsse internacional. Apresentaremos algo de inédito na história do cinema pátrio. Além do argumento ser muito convincente, apresentaremos muitas danças regionais, como o Frevo, o Maracatu e outras».

«O Canto do Mar» se desenvolve no cenário bruto do sertão assolado pela sêca. Cavalcânti foi documentar a retirada e a vida dos nordestinos, lá para os lados de São José do Egito, onde a terra racha como feridas sem cura, de tão ressequida, de tão batida pelo sol.

Essas cenas ficaram logo prontas. São impressionantes. Depois, a película se foi desenvolvendo repleta do drama de todo dia, enfrentado pelo homem valente dêste pedaço esquecido do Brasil. Há o encontro com o mar, a miragem da água . . . a vontade de correr desabaladamente para o sul, deixando para trás o sol causticante, as propriedades sem plantas e juncadas de esqueletos.

Aurora e Ruy são os personagens centrais da história. Êle, prometendo levá-la para o sul, com a cabeça repleta das idéias e das ambições que seu pai, um homem louco, não pôde conseguir. Ela, jovem, bonita, exuberante na flor dos seus dezenove anos, aceitando a proposta como um convite para o paraíso. Depois . . . Bem, depois é melhor o leitor assistir ao filme, senão alguém ficará zangado comigo por eu ter contado todo o enrêdo e, desta forma sêca e sem poesia ou cenários maravilhosos que a natureza de Pernambuco está fornecendo, gratuitamente, ao censo artístico do nosso amigo Sievers.

PITORESCO

Durante a filmagem houve cenas em «paus-de-arara», no sertão, na cidade, nos arredores de Olinda, na praia e no mar. Uma dessas cenas marinhas tinha, como personagem central, o ator Alfredo Oliveira, cujo nome, no filme, é Zé Luís.

Zé Luís teria de manejar um barco a vela em mar alto. Lá foi êle, para o «mar alto», à beira da praia, acompanhado pelos componentes da equipe. Tudo ia bem e até Oswaldo Katalian estava entusiasmado com a cena. Porém, em dado momento, Alfredo, que não é muito afeito à direção de barcos e outros veículos parecidos, virou a vela de maneira errada e, conclusão: parte da equipe deixou o barco, muito a contra gôsto, indo escutar, por segundos, o maravilhoso canto do mar.

De outra feita, Alfredo teria de ser levado, por policiais, para o Hospício do Recife. A cena era violenta, dramática a todo o têrmo. E êle foi, empur-

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

rado e puxado pelos policiais, gritando e se debatendo, com as vestes esfarrapadas e a voz rouca, segurando alucinadamente nas grades do manicômio. Entra em cena, de repente, uma das irmãs que trabalham naquele nosocômio e pede carinhosamente aos policiais: «Por favor, não maltratem o coitadinho. Não vêem que êle é insano? É como uma criança, apenas! Deixem que eu me encarrego dêle». E... nesta altura, é bem de ver que Alfredo deixou de representar, a fim de explicar à irmã que aquilo não passava de uma cena de filme. A irmã não gostou...

Aurora estava por demais impressionada, diante da câmara, com os olhos vivos da equipe, com os rebatedores de sol que lhe feriam a vista, com os olhos penetrantes de Cavalcânti.

Postara-se na posição de início de cena. Prestava atenção e ouviu, com tôda a nitidez, a ordem de ação. Porém, ficou como que grudada ao solo, petrificada e suando frio, a despeito do calor abrasador que jorrava do sol incandescente. «Não... não sei o que foi... Fiquei paralisada, muda, boba». Cavalcânti não se importou. Foi até ela, arrumou-a outra vez, sorriu plàcidamente, desmentindo tôdas as histórias contadas sôbre diretores gritões e mal educados, que fazem filmes com berros de estourar os tímpanos dos artistas.

«O Canto do Mar» caminhou a passos gigantescos, em busca do final das tomadas. Cavalcânti conseguiu todo o apoio dos que procurou, para realizar o que é preciso para filmar, quer no que diz respeito a locais, quer no que concerne à preparação de mercados, ou outros interiores cetetivos para a rodagem.

Êle afirma que além de um filme profundamente comovente, fêz um verdadeiro documentário sôbre a vida do brasileiro do nordeste. Foi transpor para a tela a realidade nacional, sem mêdo, sem inibições. Já passou o tempo de cinema carnavalesco. O público quer coisa mais séria e Cavalcânti vai dar isso ao brasileiro.

Depois dêsse, outros filmes virão, dirigidos pelo magistral patrício. Todos com motivos nossos, buscando aprimorar o gôsto das platéias pelo que nos pertence e quebrando o tabu do nada se faz, nada se realiza, nada se pensa, no cinema brasileiro, senão com a cabeça e as idéias importadas.

E quando deixamos o enorme «set» ocupado por Cavalcânti e sua equipe, que é todo o Estado de Pernambuco, nos lembramos daquele homem simples da rua, que participou de uma cena, como extra, e ao ver Cavalcânti passar pela cidade, comentou com um amigo maltrapilho: «É aquele u hôme, maninho... Danado qui nem êle só... Tá fazendo uma fita dessas que si vê nu cinema e ninguem fala cum essa lingua istrenha não... Tudo lá é nacionar, pois inté eu sô artista! Eita cabra danado da peste, desta veiz inté meu pai vai nu cinema!...».

O ASTRO BOB TAYLOR

(Cont. da pág. 21)

médico. Quando trabalhava no filme, estava sempre com a figura de meu pai no espírito, pois êle foi médico.

Depois de breve pausa, prosseguiu:

— Coisa interessante: Meu pai se tornou médico exclusivamente para consagrar tôda a sua vida e todos os seus esforços na luta para curar minha mãe, que era cardíaca. Antes, papai era comerciante, e, para mudar de profissão foi para êle árduo trabalho a exigir-lhe sacrifícios e muita paciência. Pouco sobreviveu à minha mãe. Isso ocorreu quando eu iniciava minha carreira no cinema. Sempre desejou o velho que eu herdasse seu consultório de Beatrice, no Estado de Nebraska.

Em seguida falou de sua carreira na tela.

— O fato decisivo que fêz mudar o curso de minha vida foi o encontro com o professor Herbert Gray. Na escola, eu havia começado a estudar violoncelo. Tínhamos formado um trio, dando concertos no rádio. O professor Gray era o nosso guia. Durante muito tempo êle insistiu comigo para que desistisse da idéia de ser médico, ou mesmo, de ser artista de teatro, aconselhando-me a dedicar-me completamente ao violoncelo. Fiquei convencido, e quando se mudou para outro colégio, na Califórnia, eu o segui. Mas a Califórnia tem, talvez, no seu clima, o micróbio do teatro e do cinema. Deixei de lado o violoncelo e comecei a organizar o teatro colegial. Depois da primeira representação, exatamente em fevereiro de 1934, a Metro me deu o primeiro contrato. Daí em diante permaneci fiel ao cinema.

Bob Taylor faz uma pausa e continua:

— Só a guerra pôde interromper meus trabalhos nos estúdios. Ao terminar o filme «Canção da Rússia», recebi convite para entrar na Escola de Aviação Naval. Tornei-me aviador, e, depois de 110 horas de vôo, recebi o pôsto de tenente, com a incumbência de instruir jovens pilotos. Terminada a guerra voltei ao cinema.

Nosso desejo era o de saber umas novidades em tôrno da propalada separação de Bob da sua bela espôsa. Mas, em face de suas evasivas e constrangimento acêrca do assunto, não insistimos. Contudo, leitor, em resumo há o seguinte: Bob a conheceu em 1936 quando trabalharam em «A Espôsa de Meu Irmão». Amaram-se imediatamente. Mas, não desejavam converter o «amor à primeira vista» em casamento no dia seguinte. Preferiram pôr a paixão à prova. Assim, sòmente a 14 de maio de 1939, em San Diego, festejaram as núpcias. Diz uma tradição supesticiosa de Hollywood, que, o perigo está no 13º ano de casado. Quem o ultrapassa, não desmancha mais o laço matrimonial. Quando falei com Bob, ia êle na reta da consolidação. E não é que a coisa enguiçou entre êle e Barbara? Estão separados, embora sem divórcio. Falaram muito em um romance de M. Taylor com certa artista alemã atuando em Hollywood, da qual damos aqui a fotografia. Será verdade? Seja como fôr, Bob não conseguiu ultrapassar impunemente o paralelo 38 de sua vida de casal feliz com Barbara Stanwyck... Virá a reconciliação, ou a separação legal?

RESPOSTAS DAS PÁGINAS 36/37

Puxe pelo cérebro

1 — Sêneca
2 — Coxo
3 — Rockfeller-Center
4 — Port Said
5 — Nova York
6 — Ser a única de mármore com pestanas
7 — Homenagem ao deus Juno
8 — Itaparica
9 — Quatro
10 — Joaquim Marques Lisboa
11 — Na Guiné Portuguêsa
12 — Na China
13 — Sírius
14 — Hidrogênio
15 — Três gramas de ouro.

Quem disse isso:

1 — Manoel Macedo
2 — Victor Hugo
3 — J. J. Rousseau
4 — Sêneca
5 — Leon Tolstoi

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

«O IMPERADOR GALANTE»

(Cont. da pág. 56)

Tudo se passou em cena aberta, no Campo de S. Cristóvão, por ocasião do embarque do soberano para o Prata, quando das nossas guerras no sul do continente. Cena violenta de um apoplético que, com um coice criminoso no ventre da espôsa grávida, produziu-lhe a morte. Na cena o triste episódio é pálido, sem efeito cênico, e Odilon apenas toca com o joelho o corpo de Suzana, cuja queda é forçada, puramente convencional, sem convencer. E os filhos de Pedro I na vida do Paço? Pedro II brincou, em criança, com sua irmã bastarda, Isabel Maria, a quem ajudou mais tarde, ao casar se a linda duquesa de Goiás, com o conde de Treuberg, um Hohenzollern da côrte do rei da Baviera. Se tivéssemos um Ministério da Educação, que procurasse ilustrar o povo, uma peça como a R. Magalhães Jr. não seria levada em micro-palcos de teatrinhos guilhotinas

(Cont. na pág. 49)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 67

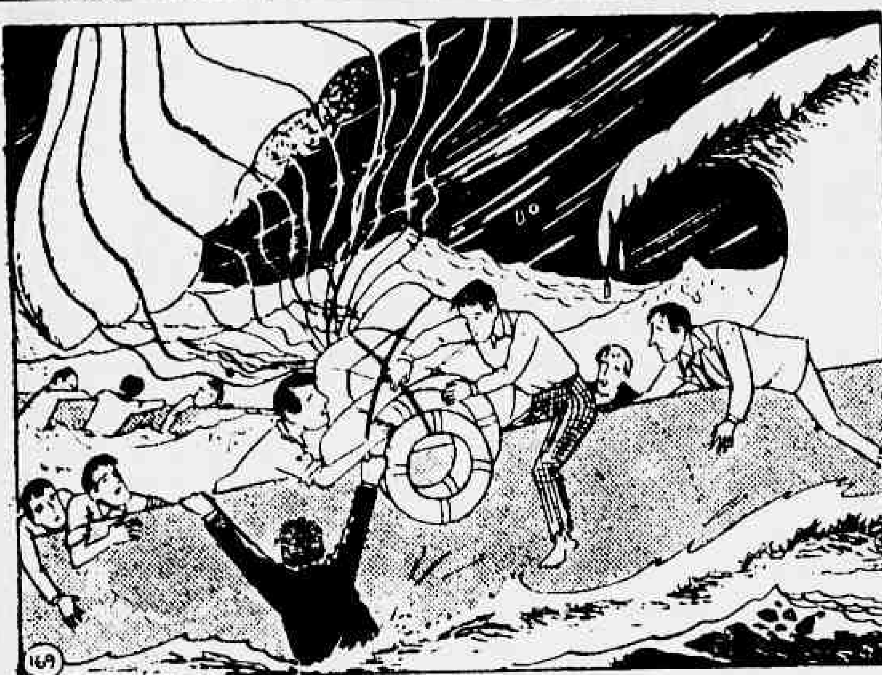
A	Mastigou e engoliu →	9	55	134	141	85	■	■
B	Gesto com a cabeça, mãos, olhos →	113	36	97	4	60	■	■
C	Navegam a vela; velejam →	62	133	29	3	108	81	74
D	Que teme →	64	110	92	125	8	139	150
E	Procuram saber; investigam →	2	78	12	58	41	114	67
F	Elogio, exalto →	115	5	94	51	73	■	■
G	Terão; existirão →	54	71	116	95	6	89	101
H	Que envolve ônus pesado →	18	76	91	42	50	14	147
I	Diapasão →	126	43	34	136	65	80	■
J	Conceba na imaginação →	148	27	119	106	10	49	135
K	Enxergaremos →	124	82	140	107	57	79	39
L	Artigo de jornal ao pé da página →	86	46	17	35	131	24	■
M	Padecimento habitual →	121	44	127	143	93	33	68
N	Tomou determinado rumo →	118	20	109	90	56	■	■
O	Sem cheiro →	87	72	37	22	105	137	123
P	Conjunto de velas duma embarcação →	40	31	88	63	77	111	145
Q	Primeira parte do intestino grosso →	59	129	100	32	■	■	■
R	Suavizarei; mitigarei →	53	75	69	38	132	104	61
S	Errante; que anda →	11	102	70	130	122	149	28
T	Que tem sêda →	47	16	112	117	99	26	■
U	Espalha sementes →	83	66	19	98	45	7	■
V	Que não dorme →	30	25	96	128	146	13	■
W	Que cedeu →	84	52	103	15	144	23	■
X	Caminhava →	1	21	120	48	142	138	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

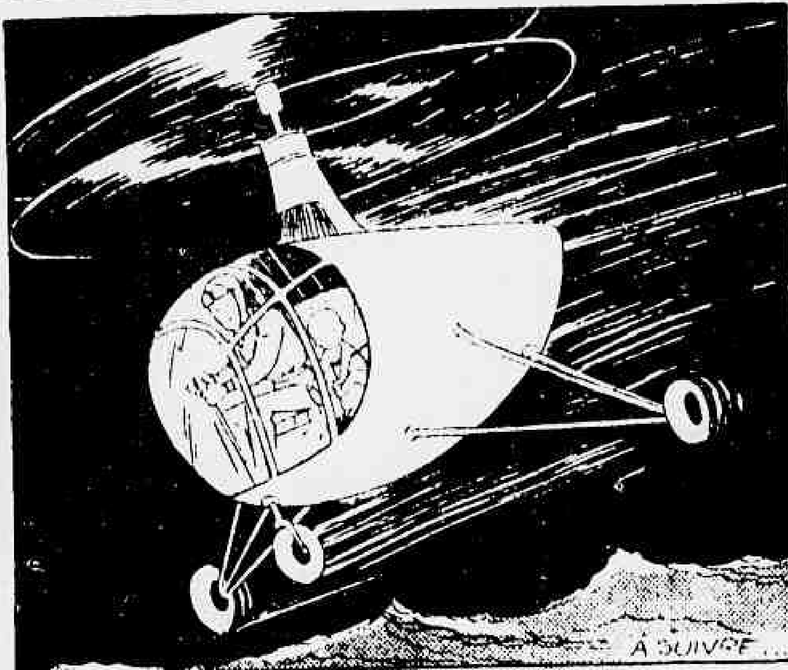
■	X 1	■	E 2	C 3	B 4	F 5	G 6	U 7	D 8	A 9	J 10	S 11	■
E 12	V 13	■	H 14	W 15	■	T 16	■	L 17	H 18	■	U 19	N 20	X 21
O 22	W 23	■	L 24	■	V 25	T 26	■	J 27	S 28	C 29	V 30	P 31	Q 32
M 33	I 34	L 35	■	B 36	O 37	R 38	K 39	P 40	■	E 41	H 42	I 43	M 44
U 45	L 46	T 47	X 48	,	J 49	H 50	■	F 51	W 52	R 53	G 54	A 55	■
N 56	K 57	E 58	■	Q 59	B 60	R 61	C 62	P 63	■	D 64	I 65	U 66	E 67
M 68	R 69	S 70	G 71	;	O 72	F 73	■	C 74	R 75	H 76	P 77	E 78	K 79
I 80	■	C 81	■	K 82	U 83	W 84	A 85	L 86	O 87	P 88	G 89	N 90	■
H 91	D 92	■	M 93	F 94	G 95	■	V 96	B 97	■	U 98	T 99	Q 100	G 101
S 102	W 103	R 104	■	O 105	■	J 106	K 107	C 108	N 109	D 110	P 111	■	T 112
B 113	■	E 114	F 115	G 116	T 117	N 118	J 119	X 120	M 121	;	S 122	O 123	■
K 124	D 125	I 126	M 127	V 128	■	Q 129	■	S 130	■	L 131	R 132	C 133	A 134
J 135	I 136	O 137	X 138	■	D 139	K 140	A 141	X 142	M 143	■	W 144	P 145	■
V 146	H 147	J 148	S 149	D 150	■	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 66: — DE ALMEIDA GARRET — EDUCAÇÃO — «O grego e o latim são necessários elementos de educação nobre. O homem que se destina a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas letras e os clássicos».

ARABELE a última sereia



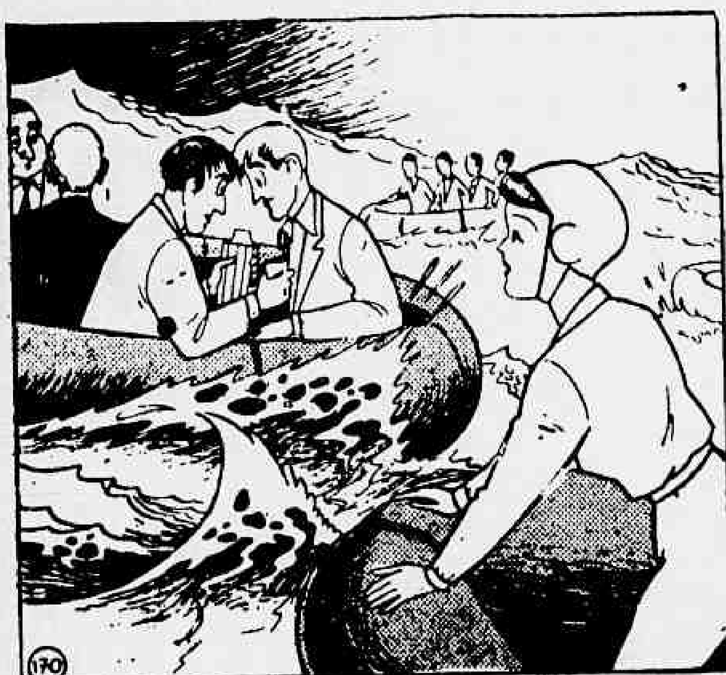


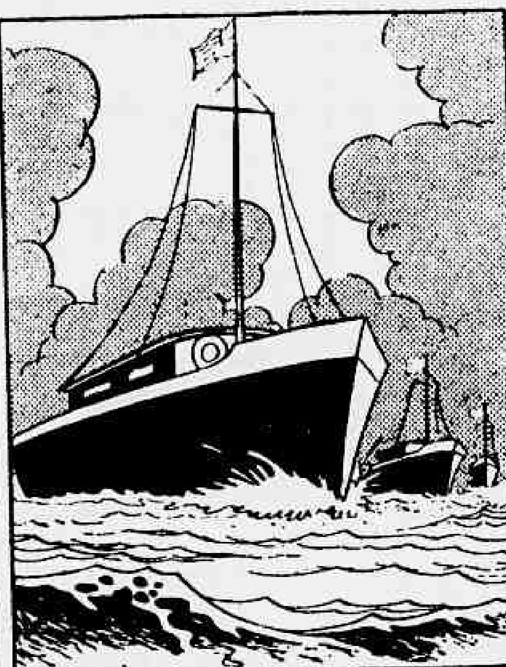


Os passageiros estão de olhos fitos nas manobras de Arabelle e não contêm uma exclamação de alegria, quando em dado momento, vêem o pára-quedas com tudo o que precisavam para poder salvar-se da morte.

Arabelle procura, em primeiro lugar, salvar a criança e a conduz até ao avião. Enquanto isso, lá em baixo os náufragos se amparavam convenientemente.

Entrega o bebê ao pilôto e pede todo cuidado para com êle. Barcos de borracha recebem os exaustos passageiros. O mar já está mais calmo e a tempestade já havia amainado. O pior já se foi.









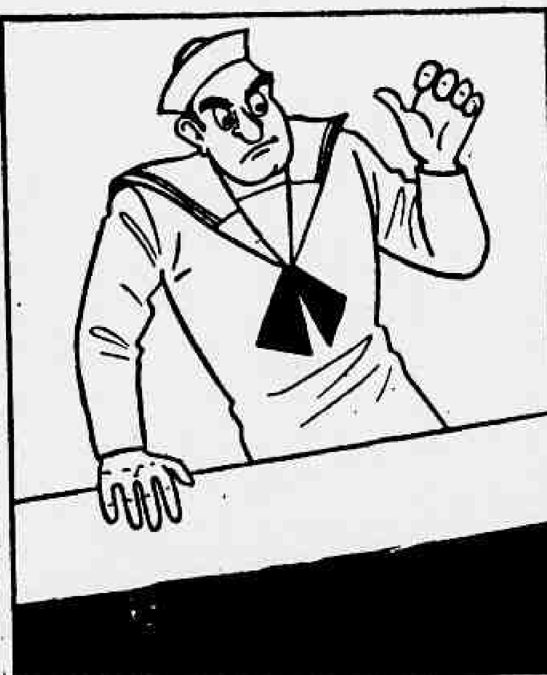
Arabelle, de sua embarcação, olha em volta. Todos estão bem protegidos e podem salvar-se. Muitos dos náufragos até tomam café quente. Com isso a bela sereia sente-se feliz.

O dia amanhecera sem tempestade. O mar estava calmo. Os barcos-patrulha se aproximam para receber os acidentados.

Num dos barcos que avançam, ela nota seus amigos: Bimbleton, Flor-Azul, Kcuki e... John, todos êles a fazer sinal.

Todos estão alegres. Arabelle se prepara para poder juntar-se a êles, quando nota que um marujo insistentemente a indica a um oficial.





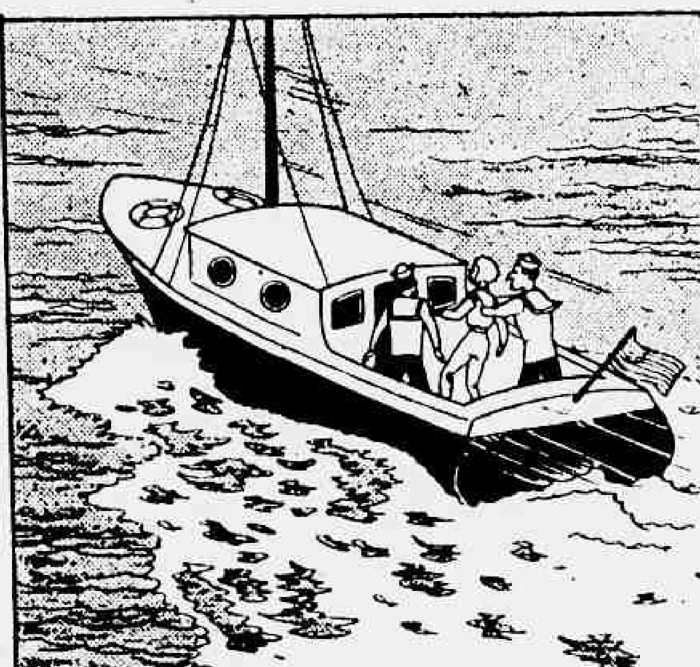


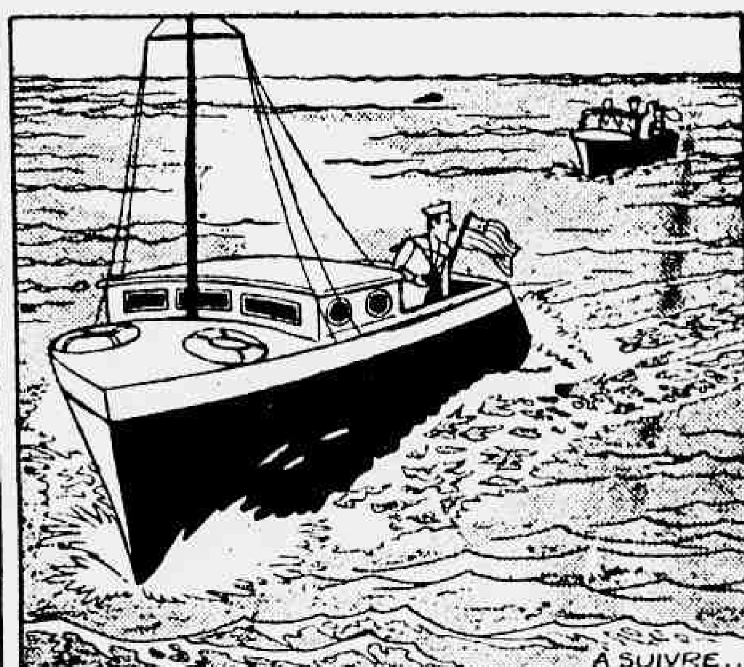
Arabelle com êste gesto está intrigada com aquêles dois homens, que a olham com insistência e trocam algumas palavras com precaução. Ela está preocupada e vê quando o oficial se retira.

Ao chegar junto ao seu bote de borracha, o marujo lhe diz: «E' você, Arabelle, a Sereia? Entre e siga-me. São ordens do Almirante».

Ela ainda procura resistir à ação dos marujos. Bimbleton, seu pai adotivo, se aproxima. Arabelle nada tem que ver com ordens emanadas pelo Almirante. Mas o marinheiro a agarra com tôda sua bestial fôrça e a iça para o interior de sua embarcação







— «Mas isso é um rapto!» — brada John, furioso. Mas Flor-Azul acha que a estão levando até a presença do almirante com o fim de felicitá-la pelos atos de heroismo praticados. Há momento de preocupação em todos.

A lancha que raptara Arabelle, vendo aproximar-se outra, acelera a marcha e corta como uma bala a flor das águas, deixando a embarcação de Bimbleton muito para trás.

Prevendo uma cilada, John ordena ao pilôto de sua lancha que saia a tôda fôrça em perseguição da outra. Ninguém já esconde a preocupação pelo risco que corre Arabelle.

O IMPERADOR . . .

(Cont. da pág. 47)

como o «Regina», e sim no Municipal, para que fôsse possível incluir nas cenas episódios culminantes e fielmente realísticos, e o povo pudesse adquirir cultura histórica através da arte teatral, despertando-se em seu espírito a curiosidade mental, único veículo capaz de melhorar o comércio de livros em nosso país. Ao terminar o espetáculo as duas damas ainda comentavam:

— Que vestidos!

— Maravilhosos!

POR QUE MATEI . . .

(Cont. da pág. 47)

Era a resposta.

Imediatamente, chamas dançatrizes, ao requebros, numa coréia acrobática e desengonçada, a trepar pelos cenários, bastidores e bambinelas, invadem a cena para representar a verdadeira **Dança do Fogo.** O palco lança à platéia línguas enormes de labaredas, num crepitar satisfeito, como se fôsse a bocarra de um dragão vagneriano a estalar gulosamente os beiços.

Gritos de filhas abandonadas; clamores de espôsas esquecidas; choros de crianças perdidas ou esmagadas pela turba alucinada; fragores por tôda parte de quedas de caibros, portas e colunatas; estrépitos de gente a atirar-se das frisas e dos camarotes; metralhar de lâmpadas elétricas estourando no ribalta e nas gambiarras — ecoavam tetricamente pela abóbada serenamente azul do velho teatro.

A acústica aumentava o terror-pânico, dando ao menor ruído intensidades cósmicas de elementos em fúria. As saídas eram poucas para tanta gente — e queriam todos passar ao mesmo tempo. Mataram-se, para não morrerem.

★

O artista, ante aquêle espetáculo de fogo e de lamentos, embebedou-se de horror.

Abraçado ao violino, chicoteado pelas chamas, apedrejado pelas faíscas, quedou-se, estuporado, bôbo, grudado ao soalho, duro e parado como a estátua de sal da legenda bíblica, enquanto a fumaça, cada vez mais espêssa, apertava-lhe a garganta com seus dedos moles de carbonos, asfixiando-o. Quando, com esforços sobre-humanos, conseguiu mover-se, já era tarde.

E lá ficou êle, estatelado junto da escada de que tombara. Um círculo de fogo estreitava lentamente o cêrco à sua volta, apertando-o num grilhão de labaredas.

★

Sôbre o leito número 3, imóvel, inchado de ataduras, jazia um monstro todo branco, mal feito boneco de algodão e gaze.

E, naquele instante, êle descerrou os olhos, como quem desperta de um sono igual ao de Lázaro.

Silêncio absoluto!

Pelos orifícios da ligadura, fixou os olhos para o que lhe estava à frente: deitado numa cama, perto de uma janela, um homem todo enfaixado abria e fechava a bôca, gemendo — gemido que êle não ouvia! Incrédulo, olhou novamente: mais além, sempre em frente, também num leito de ferro, um rapaz barbado, magro, côr de vela de promessa, enxotava com uma coisa que tanto podia ser um braço como um bambu, as môscas que, pressentindo cheiro de decomposição, lhe pousavam sôbre a face cadaverizada.

Que estranho lhe parecia tudo aquilo! Que casa era aquela? Por que aquêle silêncio tumular no meio de tanta gente que parecia sofrer e gemer?

E ficou-se a considerar, olhos no teto, abstratamente.

De repente, adivinhando a sua grande tragédia, tentou mover-se. Não o conseguiu; uma dor dilacerante gritou-lhe o «não pode!» que paralisa o gesto.

Foi, então, que se lembrou de tudo.

De tudo mesmo?

Olhou-se, devagar, quase a mêdo, ainda com um resto de esperança de que a realidade lhe dissesse que tudo aquilo de que êle estava se lembrando não passara de um sonho angustioso e mau. E eis que se surpreende naquele estado absurdo e ridículo, enrolado, como uma múmia preciosa, num sudário de algodão hidrófilo! Quis então apalpar-se. Mas como, se já não tinha . . . se já não tinha . . . ?

(Cont. no próximo número)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

RECIBO DE TELEGRAMA

DESTINA-SE
ÀS FAMÍLIAS DO BRASIL

SERÁ PREENCHIDA PELO EXPEDIDOR

URGENTE

INDICAÇÕES EM SERVIÇO TAXADAS

ENDEREÇO

DESTINATÁRIO: FAMÍLIAS DO BRASIL

(Rua, avenida, etc.) (Bairro)

CIDADE: ESTADO:

(ou nôme da estação móvel nos radiogramas) (ou nome da estação terrestre nos radiogramas)

HORA DA TRANSMISSÃO

INICIAIS DO OPERADOR

C. V.

TEXTO E ASSINATURA

ATENDEMOS MÁXIMA URGÊNCIA
SEU DESEJO ENVIANDO ROUPINHAS
PARA SEUS FILHOS

Casa Valentim

PEÇAM CATALOGOS-REEMBÔLSO POSTAL

EXPEDIDOR: CASA VALENTIM TELEFONE: 43-2423

RUA: 7 de Setembro, 122/24/28 BAIRRO: Rio de Janeiro

Filiais: S. PAULO – PORTO ALEGRE – B. HORIZONTE

Sensacional!

CR.$ 50 — ALBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40 — ALBUM DO CRACK
CR.$ 5 — VIDA DO CRACK — ADEMIR, BIGUÁ, ZIZINHO, CASTILHO, SANTOS, PINGA

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda n.° 59-2° and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

À venda nas bancas de jornais

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

MAIS UM TEATRO EM SÃO PAULO

Nicette Bruno estreou o seu novo teatro em São Paulo, pertencente à sua organização. Emprêsa Brasileira de Teatro Ltda., com a peça "Ingênua, até Certo Ponto", de Hugh Herbert, em tradução de R. Magalhães Júnior. Nicette teve anteriormente outro teatro, o de alumínio, associada ao fotógrafo Halfeld, vendido mais tarde à Prefeitura de São Paulo.

Soubemos de fonte bem informada, que o empresário Carlos Frias e a atriz Aimèe pretendem assistir a estréia de «Dona Xepa» em Portugal. Para isso, embarcarão no próximo dia 13 de outubro pelo «Ana C», em companhia de Alda Garrido e seus artistas.

«Teatrinho das Maravilhas» é um novo grupo amadorista, especializado em peças infantis, que acaba de ser fundado, fazendo parte de seu elenco os artistas: Lais Perez, José Velluzzi, Ana Cony, Salvador Ortigão e Arnaldo Voigt.

Partiu em «tournèe» artística pelas cidades de Manaus, São Luís, Fortaleza, Maceió, Natal, Recife e Salvador, o ator Rodolfo Mayer, que vai apresentar nestas cidades a peça de Pedro Bloch «As Mãos de Eurídice», acompanhado do diretor comercial Alvaro Assunção. Em setembro, Rodolfo Mayer, estará de volta, devendo estrear no próximo dia 1 de outubro no Teatro Dulcina, com a comédia «Obrigado Pelo Amor de Vocês».



Milton Carneiro, figura de certo destaque dentro de nosso teatro.

● EMBARQUE DE ALDA GARRIDO

A Companhia de Alda Garrido embarcará para Portugal no próximo dia 13 de outubro, a bordo do «Ana C», com os seguintes artistas e técnicos: Alda Garrido, Glauce Rocha, Vicente Marchelli, Milton Moraes, Wanda Kosmo, Argentina Della Tôrre, Átila Iório, Ilídio Costa, Lucy Costa, Adélia Iório, Luís Pinho e Geraldo Gamboa. Maquinista: Lino Fernandes; contra-regra: Mário Figueiredo; assistente: Nelcy Queiroz; cenógrafo: Darcy Evangelista, além do empresário Américo Garrido, o autor Pedro Bloch e as senhoras Miriam Bloch e Eunice Paiva Evangelista.

● LILIAN REIS DENUNCIADA

Ao que consta, a atriz Lilian Reis, que veio da Argentina, tendo antes atuado em Pôrto Alegre, foi denunciada pelo empresário Zilco Ribeiro à censura, por não ter cumprido o contrato que assinou com a sua emprêsa, para atuar na revista «Tout Va Très Bien». Pelo que vemos Lilian Reis se acha em maus lençóis, porque foi anunciado que ela acaba de assinar contrato com a Emprêsa Cunha Filho . . .

● NOVA COMPANHIA DE REVISTAS

A revista de Max Nunes e J. Machado, «Uma Pulga na Camisola», será o cartaz de estréia da Emprêsa Cunha Filho, que irá ocupar o Teatro Carlos Gomes logo após o encerramento da curta temporada da Companhia Dramática Nacional. Os artistas principais são: Milton Ribeiro, o intérprete do capitão Galdino no filme «O Cangaceiro», o ex-craque de futebol Waldemar de Brito, que vai figurar como cantor de tangos, os cômicos Spina, Zeloni e Costinha, Alda Marina (ex-La Rana), Bertha Ajs, a cantora portuguêsa Luz de Fátima, o bailarino e coreógrafo Carlos Lisboa.

Os artistas Badu e Samaritana Santos anunciaram que vão contrair núpcias no mês de setembro. Declara Badu que êles pretendiam casar em agôsto, mas que Samaritana, como é supersticiosa, preferiu casar em setembro, pois acha que o mês de agôsto dá azar . . .

A atriz Lilian Reis, que atua no teatro de comédia em Buenos Aires, virá ao Brasil para estrelar a revista de Jean Cartier «Os 7 Pecados da Mulher», que será estreada no dia 14 de agôsto no Teatro Jardel. O primeiro bailarino virá, também, de Buenos Aires, do Teatro Colon — José Moleta.

Os atores Salvador Ortigão, ex-integrante de «Os Infernais», e o ator do Teatro do Estudante Arnaldo Voigt, acabam de fundar uma nova companhia de teatro infantil, que irá atuar em um dos nossos teatros, com as peças «Os Sapatinhos de Carolina» e «Aconteceu Tim-Tim por Tim-Tim».

Silveira Sampaio, que já estreou no Teatro Serrador, com a peça de sua autoria «O Cavalheiro sem Camélias», vai inaugurar um teatro em São Paulo, localizado na Avenida São João, junto ao Cine Metro, com capacidade para 200 pessoas.

● O ENCERRAMENTO DA TEMPORADA

Encerrou a sua temporada no Teatro Carlos Gomes, no sábado, dia 25, a companhia espanhola «Romeria», que veio ao Brasil para fazer uma temporada com apenas um espetáculo, «Brindes à Espanha», mas em virtude do seu grande sucesso, apresentou outra revista, «Viva La Gracia». Em vista de compromissos de viagem, a companhia encerrou a sua temporada justamente num dia que não é de praxe no teatro: sábado. Do seu elenco fazem parte os seguintes artistas: Paquito, Angel Pericet, Emilio Del Rio, Encarnación Ruiz, Lita Enhart, Maria Jesus e Anita Parrado.

Carlos Machado acaba de assinar um contrato com o empresário Walter Pinto e o notável bailarino e transformista Ivana, para atuar no «show» da «Boite» Monte Carlo — «Cherchez La Femme», ao lado de Grande Otelo, Edith Morel, Anilza Leoni e Carmen Verônica.

«Avalanche» é a peça de Matheus da Fontoura e Berliet Júnior, que foi entregue a Sérgio Cardoso para ser representada pela Companhia Dramática Nacional. A peça é baseada num fato trágico ocorrido durante uma tempestade de neve na Suíça. Caso agrade, será representada ainda êste ano.

JOSÉ DE ANCHIETA É O FUNDADOR DO HOSPITAL DA SANTA CASA

AFIRMA-O INTERESSANTE DOCUMENTÁRIO HISTÓRICO

É sempre, e em tôda parte, difícil estabelecer os julgamentos definitivos na história. Daí haver escrito Louis Blanc, uma de suas mais exatas sentenças: «L'histoire ne commence et ne finit nulle part». Não raro, fatos, já referendados pelos consenço geral, sofrem contestação ante a presença de um ou vários documentos que venham contrariá-los ou, pelo menos, estabelecer dúvidas sôbre acertos já aceitos e constatados. A fundação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, do Rio de Janeiro, pelo Venerável Padre José de Anchieta não poderia, evidentemente, fazer exceção a regra geral.



Padre José de Anchieta — Fundador da «Santa Casa de Misericórdia».

A propósito, degladiaram-se os dois mais destacados analistas da Misericórdia, travando viva tertúlia sôbre o assunto, afirmando Vieira Fazenda, que se deve ao famoso jesuíta a fundação do Hospital, encontrando em Félix Ferreira, valente e apaixonado contraditor, pretendendo ambos a detença da posse da verdade sôbre o evento. Interessante é constatar, desde logo, que a controvérsia entre êles não se baseou em fontes de informação distinta, pôsto que se orientaram nos mesmos documentos, variando seus conceitos na forma pela qual os interpretaram. Não vamos aqui discorrer ou analisar qual dêles nos deve servir de roteiro, para que possamos ter segurança, tanto quanto possível exata, a respeito do problema, circunscrito na seguinte inquirição: — Deve-se ou não a Anchieta a fundação do Hospital? Demorada pesquisa, através depoimentos que já nos parecem definitivos e irretorquíveis, responde o quesito formulado, podendo-se considerar que, de fato, o Padre José de Anchieta foi o fundador do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

● São conhecidas, no documentário existente, as afirmações do Padre Simão de Vasconcelos, na «Vida do Venerável Padre José de Anchieta», outrotanto, aquela do Frei Agostinho de Santa Maria no "Santuário Mariano», completadas pelo Padre Fernão Cardim, na célebre «Narrativa Epistolar», concluindo todos que, «em 1582/1583 estava no Rio de Janeiro o Padre Anchieta, que, graças ao prestígio de seu cargo e suas essenciais virtudes, pôde instituir o Hospital da Misericórdia, destinado, segundo as fontes mencionadas, ao abrigo dos marujos, então enfermos da armada de Diogo Flores Valdez, que aportou ao Rio de Janeiro, em 1582». O que estatuíram êsses sábios historiadores foi, mais tarde, confirmado por outros não menos notáveis, inclusive Pedro Sarmiento de Gamboa na «Descrição da Viagem Pelo Estreito de Magalhães», escrita, no Rio de Janeiro, em 1583, incluída na obra recente do jesuíta Pastells, «El Descobrimiento del Estrecho de Magalanes», editada em Madrid, em 1920.

● No mesmo diapasão e repetindo as informações antecedentes, de que cabe ao Padre Anchieta a glória de haver sido o iniciador do Hospital da Misericórdia, manifestaram-se, ainda, Pero Rodrigues, nos «Anais da Biblioteca Nacional», tomo vinte nove, página 256, e o Padre Pero Leitão, no «Processo Informativo da Bahia em 1619», que afirma, também, que Anchieta é o fundador do Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro. Certo é que bastariam êsses preciosos informes se não existira ainda um outro, citado pelo eminente Serafim Leite, «A Ânua de 1583», confirmando as fontes supra mencionadas. Acreditamos que a reedição do assunto, acrescida de documentos que vieram elucidá-lo, de forma mais completa, corresponde ao desejo dos estudiosos, sempre incançáveis no dirimir os aspectos substanciais de nossa história, onde tem pôsto, do mais alto relêvo e significação, a figura, verdadeiramente espetacular, de Anchieta, sempre tão cara a velha Santa Casa da Misericórdia, que a conserva, através do tempo, em seu permanente culto.

Porque Matei o Violinista

Conto de ERNANI FORNARI



ANTES de mais nada, devo explicar por que motivo escrevi o **Sem palmas**, conto hoje tão formoso e já traduzido em mais de dez idiomas, a despeito, segundo lamentou um lamentável crítico norueguês, do fim trágico e desumano que dei à personagem central.

A história da origem dêsse conto é a seguinte:

Na mesma noite em que se verificava, em Chicago, o espantoso incêndio — quase digo **espaventoso**! — de um de seus maiores teatros (Se não me falha a memória, o **Michigan Theatre**), no qual morreram mil setecentas e oitenta e três pessoas — Vamos! um **record** em matéria de carbonização coletiva! — recebia eu daquela cidade um cabograma bastante singular. Calcule-se isto: importantíssima companhia de seguro de vida e contra fogo, a **Life Insurance Company of Chicago**, encomendava-me, com tôda a urgência, um conto literário, «meio realista e meio romântico», que deveria ter por tema um incêndio num teatro.

Ora, tratando-se de emprêsa norte-americana, e de seguros, tão extravagante incumbência tinha, percebe-se logo, um único escopo: aproveitar o lutuoso acontecimento nacional — êsses práticos americanos! — para uma intensa propaganda da referida companhia seguradora.

Relutei um pouco, no entanto, em satisfazer à solicitação da **Life Insurance**, embora, está-se a ver, me desvanecesse e honrasse sobremaneira o haver meu nome, entre o de milhares de escritores famosos, sido lembrado e escolhido para tal tarefa. Minha relutância era ditada não só por escrúpulo sentimental, muito natural, aliás, em se tratando de um brasileiro como eu, mas ainda por me desagradar francamente fazer obras de empreitada. Sempre entendi que o escritor sòmente deve escrever quando sente a «necessidade fisiológica» de escrever — se bem me expresso.

Convenhamos, porém, que cindo **dollars** por linha não é, por aí, uma dessas ofertas diante das quais os escrúpulos do homem mais sentimental possam resistir por muito tempo. Vai então um dia, decidi-me e escrevi, com rara felicidade — modéstia à parte! — o tal conto que, há já alguns anos, todo o mundo conhece e, ainda hoje, lê com o mais vivo interêsse e profunda emoção, apesar de certos erros e incorreções das primeiras edições inglêsa e japonêsa.

Seja-me, porém, permitido dizer agora que, inicialmente, o meu trabalho era muito diferente dêsse que corre por êste mundo sensacionalista. Tinha até outro título, quiçá bem mais sugestivo que **Sem palmas**.

Para que se possam avaliar as transformações por que está sujeita uma obra de arte, e possam também os leigos na matéria enfronhar-se da sutil metafísica das composições literárias, vou transcrever aqui o aludido conto, tal qual foi originàriamente escrito. Isso feito, exporei as razões poderosíssimas que me levaram a matar o formoso e genial violinista — crueldade de que venho sendo tão rudemente censurado por alguns confrades despeitados com a repercussão do meu célebre conto.

Ei-lo, num resumo, em sua forma primitiva:

O «MAL-AGRADECIDO»

«O vozeiro chiado das mulheres, a parla monótona dos homens; por vêzes, o pigarro ruidoso de algum mundano resfriado, e a tosse perra de algum milionário contrabandista e asmático; o enxame das galerias zumbindo; cheiros promíscuos de carnes «prósperas» e de essências finas, e os jorros féericos das luzes, invadiam o ambiente de preguiça e sonolência boas.

Mãos tenras e transparentes de loiras **misses** abandonavam-se com sedução estudada sôbre o mainel do balaústre dos camarotes, cujo revestimento de veludo vermelho dava realces macabros à alvura daquelas estranhas florações. Estofadas e graves matronas, que haviam comparecido ao concêrto ùnicamente para exibir seu último **Patou**, investigavam, de luneta em punho, o «mau gôsto» dos vestidos das outras mulheres e a autenticidade das jóias que enchiam a platéia de estilhaços de luz e faíscas inquietas.

Embaixo, — alguns homens encasacados e carecas, a quem irritavam o atrito dos tafetás e aquêle zum-zum de coletividade, retiravam-se para os corredores, pletóricos e desconfiados com as galerias.

Em cima — estudantes e operários, irreverentes e brutais, jogavam chalaças aos «homens» daquelas mulheres tão ricas, tão lindas e, sobretudo, tão **distantes.**

Na rua — a chuva espelhava o asfalto das avenidas movimentadas e ruidosas.

A campainha deu o último sinal. Os que ainda fumavam e discutiam nos corredores abandonaram o cigarro e entraram precipitadamente a tomar os lugares.

★

Com os olhos fincados no infinito, tinha-se a impressão de que o artista tocava para um público invisível. Divino prestidigitador de sons, arrancava do violino, com a vara mágica do arco, cabalìsticamente, para jogá-los dentro daquelas almas, fogos de artifício e abismos vertiginosos; cristais partidos e uvas machucadas, num deslumbramento que se fazia embriaguez.

Por vêzes, seus dedos longos e nervosos, tomados de **delirium tremens**, cabriolavam sôbre o braço do instrumento, como se fôssem diabos assanhados de dor sôbre o chão esbraseado da **Cidade Dolorosa**. Outras vêzes, tocava em tantas cordas ao mesmo tempo, e faziam-se seus dedos tão suaves, tão suplicantes e evocativos, que parecia que seu arco estava, lá fora, a correr sôbre os fios de água com que a chuva encordoava a noite.

Mas sempre aquela sensação: como se todo o teatro, sentado num balanço enorme, a cortar o espaço num vaivém ansioso, estivesse suspenso no último andar do arranha-céu mais alto de Chicago!

De súbito, — Que é isso?! — gritos abafados, passos em correrias, barulhos de móveis arrastados e rac-rac de papéis machucados vieram sobressaltar o auditório.

— Que é isso?!

Levantaram-se todos a um tempo, com curiosidade espavorida. Foi um minuto de cem anos. O violino silenciou, num **stacatto**, aumentando a confusão. Aquêle instrumento, calando tão ràpidamente, era como se desprotegesse a tôda aquela gente. Os espectadores, de pé, borborinhando, numa bisbilhotice medrosa de quem espera **saber** sem querer **ver**, procuravam a causa do tumulto que êles mesmos, já agora, provocavam.

— Ai!

— Meu Deus!

E o negrinho indicador, — Que orgulho êle tinha de sua libré vermelha! — precipitado dos balcões abaixo, tomba ao comprido sôbre o gume dos espaldares e resvala para o chão, molengo e estrebuchante, perto de uma dama, que desmaia. Quase ao mesmo tempo, a goela escancarada do palco vomita sôbre a multidão histérica uma baforada de fumo. (Cont. na pág. 49)



Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



O cuidado que sempre temos de informar os nossos leitores sôbre as coisas boas do mundo artístico, levou-nos a visitar uma das mais prestigiadas «estrêlas» do Rádio carioca, a vitoriosa Rogéria. Essa delicada e jovial intérprete de músicas, tanto as de fundo clássico, como as de caráter popular, surgiu ràpidamente e se impôs com a maior firmeza em nossos meios artísticos, graças ao seu valor real, através de sua fina educação e a voz agradabilíssima que Deus lhe confiou. Deu-lhe esta oportunidade o programa P.R.E.-Neno, instituído com a finalidade louvável e oportuna de descobrir vocações para o Rádio brasileiro. A experiência havia dado os melhores resultados, pois, já são muitos os artistas consagrados e a atuar em várias emissoras, que vieram das descobertas da P.R.E.-Neno. Assim, quando Rogéria cantou ao microfone dessa organização «expert», todo mundo previu logo: vai abafar! Mas com a delicada e talentosa Rogéria não sucedeu o mesmo que com outros artistas ora lutando pelo estrelato em nossas emissoras. Ela não quis mudar de «firmamento» e continua a cantar ao mesmo microfone que lhe serviu de «berço»: o da P.R.E.-Neno, já conhecido como o «Microfone da Esperança». Por que êsse batismo? Porque a P.R.E.-Neno leva os seus artistas a estúdios de qualquer emissora de prefixo oficial e, mesmo a céu aberto, ou em teatros, organiza grandes e populares «shows», de grande repercussão no seio do povo e dos nossos meios artísticos. Foi assim que Rogéria surgiu para a mais rápida vitória. O público a elegeu sem tardança sua «Princesinha do Rádio». Ela sabe cantar e... encanta. Tem classe, «it» e uma grande vocação artística. Iniciando-se pelo clássico, sentiu a alma do povo e interpretou

Simplicidade e graça, Rogéria foi recebida de braços abertos pelo enorme público, que a elegeu, como a «Princesinha do Rádio».

UMA ESTRÊLA QUE SURGE... UMA VOZ BONITA

Texto de RICARDO MONTENEGRO **Fotos de A. VIEIRA**



Com a sua popularidade, grande é o número de compositores que a procuram constantemente. Aqui a vemos ensaiando um dos seus êxitos.



A querida «estrêla» da «PRE-Neno», graças à sua voz suave e deliciosa, conquistou verdadeira legião de fãs, em tempo considerado recorde.



Depois de exaustivo programa, nada melhor do que uns goles dágua para refrescar a garganta, — diz-nos a simpática e jovial Rogéria.



Em companhia da secretária do «Fã Clube de Rogéria», a aplaudida cantora da «PRE-Neno», lê recente reportagem de REVISTA DA SEMANA.

músicas populares internacionais, completando assim a conquista dos ouvintes. Sua popularidade, à proporção que ia crescendo, surgiam diante dela os compositores nacionais que desejavam ouví-la em coisas de sabor puramente brasileiro, uma vez que o tipo de Rogéria se prestaria muito bem para a nossa música popular, em virtude de ser Rogéria uma brasileirinha cento por cento. Era uma nova seara a dominar, e Rogéria conseguiu empolgar o público interpretando o que temos de mais nosso, de mais tìpicamente nacional. Cantando nossas músicas, ela aumentou o seu prestígio e passou a ser classificada como verdadeira «estrêla» do nosso Rádio através do microfone da P.R.E.-Neno. Por isso, a mais nova cantora do «broadcasting» nacional gravou músicas do «Rei do Baião», Humberto Teixeira, vindo depois uma novidade para os nossos meios artísticos: a fundação do «Fã-Clube», em todos os bairros do Rio, promovido pelos próprios ouvintes de Rogéria. Essa menina, apesar de tão nova em idade e em atuação radiofônica, já possui uma das mais movimentadas e coloridas biografias artísticas do Rádio carioca, e cada vez mais avulta o nome tão aplaudido da estrelinha da P.R.E.-Neno.



Apesar das mais tentadoras ofertas, preferiu a «Princesa» Rogéria permanecer como «estrêla» do «Microfone da Esperança» da PRE-Neno.



Na ampla discoteca da Rádio Nacional, a encantadora «Princesinha do Rádio» escolhe uma de suas últimas encantadoras gravações.



A Marquesa de Santos (Dulcina), como tôda aristocrata saia a passeio na tradicional cadeirinha de arruar, a «dois motores» negros.

O IMPERADOR GALANTE

COCHICHOS ENTRE DUAS SENHORAS ★ O LUXUOSO GUARDA-ROUPA DE DULCINA ★ QUEM PRONUNCIOU, EM PRIMEIRO LUGAR, O "INDEPENDÊNCIA OU MORTE"? ★ A HISTÓRIA FOCALIZADA ATRAVÉS DO TEATRO ★ TERIA SIDO O IMPERADOR D. PEDRO I, UM TARADO AMOROSO? ★ O QUE FALTOU À PEÇA DE RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR

Texto de RENATO DE ALENCAR ★ **Fotos de CARLOS e A. VIEIRA**

ANTES de abrir-se o portão do Paço de S. Cristóvão, que é o «pano de bôca» do drama, numa concepção que, por si só, já é um espetáculo, duas damas da alta sociedade carioca mussitavam à nossa frente:

— Você vai ver, que guarda-roupa maravilhoso o da Dulcina. Que vestidos, minha filha.

— Estou ansiosa por isso. Muita gente já me falou na montagem da peça.

Abriu-se a cena. Elas continuaram a segredar baixinho. Não mais ouvimos. E foi pena, pois o que disseram contribuiria muito para a movimentação desta reportagem. O início do primeiro ato é cinematográfico. As personagens estão reunidas em conselho de Estado, presentes D. Leopoldina com vários Ministros,



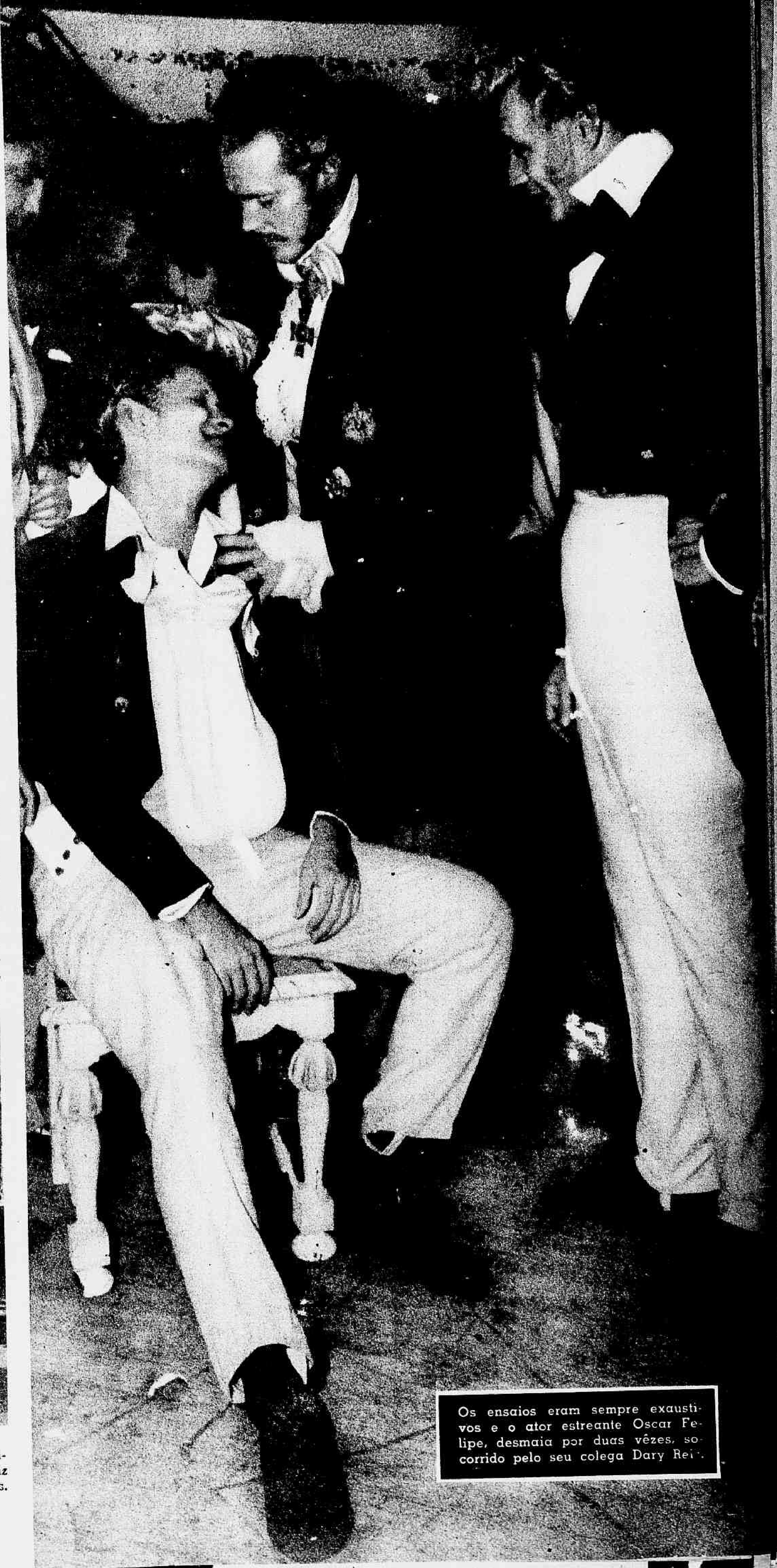
O Imperador D. Pedro I (Odilon) na cena em que executa e canta, com Domitila, o hino da Independência,, ao compasso do Chalaça.



D. Pedro I e sua segunda espôsa, D. Amélia, a que conseguiu dobrar o gênio mulherengo do irrequieto e galante soberano.

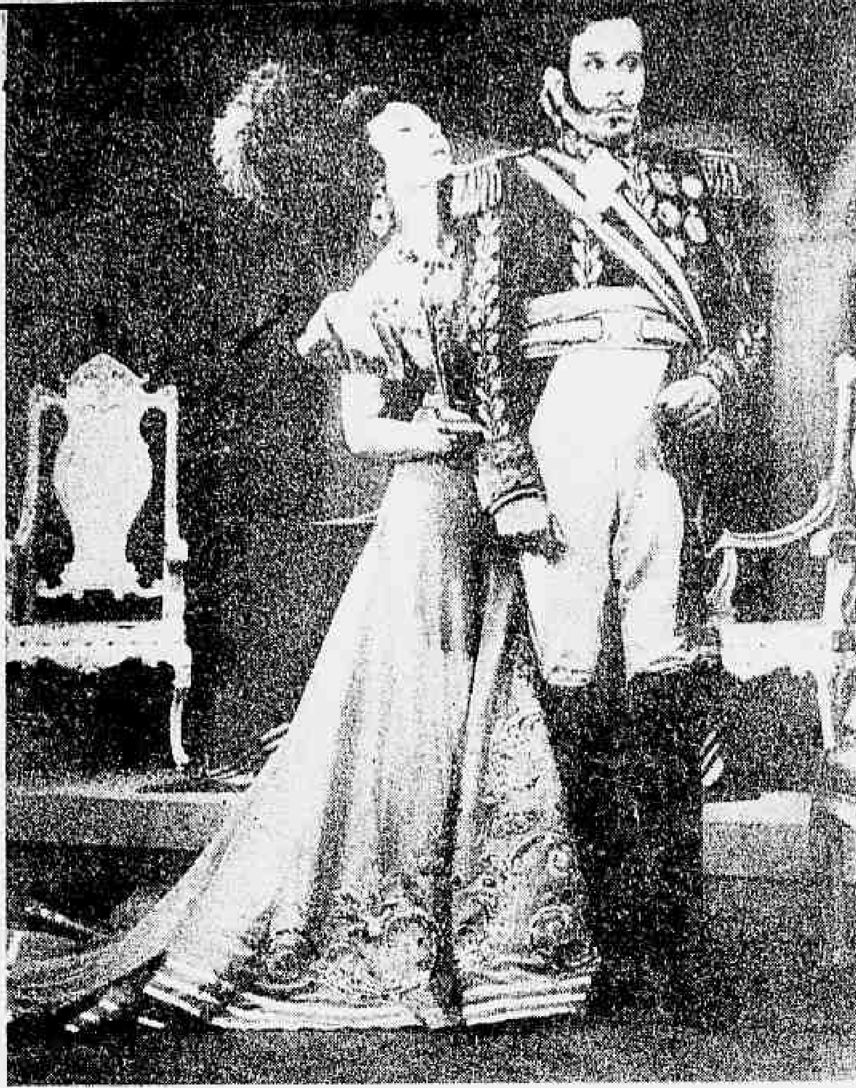


O Imperador D. Pedro I e a Imperatriz Leopoldina (Suzana Negri), numa cena que bem diz da harmonia que sempre reinou entre os dois.



Os ensaios eram sempre exaustivos e o ator estreante Oscar Felipe, desmaia por duas vêzes, socorrido pelo seu colega Dary Rei[illegible].







O pai do Imperador D. Pedro II era, realmente, um grande amoroso para com o sexo frágil. Vejam com que jeitinho êle sabia convencê-las...

A Marquesa de Santos (Dulcina Morais) foi o grande amor de Pedro I. Uma cena entre os dois amantes, quando ela procurava dobrá-lo.

José Bonifácio Andrade e Silva, o «Patriarca» da Independência, tem uma séria conversa com o filho de D. Pedro I, o 2º Imperador.

inclusive José Bonifácio. Surgem mudos, estáticos, como se fôssem figuras de algum museu de cêra. Assim permanecem por alguns segundos, até que, cinematogràticamente, se agitam e entram nas conversações de gabinete. D. Leopoldina (Suzana Negri), com uma carta na mão, comenta com os presentes, a situação do país em face das exigências das Côrtes de Lisboa, que ordenam a volta do Príncipe D. Pedro para Portugal. Seria isso o retardamento da independência do Brasil, a revolução no país. Em dado momento, inflamada, sob os estímulos dos patriotas presentes, exclama: «Ou a Independência, ou a Morte!». O quadro se destina a preparar o espectador para o grande feito de Pedro I, mas deixa no espírito do assistente esta interrogação: «A quem se deve o famoso grito do Ipiranga?». Se, realmente, D. Leopoldina deu aquêle brado em S. Cristóvão, o cartaz de seu espôso, o «Imperador Galante», lá se foi de Ipiranga abaixo.

É evidente, que não se pode aprender História através do Teatro. Se o Cinema, com todos os seus imensos recursos, a desfigura e conduz para os caminhos da mercantilização, que esperar do Teatro, muito mais reduzido de possibilidades cênicas? O autor, nome consagrado na arte de escrever para o palco, conhecedor da História pátria e, especialmente, dos episódios que envolveram a existência do estouvado príncipe, não poderia dar ao público a narração da vida de D. Pedro I como realmente foi, a não ser que se realizasse entre nós o teatro à moda de Gil Vicente. Em «O Imperador Galante» se procurou focalizar os amôres ilícitos do nosso primeiro soberano, o qual, tendo vindo para o Brasil em idade de escola primária, antes da fuga do pai, ao invés de ser educado como exigia a sua linhagem, ficou entregue ao que de mais desordenado havia na colônia, continuando assim o herdeiro da coroa de D. João VI, numa convivência do mais sórdido chalacismo dentro e fora do Paço Imperial. Os biógrafos nos dizem, que o príncipe bragantino era inteligente, ardoroso, leal, sincero. O que o perdeu foi a ausência de educação. Estudou Música, chegou a compor e a escrever letras, como se viu com o próprio hino da independência; mas, como era analfabeto, o rapazinho! Seus bilhetes à amante são de uma estupidez siderúrgica. As aventuras de devasso lhe deram a pior fama que já se viu num príncipe, aqui e no estrangeiro. Nesse ponto a peça de R. Magalhães Júnior marcou a História em cheio. As dificuldades de Barbacena, a perambular pelas Côrtes européias com a missão de encontrar uma espôsa para o epiléptico do Brasil, tinham como base o mau nome do descarado conquistador de negrinhas. Sensual, erótico ignorantão e grosseiro, voluntarioso e audaz, possuía, porém, o nosso primeiro Imperador, uma alma generosa e nobre. Odilon, que interpretou o difícil papel de Pedro I nas duas etapas decisivas, a de príncipe regente e a de soberano do Brasil, soube encarnar a natureza do enigma número um, para os nossos historiógrafos e psicanalistas. Pedro I era generoso. Suas brigas seríssimas com os Andradas terminaram numa reconciliação comovedora. Ao tentar fazer da condessa de Belmonte o que estava habituado a obter com as Domitilas e as Saissets da rua do Ouvidor, viu o quanto era virtuosa a dama da Côrte, premiando-lhe a dignidade com o convite para ser a preceptora de seu filho Pedro II, a fim de que o menino pudesse ser um homem de bem na vida, um Imperador decente, com o espírito iluminado pelas virtudes daquela mulher incorrutível, tornando-se um exemplo de dignidade, saber e compostura moral, já que êle, o pai, mergulhara na lama da devassidão, da luxúria e do cafagestismo.

A peça de Magalhães Júnior nos apresenta o Imperador como realmnete era, e o seu intérprete se saiu muito bem. Nota-se que o autor procurou dar à figura principal um caráter mais para a comédia do que para o drama, que esta é a face fundamental da vida de Pedro I; mas, as ficções e enxertos metidos no argumento vêm amenizar a história e provocam gargalhadas da platéia. A História, como na verdade é, registra fatos muito mais culminantes do que os episódios esparsos aproveitados pelo escritor. Mas, é tão vasta a seara, que o autor fica deslumbrado e não sabe qual o roteiro mais proveitoso a seguir, quais as cenas que mais deve aproveitar e descrever.

O que faltou à peça de Magalhães Jr. foi amplidão. Se fôr aproveitada no cinema, e se o produtor puder mobilizar recursos, «O Imperador Galante» marcará o mais retumbante sucesso fílmico do país. Veja-se, por exemplo, o caso do ponta-pé que Pedro I desfechou na sua primeira mulher. (Cont. na pág. 47)

A Imperatriz Leopoldina ouve os conselheiros da Côrte Imperial. À esquerda, mão estendida, espada à cinta, José Bonifácio (J. Diniz).

O poder do Imperador Pedro I chegara ao fim. Pressionado fortemente por todos os lados, assina a abdicação, tendo ao lado D. Amélia (E. Levy).





O caso melancólico do Imperador exilado, ao morrer entre o Chalaça, sua filha, Maria II de Portugal e a espôsa (Sônia Morais).

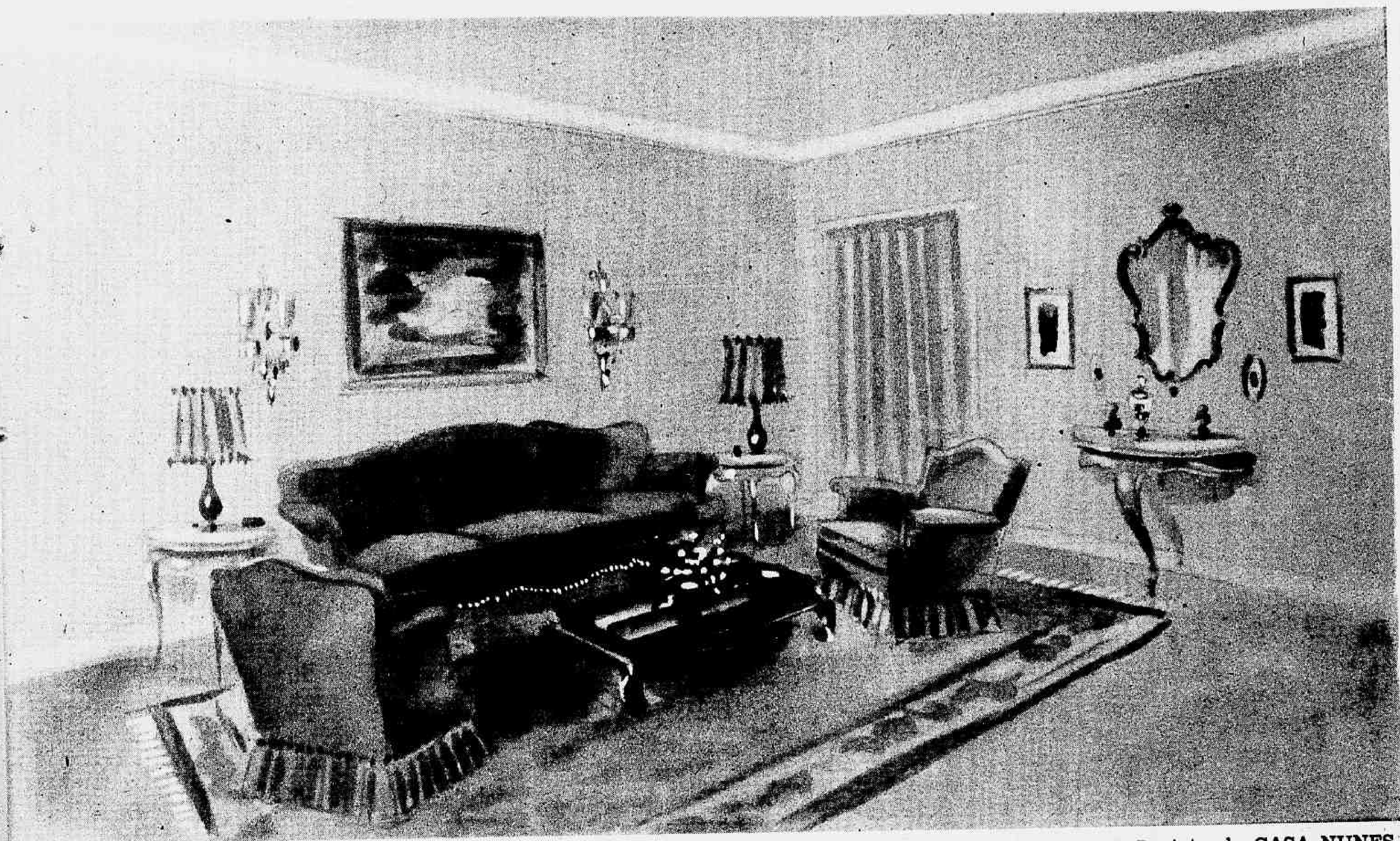
ÚLTIMO FLASH





A noite de 4 de agôsto marcou um dos mais sensacionais capítulos na história das ebulições trabalhistas do Brasil, com a inauguração solene do «Primeiro Congresso Brasileiro de Previdência Social», no teatro João Caetano. O conclave reuniu delegações de todos os Estados do país, presidido pelo sr. João Goulart, Ministro do Trabalho, em nome do Presidente da República. Começando-se os trabalhos, às 21 horas, precedidos por farto espoucar de foguetes, sòmente às duas e meia da madrugada do dia seguinte foram encerrados os trabalhos. As teses e discursos estiveram inflamados, havendo congressistas que atacaram rijamente o Congresso Legislativo, enquanto outros advogavam, francamente, a instituição de uma ditadura como sistema de defesa do direito proletário. Houve ainda quem previsse para um futuro próximo a mudança de nosso sistema de govêrno, concluíndo com o maior entusiasmo: «Queiram ou não, acabaremos numa República Sindicalista». Quem assim falava era o sr. Wilson de Barros Leal, delegado de Pernambuco e vereador naquele Estado. O representante de São Paulo também censurou os representantes do povo nas casas legislativas do país, os quais, «com pequenas exceções, estavam a serviço da classe patronal». O do Ceará mostrou como era diferente aquêle Congresso, dos que se realizam em Quitandinha. O ambiente era de grande entusiasmo e imperava a mais generalizada hostilidade anti-patronal. Nas fotos, um aspecto da assistência e da mesa sob a presidência do sr. Ministro do Trabalho.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES

TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores



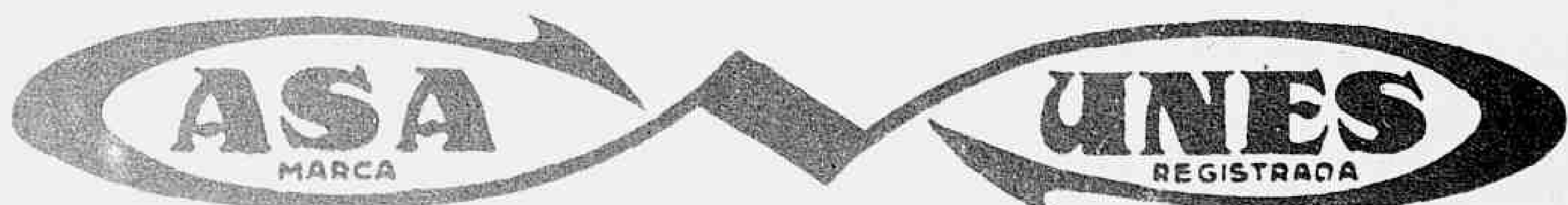
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS A MÃO

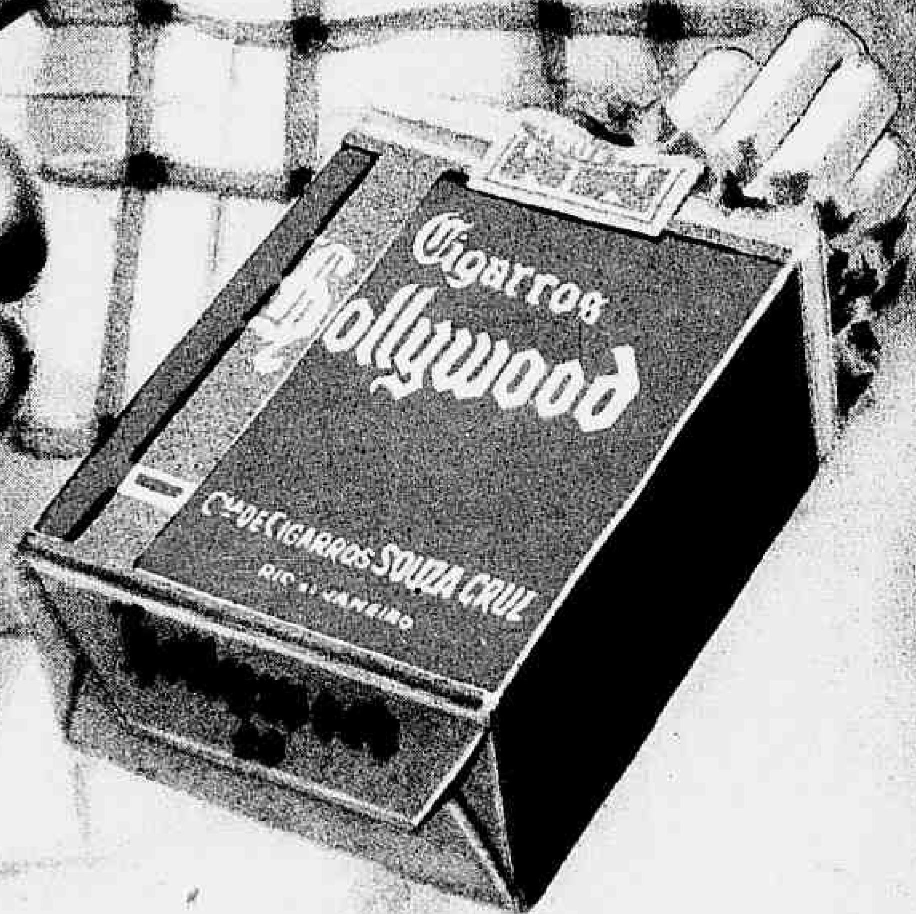
verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Uma
tradição
de
bom gôsto

CIGARROS
hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-66.014